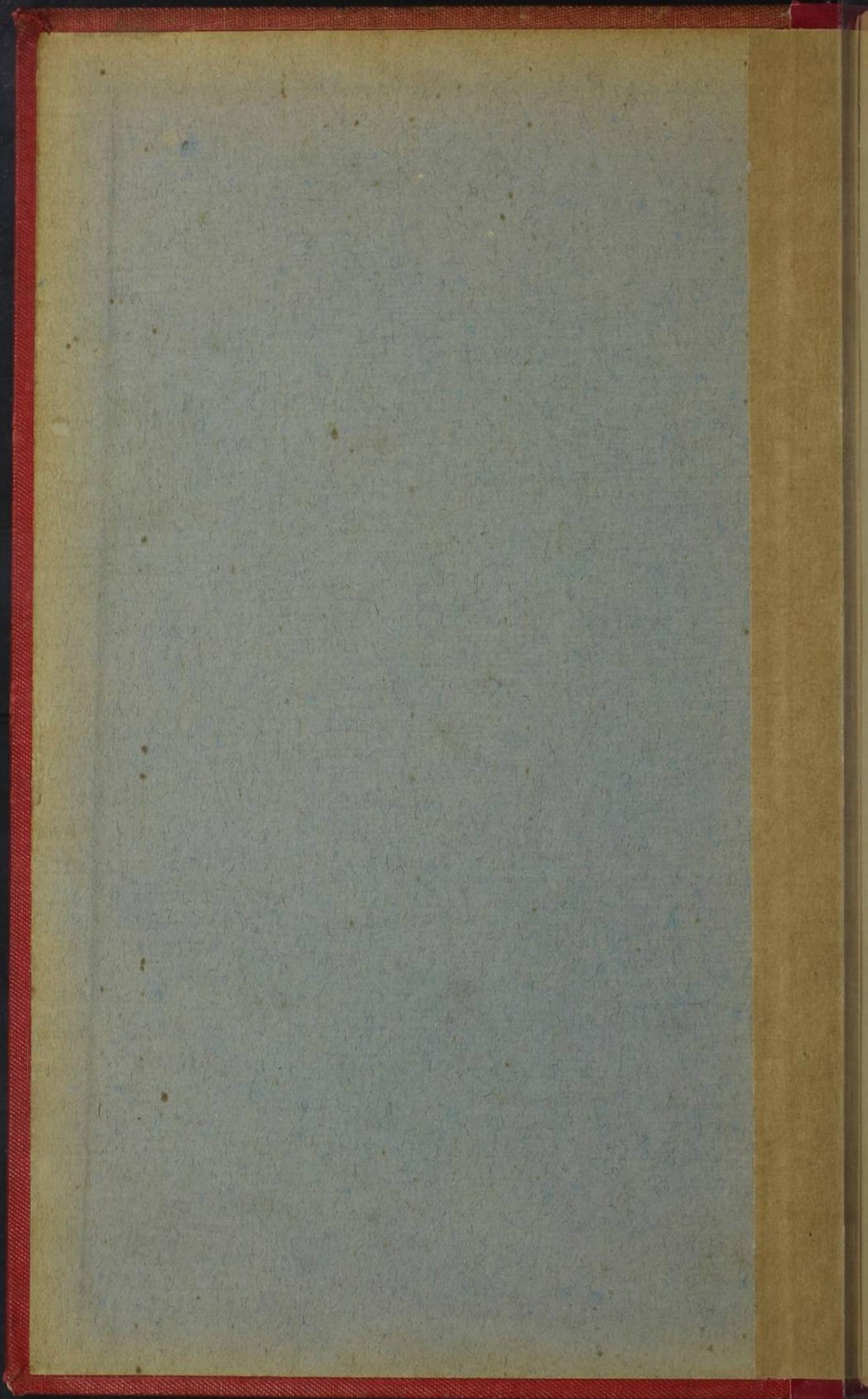


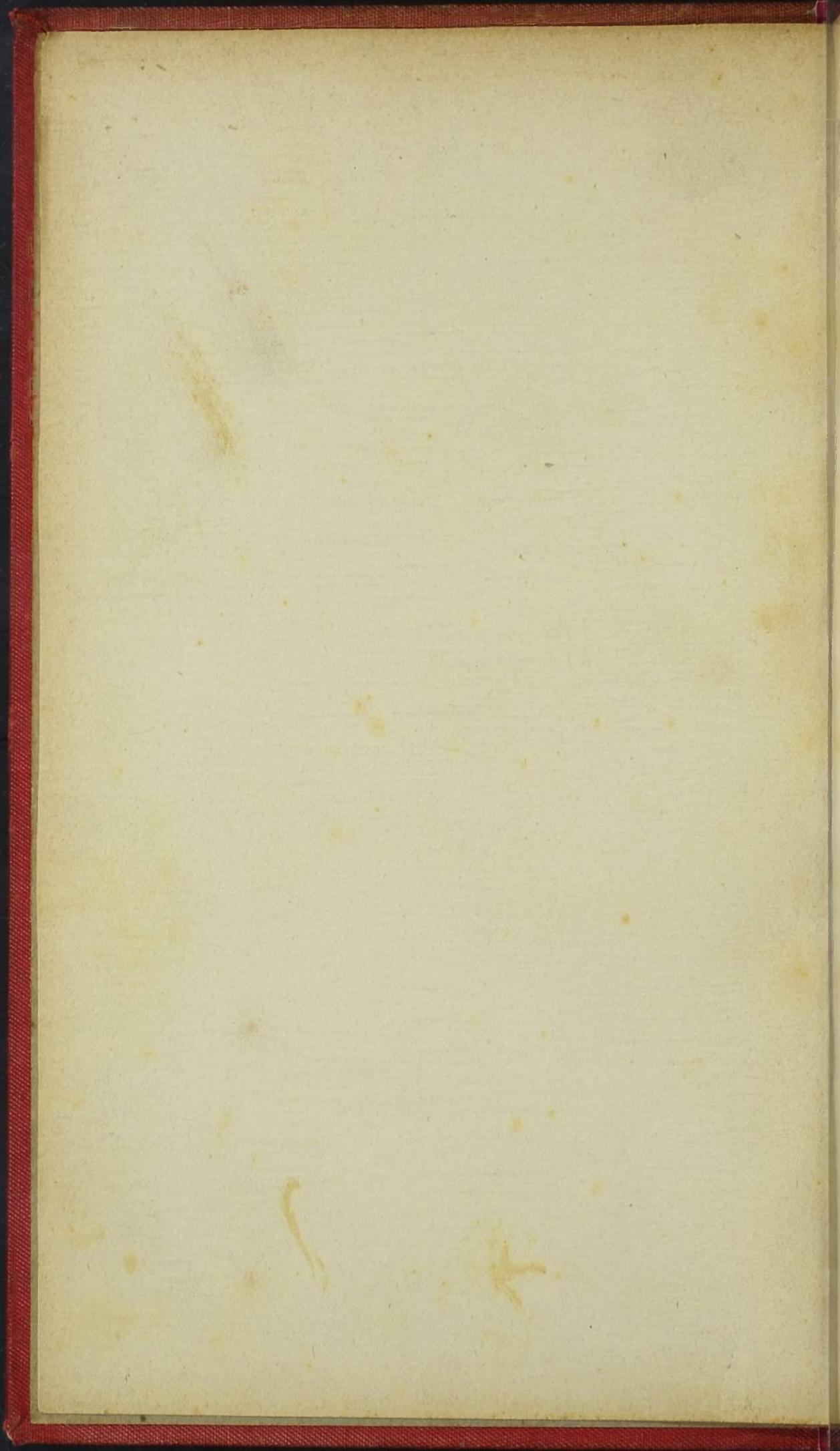
NOVELLAS
INFANTIS

BIBLIOTHECA
DAS
ESCOLAS



H. GARNIER EDITOR





A Memória Marietta Mattos
offerida a Escola Prudencia de
Morais " em premio pelo seu
applicoso e bom proceder.

S. Paulo, 28-11-1903.

O director

Jon B. de Brito

NOVELLAS INFANTIS

Ficção reservados todos os direitos de propriedade.

BIBLIOTHECA DAS ESCOLAS

NOVELLAS
INFANTIS

POR

LUIS RUIZ CONTRERAS



RIO DE JANEIRO

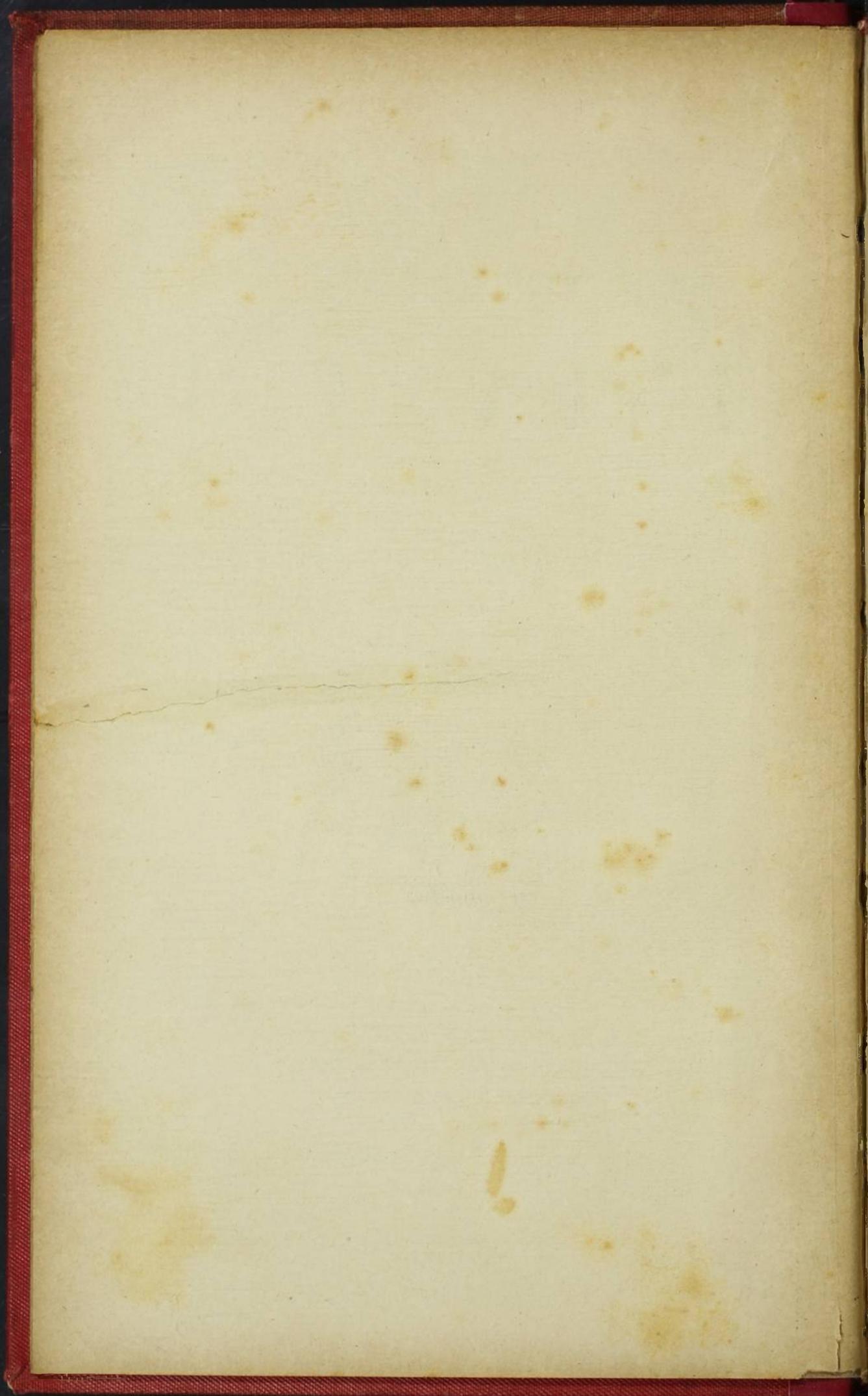
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA MOREIRA-CESAR, 71

E

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6

PARIS



PROLOGO

O camponio avisado, ao guardar os grãos da sua colheita, escolhe aquelles que julga mais bonitos e sazonados e os reserva para a sementeira que no seguinte anno lhe dará rico e saboroso fructo. Cada grão leva em si o germen de uma planta e póde medrar, se fôr posto em condições favoraveis, como tambem, se os elementos exteriores o não protegerem e ajudarem, póde mallograr-se e perder-se, tornando improductivo o que devera ser fructifero.

O bom camponio colloca em logar apartado a semente escolhida, cuidando sempre d'ella para que a luz e a humidade a não offendam e o ar e o calor a não sequem, exaurindo-lhe a força; porque dentro de cada grãosinho maduro fermenta o principio de uma força que, rompendo o involucro que o cobre, lutará um dia com a terra para buscar o fogo do sol e o oxygenio do ar.

Chega o tempo das sementeiras, e o que foi guardado com tanto cuidado é atirado ao sulco que acaba de abrir a cortante relha do arado; a grade vem atraz,

alisando o solo e cobrindo a semente, desde esse momento abandonada e em luta incessante com os elementos que a rodeiam : abafada sob a massa de terra, se ficou muito funda, e ameaçada pela rapacidade dos passaros e pelas inclemencias atmosphericas, se não passou da superficie.

Tambem vós, amaveis e bons meninos, como esses grãosinhos, tão depressa recolhidos com desvelo como logo arrojados ao sulco aberto, humido e quente, vós passais do regaço da vossa extremosa mãe, dos braços do vosso pae carinhoso, ao continuo lutar da vida, onde jamais encontra descanso o corpo nem tregua a alma; onde grandes e pequenos embarços parecem poderosos inimigos; onde a vossa inexperiencia vos póde perder, se não fordes cautelosos e a voracidade alheia vos póde devorar, se confiardes em fallazes caricias. Triste d'aquelle a quem os conselhos acertados de um protector desvelado ou o proprio instincto não nostram os mil escolhos da nossa sociedade : toda a sua força o não impedirá de succumbir.

Em vindo a primavera, lançaes um olhar sobre o campo verde e risonho.

— A vida é facil! — pensareis, acreditando que cada grão de trigo se converteu em tenra e delgada haste. Mas admirando o fructo dos vencedores não vos lembraes de quantos vencidos dormem enterrados mortos ao cabo de longa e exhaustiva luta, de quantos nem lutar puderam, presa de um passarinho que com elles matou a fome. Sim, o campo está florido; os vivos sugam a seiva dos mortos; os fracos succumbem na luta com os fortes; e os passaros cantam para os felizes, enquanto o sol os allumia e aqueuta.

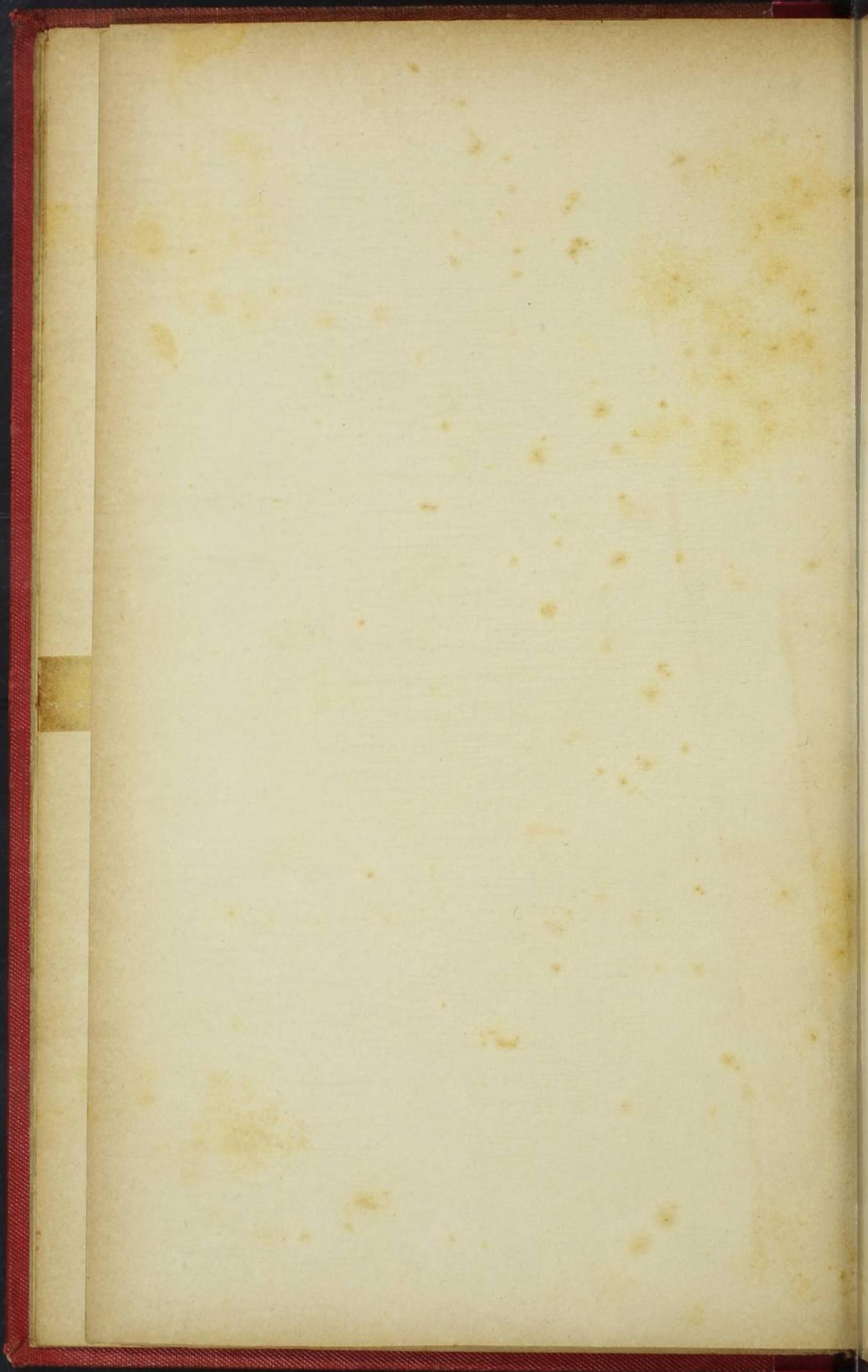
Tornam forte o homem a constancia, o estudo e o

trabalho; mas a cautela e a prudencia devem acompanhá-los. A vida é difficil; nem sempre é justo o mundo; quem mais sabe mais vale; o experto vence, e bem se póde ser experto sem deixar de ser honrado.

Se tivésseis de passar por uma taboa estreita lançada sobre a bocca de um precipicio, mediríeis com os olhos a distancia, ensaiaríeis com o pé a segurança do caminho e, de braços abertos á guisa de balancim, equilibraríeis o corpo cada vez que involuntariamente o inclinásseis para um ou outro lado. Pois fazei o mesmo quando entrardes na idade mais dura; mirae a senda por onde o menino chega a ser homem; observae as suas difficuldades e perigos; trabalhae para vencer as primeiras e afastar-vos dos segundos: muito conseguem a prudencia, o estudo e a constancia. E senão vêde o gymnasta que caminha sobre uma corda com a mesma segurança, e talvez mais ainda, que vós pelo chão largo e plano e facil. Quereis evitar e vencer as difficuldades e os apuros da vida? Estae sempre alerta e prevenidos, como se o vosso caminho fosse uma corda tesa nos ares.

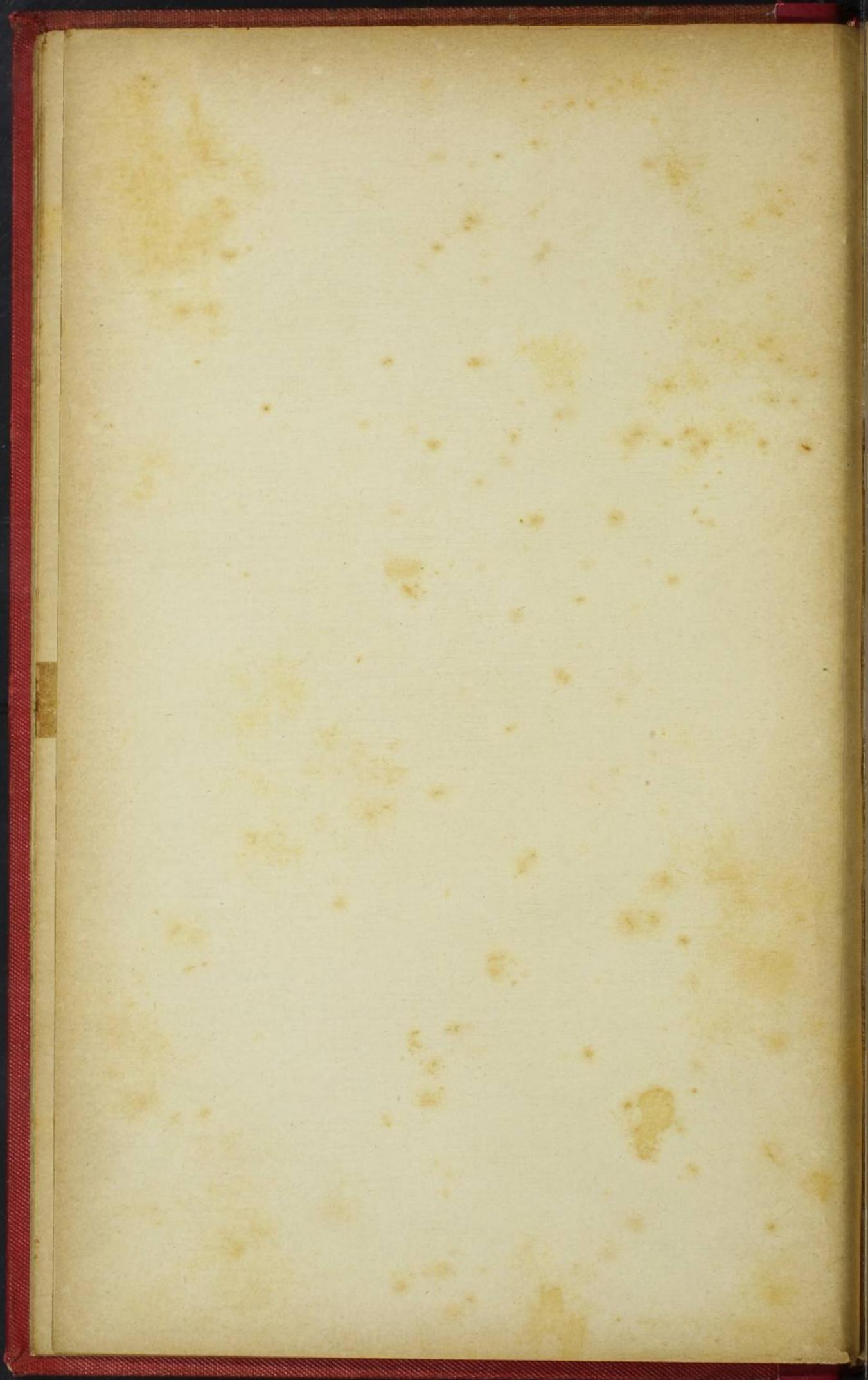
Com o pouco que acabo de indicar-vos, quando lerdes attentamente os capitulos d'este livro, comprehendereis porque o escrevi. Não vos quero explical-os, porque, se lhes faltar força para mostrar claramente a sua intenção ás vossas intelligencias louçans, não serei eu, pae ingrato, quem os livrará de tal apuro.

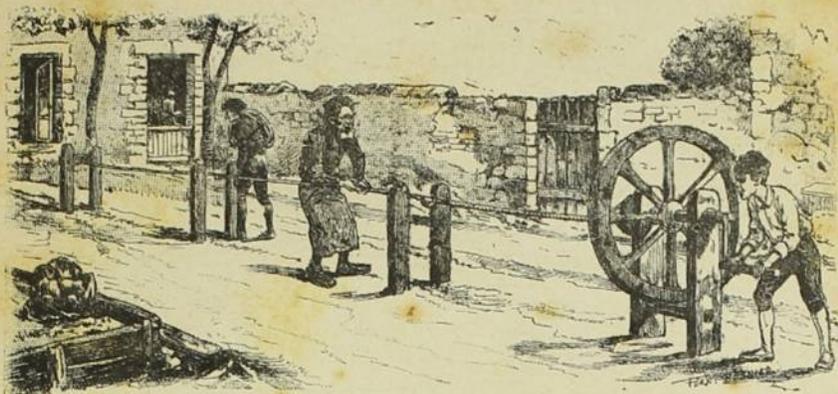
Madrid, 1.º de Junho de 1895.



A GLORIA CHEGA

À memoria do meu Luciano.





A GLORIA CHEGA

I

Era um casarão antigo, de larga portaria e espaçoso pateo; apenas transposto o humbral, via-se á esquerda uma sumptuosa escadaria com balaustrada de marmore; á direita duas portas davam entrada para a cocheira e cavalharia; no fundo largo portão de crystaes de côres communicava com o pateo á roda do qual porticos de arco abatido e de pilares quadrados sustentavam a espaçosa e bem collocada galeria para onde se abriam varias peças do andar principal, vivenda elegante de um rico marquez.

O pateo nunca estava deserto, mas sempre calado. Logo á entrada e á direita de uma fonte, fixara a sua roda um cordoeiro, que extendia de um extremo ao outro a sua obra de canhamo torcido. O cordoeiro, com

dous filhos, vivia em um commodo por baixo dos que tinham entrada pelo pateo. Os rapazes eram meninos, um de quatorze e outro de doze annos, e se chamavam Pedro o primeiro e Julião o segundo. O cordoeiro não era velho nem achacado, mas já contava sete primaveras além do meio seculo; todas as manhans, ás oito no inverno e ás cinco e meia no verão, assomava ao pateo com os dous filhos e começava a sua lida. Enrolava á cinta um feixe de canhamo cardado e prendia com um pouco de saliva e tres ou quatro voltas pausadas uma porção de fibras limpas em um dos ganchos em que termina cada carretel. Um dos rapazes agarrava a manivela do volante de madeira e o fazia rodar com afinco. Por cada volta da manivela e da roda o carretel e o gancho davam cem; o velho se afastava caminhando para traz e soltando com os dedos pollegar e indice das duas mãos fibras de canhamo que velozmente se retorciavam formando delgada e resistente corda. Quando chegava ao outro extremo do pateo o velho fazia signal com um eh! claramente pronunciado. A roda parava, elle atava a ponta do cordel a uma estaca, enquanto o pequeno fazia a mesma cousa do outro lado sobre outra estaca tambem fincada no chão, depois de desprender o cordel do gancho.

E volta ao mesmo : tu dá-lhe que darás á roda, e tu anda para traz como os carangueijos e vêm de novo á frente repetir a operação e enrolar á cinta novos feixes de canhamo quando se exgotta a provisão e vêr como se multiplicam os nós sobre a estaca e os cordeis sobre as forquilhas que os sustentam para que se não sujem por terra.

Quando o canhamo preparado se acaba, o velho desata de quatro em quatro o seus cordeis e os prende

de novo ao gancho dos quatro carreteis. Volta á roda o rapaz, e o velho, caminhando para traz, evita que se enredem ao seu hombro os fios que deante d'elle se retorcem uns sobre os outros, formando uma corda de quatro cabos. Assim prosegue a faina emquanto cordeis não faltam e muitas vezes as cordas de quatro cabos voltam aos carreteis para de novo torcerem-se e formarem cabos poderosos.

Emquanto o velho ajudado por um dos filhos faz cordas, o outro menino não fica ocioso : ou carda o canhamo batendo-o e puchando-o sobre um pente de largos dentes de aço, ou com uma faca, para marcar dous córtes e um fuso de madeira para rachal-as de alto abaixo seguindo a fibra, apara cannas que tecidas formarão lindos cestos. Porque o cordoeiro, quando a luz ou o canhamo se acabam, quando termina a sua tarefa, não sabe esperar de mãos encruzadas que venha a hora da comida ou do somno, e tece com brancos vimes, postos de molho na fonte do pateo, e brilhantes e douradas cannas, polidas pelos filhos, grandes e bonitos cestos que lhe dão quasi tanto ganho como as cordas.

II

O velho é feliz em tão simples vida; mas os filhos viram alguma cousa que os attrahe e seduz, que lhes aparta o pensamento de canhamo e da roda, dos vimes e das cannas. Pedro e Julião se achegaram com deleite

a uma das portas que se abrindo sob as arcadas do pateo dão accesso á officina de um esculptor. Estas *libações* de *alguma cousa* de ideal, que elles acariciam e que lhes parece amavel sem que o comprehendam sequer, se repetiram tantas vezes que por fim conseguiram ser attendidos pelo esculptor, homem ainda não maduro, porém gasto, moreno, alto, languido e amavel.

— O que querem, pequenos? — perguntou um dia o artista aos curiosos.

E elles dispararam a correr assustados.

Mas no dia seguinte a tentação tornou a pungil-os e voltaram á suas innocentes contemplações.

— Entrae, rapazes — gritou-lhes o esculptor bondosamente.

Julião e Pedro ficaram quietos, como se alguém lhes tivesse deitado uma pedra de gelo ao coração.

— Entrae, homens! — repetiu o esculptor. E elles entraram, de pernas tremulas, com os ouvidos a zumbir e o rosto mais corado que uma papoula.

— Olhae, olhae tudo, se vos apraz vêr isto; entrae quando quizerdes; tendes a minha permissão.

Essas palavras tão simples pronunciadas por um homem que nem sequer os olhava, occupado em modelar um busto, que devia ser um retrato, cahiram no cerebro e no coração dos rapazes como orvalho celestial de brilhantes e divinas notas. Não responderam então, nada viram ao principio, que emquanto os olhos se lhes humedeciam de lagrimas as mãos dos irmãos se buscavam para, tocando-se, sentirem que aquillo era realidade, para se convencerem de que não era sonho tanta ventura.

A officina do esculptor recebia pouquissima luz do

pateo, porém tinha grandes janellas abrindo sobre o jardim do Marquez. Pedro e Julião andavam de um lado para outro muito de manso e com cuidado como se, descalços, pisassem espinhos. Miravam e admiravam tudo; e ao distinguir, entre outros bustos, um cuja physionomia lhes era conhecida, gritou Julião entusiasmado :

— Olha, Pedro ; o Marquez.

Effectivamente era o retrato do inquilino do primeiro andar.

O esculptor largou os seus instrumentos e aproximou-se :

— Tu o conheces ! — disse.

— Sim, senhor — respondeu o rapaz, já desembargado; vi-o descer a escada muitas vezes. Oh ! é elle mesmo, mas está mais bonito.

Esta observação fez sorrir o esculptor, que se queixava frequentemente da ridicula mania de muitas pessoas que quando se fazem retratar, começam por exigir que os façam *mais bonitos* do que são.

— Se tendes affeição ás artes, porque não sois artistas? — perguntou o esculptor.

Outra coisa dissera elle ! Os pequenos se olharam, sorriram, fizeram beicinho, abaixaram os olhos e por fim respondeu Pedro tristemente :

— Porque temos de ajudar ao pae!

Havia na voz e expressão d'aquelles meninos alguma coisa de terno e sympathico, que commoveu o esculptor.

— Vejo que sois bons ; mas sem deixar de servir ao vosso pae, não seria difficil que aprendesseis alguma coisa, pois tão franca vocação mostraes. Bem noderieis

cardar o canhamo e preparar as cannas de noite, ou de manhan cedo, e no correr do dia, enquanto um dêsse á roda, o outro viria trabalhar o barro.

Os pequenos se olharam alvoroçados, com os olhos luzentes.

— Está dito então? — perguntou o esculptor divertido com as inexplicaveis emoções dos dous innocentes. — Logo fallarei a vosso pae e tudo se arranjará. E com esta vão-se embora, que já vos chamam.

Pedro e Julião levantaram os olhos para o artista que lhes sorria com um sorriso que lhes parecia angelico; de bom grado se arrojariam aos seus pés para os beijar, mas o respeito n'elles venceu a explosão de agradecimento e não se atreveram.

Ao cordoeiro não soube muito bem tal arranjo, porém cedeu sem resistencia quando o esculptor lh'o propoz. E cá temos os nossos jovens a caminho da celebridade.

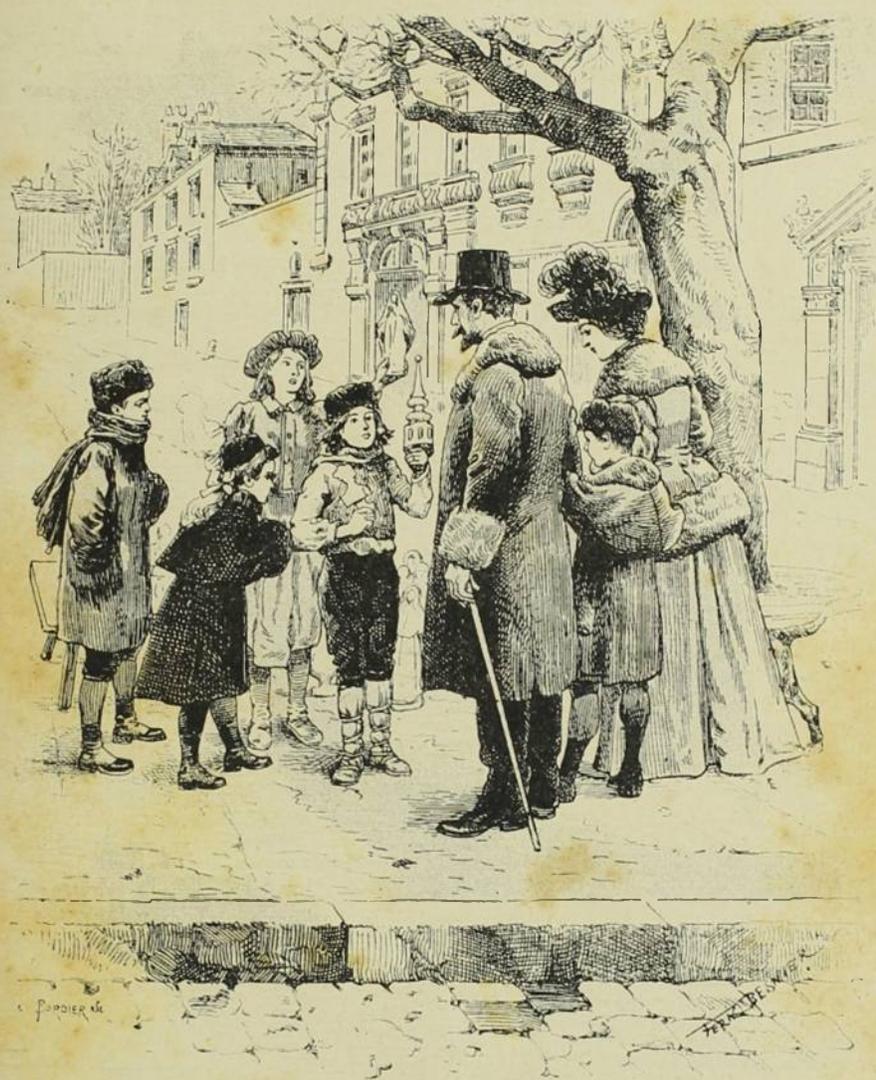
III

Correram alguns mezes.

Pedro e Julião, infatigaveis, não esmoreciam no trabalho com o pae, nem deixavam de frequentar a officina do artista.

Chegavam as festas da natividade e os pequenos do cordoeiro não tinham repouso; dia e noite trabalhavam sem descansar, dissimulando sempre as fadigas. O

velho chegou a esquecer a paixão dos filhos pela arte; tão bem o ajudavam estes e com tamanho ardor que entendeu lhes premiar a assiduidade deixando que



cada um torcesse seis peças de canhamo, que entre as mãos dos mocinhos se transformaram em bem lavradas cordas. E o pae elogiou o trabalho, certo agora de que, como elle, Pedro e Julião seriam cordoeiros.

Com o anniversario do nascimento de Jesus, os meninos fizeram uma festa estrondosa. Todos nós vimos ou preparámos os *Belens* ou *Nataes*, com o seu alpendre e o presepio, com as suas montanhas de alcorce e os rios de crystal, o seu mar de folhas de estanho e as planicies arenosas, seus prados feitos de musgo, seus campos de trigo semeados e seus bosques floridos em que abundam as pinhas, as bolotas e os medronhos. Disseminados pela esplendida paizagem, quem não collocou pastores e zagalas, rebanhos de cordeiros e tropas de cavallos, varas de porcos e bandos de ceifadores? Quem não fez destacar sob o alpendre, junto ao estabulo, uma imagem da Virgem Maria, sentada com o Filho nos braços, outra de São José apoiado á sua florida vara, a mula e o boi contemplando aquelle quadro com ar de intelligencia e os tres Reis Magos ajoelhados aos pés do Menino e lhe offerecendo ouro, incenso e myrrha?

A execução de figurinhas como essas que são ornato dos *Belens* e encanto dos meninos foram durante alguns dias a preocupação e tarefa assidua de Pedro e Julião. Foi o segundo quem teve essa idéa; o primeiro viu n'ella um lucro facil e ambos se atreveram a ir consultar o artista. Este applaudiu o pensamento e lhes facilitou o trabalho. Os rapazes, que já sabiam manejar os esboçadores e modelar o barro, fizeram varias figuras de homens e mulheres em posturas differentes: um homenzinho cortando lenha, uma mulherita lavando roupa no rio, um rapaz tirando do poço baldes cheios d'agua, um velho que lá ia de viagem montado no seu burro, e a Virgem e São José e os Magos nas suas attitudes tradicionaes, admirando e adorando o Menino

Jesus, que núsinho e gorducho, tinha raios de sol sobre a fronte e sorrisos de amor nos labios.

Aquellas figurinhas, feitas da argilla fina de que se servia o artista para os seus trabalhos, tomaram fórma e caracteres humanos sobre a pressão dos dedos de Pedro e Julião e ao roçar dos esboçadores de buxo que auxiliavam as suas delicadas operações, esboçadores perfeitamente lavrados, uns lisos e terminando em pontas cylindricas ou diversamente achatadas e curvadas como as facas dos sapateiros, e outros rematando em forma de dentes de serra ou formando um angulo em um extremo, como um A de traços grossos. Com estes instrumentos, um panno molhado e a saliva que não poucas vezes ajudava nas pontas dos dedos, fazendo-os correr agil e levemente, alisando a superficie do barro, com gosto para o trabalho e paciencia de sobra, conseguiram os filhos do cordoeiro apresentar em poucos dias uma collecção de figurinhas acabadas e graciosas.

Foi preciso então preparar os moldes, para o que deliram gesso n'agua, cobriram com a pasta primeiro uma metade de cada figura — depois de banhar esta com agua de sabão — depois engrossaram a casquinha e quando esta, secando, adquiriu solidez, recobriram de igual modo o resto das figuras, logrando assim obter em ouco o que com tal primor tinham feito em vulto. Esses moldes perfeitamente esvasiados e limpos, divididos em varias partes, conforme requeria a posição de cada figura, elles foram tornando a encher muitas vezes e produzindo assim uma multidão de figuras iguaes. Quando estas secaram, levaram-nas ao forno, onde se recozeram, ficando duras como pedras, e finalmente as pintaram caprichosamente, sem esque-

cer nenhum detalhe; morenos e seccos os rostos dos homens, frescos, vivos e rosados os das mulheres; os trajos d'aquelles, pardos e negros, cinzentos ou azues; e os d'estas verdes e roxos, vermelhos e amarellos, vistosos e brilhantes. Azul celeste os mantos das Virgens, côr de palha as tunicas dos S. Josés, de ouro brilhante o resplendor que circundava a fronte do Menino... Muita pincelada deram de varias côres e matizes. E quando tudo ficou prompto, seccas as côres e os vernizes, puzeram aquelle povo bigarrado sobre dous grandes taboleiros e levando cada um o seu sobre a cabeça, galhardos e cheios de alvoroço, sahiram pelas ruas e praças á procura de compradores.

E não tardaram em achal-os. Os garotos das ruas os seguiam de bocca aberta e os meninos que acompanhados pelos paes ou as creadas percorriam a feira perguntavam o preço e adquiriam com ardor alguns d'aquelles interessantes personagens de barro. Pedro e Julião estavam inteiramente satisfeitos, porque as suas obras eram admiradas e o seu trabalho bem retribuido. A bolsa em que guardavam a fêria ia augmentando á proporção que diminuia o numero das figuras nos taboleiros. Quando o ultimo Menino Jesus e o ultimo lenhador foram adquiridos por uma menininha chorona que com estrepitosa furiasinha os reclamava, vendo os rapazes exgottada a sua mercadoria e repleta a bolsa, deitaram a correr para communicarem ao pae o seu triumpho e a sua fortuna.

N'aquella tarde o velho não fizera cordas, para deixar inteira liberdade aos filhos, e entretinha-se com os seus cestos de cannas, quando sentiu abrir-se a porta do quarto.

— O que ha? — perguntou, sem levantar muito a voz nem mudar de postura.

— O que ha? — disse Pedro triumphante e sacudindo a bolsa; — ha que trazemos duzentos e trinta e seis reaes.

— Tanto não ganho eu em mez e meio de trabalho.

— Tome lá, papae, para comprar um bom colchão e dormir bem sobre elle.

O cordoeiro beijou ternamente os filhos. Era para elle uma surpresa o terem ganhado os pequenos aquella somma com o que sempre tivera na conta de occupação inutil, e, sentindo-se vencido pela incomparavel docilidade de Pedro e Julião, disse-lhes :

— Desde amanha servireis sómente a esse senhor artista que vos póde ensinar taes cousas; tomarei um aprendiz para dar á roda e viveremos como pudermos.

IV

Assim se fez. O esculptor soube com prazer da decisão tomada pelo cordoeiro, e se offereceu para dar aos meninos a educação de que careciam. Fel-os assistir ás classes de desenho da Academia de Bellas Artes e as licções de Anatomia e de Esthetica. Ensinou-lhes depois a historia da esculptura, para que se familiarissem com os grandes mestres e pudessem apreciar as differenças entre as estatuas gregas, correctas e puras, as da renascença, vigorosas e inspiradas, exu-

berantes de força e phantasia, ainda que por vezes de proporções irregulares, e as modernas, em geral demasiado cingidas ao modelo escolhido pelo artista, limitadas a uma cópia rasteira da realidade, representando fracamente uma idéa, muitas vezes formosa, porém nunca espontanea, com attitudes precisas, porém frequentemente rebuscadas, privadas d'aquella facil elegancia, que não deixa vêr as vacillações do artista.

Emquanto isso, não descuravam do modelado e do estudo directo do natural; depressa fizeram alguns retratos em busto e começaram a projectar assumptos, esboçando-os originalmente, conforme lh'os suggeria a imaginação.

O tempo, que não espera por ninguém, corria sem cessar, e quatro annos se escoaram sem que Pedro e Julião passassem da qualidade de alumnos estudiosos á de verdadeiros artistas. É muito geral enganar-se a gente com os *gostos* e as *disposições* das creaturas.

Ha meninos que, ao mesmo tempo que têm grande gosto por um trabalho qualquer, mostram perfeita incapacidade para elle, perdendo o tempo que paciente-mente empregam no empenho de realisal-o.

Outros, ao contrario, com excellentes disposições para certas artes, carecem de vontade e não sabem cingir-se a pesados e laboriosos estudos, imprescindiveis nos principios de toda profissão.

Nem os primeiros nem os segundos chegam aonde os guiam as suas aspirações ou suas faculdades. Para conseguir ser alguma cousa na mais elevada carreira, como no mais insignificante officio, são necessarias aptidão marcada e constancia no trabalho. Só assim se pôde prosperar e brilhar, senão nas eminencias da Fama, que poucas vezes se offerece, ao menos em

posição folgada, em bom conceito dos outros. A Gloria, nem esses seguros caminhos conduzem; a Gloria... chega com o genio, excepção difficil de distinguir entre os talentos vulgares, e algumas vezes com as circumstancias que collocam em perfeita communhão o artista que produz e o publico que admira, inspirados todos por uma idéa dominadora. Assim, pois, não ha desvanecer-se pensando na Gloria, e sim preoccupar-se afinando e discutindo o trabalho.

Guiados pelas lições do bondoso esculptor, assim fizeram Pedro e Julião e assim lograram, com o producto das suas vigílias, offerecer ao pae uma casa commoda e tranquillã, uma mesa limpa, e comida boa ainda que simples, com alguém que vinha fazer o serviço e dispensar o cordoeiro de fazer a cama e lavar os pratos.

V

A roda, que durante muitos annos os fizera viver, encostada a um canto, esperava que alguém d'ella fizesse lenha para o fogo, unico serviço que podia prestar, quebrada e desconjunctada como estava. Pedro propoz um dia que a queimassem, porém Julião reprochou-lhe a ingratição. Isso, que pareceu a Pedro uma tolice, era um bom conselho. Devemos ser gratos ás pessoas que nos favorecem, aos animaes que nos ajudam e até aos objectos que nos servem. A velha roda carco-

mida, com essa immovel expressão das cousas inanimadas, recordando talvez á familia inteira o trabalho penoso, as horas passadas expostos ao tempo, os dias de frio insupportavel e os de insupportavel calor, a escravidão e a miseria do jornaleiro, lhes inspirava paciencia e caridade, constancia e satisfacção no trabalho productivo, attentões e cuidados para com os miseraveis.

O cesteiro se aborrecia sentado na sua macia poltrona ou dando voltas pelas ruas, com a sua camisa limpa, chapéu de castor e fato nunca remendado nem desbotado. Para entreter os seus ocios voltou a fazer cestos de vime, não como os que antes fazia, largos e fortes, porém pequenos e primorosos, brilhantes e finos, de fórmãs e côres variadas. Os filhos, desejosos de provar-lhe a sua gratidão e amor, diziam-lhe que deixasse taes trabalhos, porque os dous ganhavam bastante para os tres viverem com folga. Mas o carinhoso pae lhes dizia, com lagrimas de ternura nos olhos :

— Se eu fosse illustrado, se ao menos soubesse lèr e escrever, se entendesse as cousas do mundo para atrever-me a discutil-as... Mas sou um pobre cesteiro, que só cestos sabe fazer. E olhae como afinei a minha obra ; só n'ella encontro distracção e entretenimento, e o meu trabalho me ajuda divertindo-me as horas.

Um dia o esculptor disse a Pedro :

— Vae a concurso um logar de ajudante da classe de modelado : queres concorrer ?

Ser professor na Escola de Bellas Artes, d'onde aprendera tanta cousa ! Isso nunca sonhara sequer.

Decidiu-se a entrar em concurso e venceu aos concurrentes. Que victoria ! já tinha uma posição official

o filho de um pobre cordoeiro, que tantas horas tinha passado dando voltas á roda, inteiramente inconsciente do seu futuro. No anno seguinte passou de ajudante a professor titular e o seu nome foi conhecido e as suas obras discutidas e elogiadas.

Durante esse tempo, estimulado pelos progressos do irmão, trabalhava Julião em uma obra colossal que, por conselho do seu carinhoso mestre, queria enviar á Exposição de Pariz.

O prazo era curto e em breve terminava. Julião trabalhou como um mouro, a todas as horas, aproveitando desde o primeiro clarão da aurora até o ultimo do crepusculo da tarde; de noite á luz de uma lampada e de meia duzia de vélas retocava e contemplava sem cessar a sua grandiosa figura, um pensamento magnifico e interpretado com largueza: « Cervantes lendo o Quixote de Avellaneda. » O desdem, a compaixão, a ira que resplandeciam no rosto do estropeado de Lepanto, ao vêr como um atrevido havia profanado a sua criação narrando falsas aventuras do fidalgo manchego, a fronte irradiando saber e gloria, os pés e o corpo em bella postura, calçados aquelles com pobres sapatos e vestido este com surrado trajo, em que se mostravam o arranjo e a limpeza do homem se defendendo contra a miseria; o volume coberto de pergaminho, sustido pela mão fina e nervosa; tudo, até o menor detalhe de attitude ou fórma, revestia uma realidade, uma graça, uma inspiração encantadora.

A estatua foi a Pariz e alcançou um premio. A imprensa toda repetiu o nome de Julião, enchendo-o de louvores, e o mundo inteiro soube que tinham nascido dous novos esculptores para o mundo das artes.

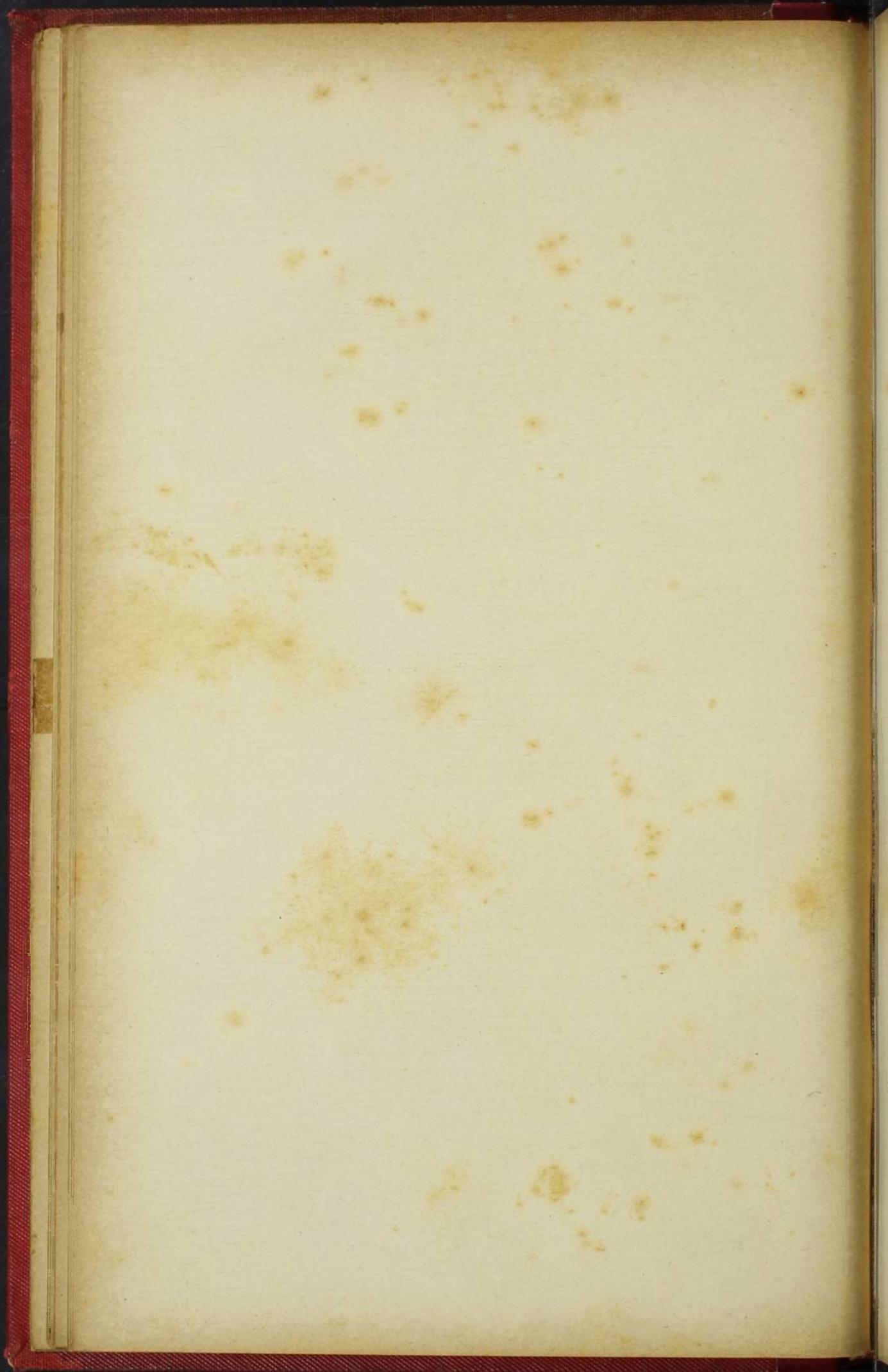
A gloria chegou brilhante e espontanea, franca e

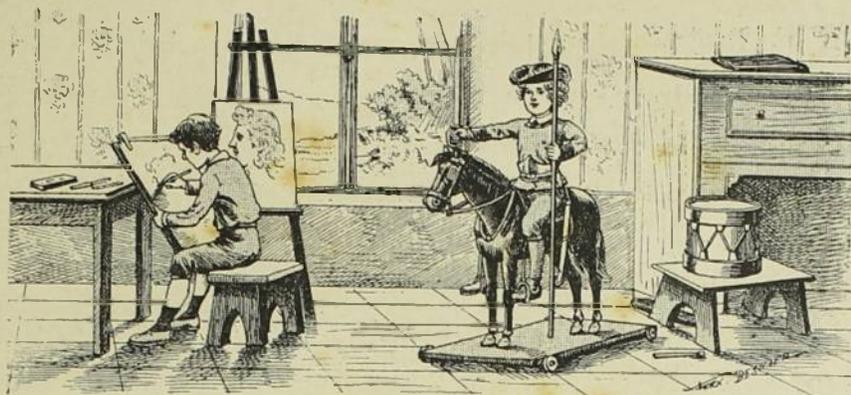
estrondosa, para um e para outro, quando menos esperavam, e o velho cordoeiro pode morrer com a satisfação de que o seu honrado nome, sua memoria, e seu officio talvez, passariam á posteridade illuminados pela fama dos seus filhos.



GEITOSO

Ao meu pequeno Luiz.





GEITOSO

I

Quando Raymundo e Joaquim paravam defronte de uma esplendida prateleira cheia de brinquedos, depois de olhar longamente e avidamente, extaticos e mudos, fascinados por tanta belleza e tamanha abundancia, cada um reflectia em poucas palavras não só as impressões do momento como também os seus mais secretos instinctos.

— Que bonito é aquelle! — dizia Joaquim, apontando para o brinquedo mais deslumbrador, mais vistoso e mais caro.

— Para que serve aquillo? — perguntava Raymundo, referindo-se a qualquer machinismo engenhoso, em que a utilidade era mais visivel do que o luxo.

E depois de muito hesitar, entravam na loja, já tendo cada um feito a sua escolha.

Os paes de ambos eram ricos e complacentes, duas condições que reunidas parecem fazer a felicidade das creanças. Nunca ralhar e lhes dar tudo quanto desejam. Quem poderia sonhar vida melhor?

Raymundo era um anno mais moço do que Joaquim. Este, aos nove, tinha um velocipede, uma espingarda de ar comprimido que atirava *flechas*, um chapéu armado de general, uma couraça e capacete, cinco espadas diferentes, um theatro mecanico e uma diligencia com quatro briosos cavallos brancos forrados de *verdadeira pelle* de cavallo, chicotes ás duzias, cornetas, bengalas, etc.

Raymundo, n'esse tempo, isto é, aos oito annos, brincava com uma caixa de peças de cartão e madeira com as quaes formava construcções, reproduzindo assim em relevo os modelos que via desenhados: recortava primorosamente rectangulos de papelão e com elles fazia caixinhas, que forrava de papel imitando couro ou seda; com uma serrinha muito fina, pertencente a uma caixa de ferramenta de carpinteiro (tambem propriedade de Raymundo), serrava em taboinhas de caixas de charutos lindas molduras para photographias, porta-relogios, ou pequenas estantes; mil primores que os amigos da casa não cessavam de elogiar.

— Que paciencia tem elle! — diziam uns.

— Este menino é devéras habilidoso — acrescentavam outros.

E enquanto Joaquim atroava os corredores com o seu velocipede, tocando corneta e escalavrando as paredes ou disparando flechas contra os vidros, Ray-

mundo, assentado junto de uma mesa coberta com os seus badulaques, terminava qualquer obra primorosa ou estudava o meio de realisar alguma que por condições especiaes e difficuldades sérias não podia de prompto executar.

II

De noite, quando, mais uma vez livre das occupações que o retinham fóra, o pae voltava á casa, toda a familia esperava a hora da ceia em um grande salão quadrado, reunidos junto de uma bonita e bem accesa lareira, se era inverno, ou ás janellas de sacada abertas no tempo de verão.

O pae dos dous meninos, homem de grande mundo e de altos negocios, casado com uma mulher aristocratica e vivendo na opulencia, teve sempre um costume tão arraigado que para os que o rodeavam era quasi uma tyrannia. Tendo tido um nascimento humilde e separado aos quinze annos do pae carinhoso e da mãe extremosa para correr mundo atraz da fortuna, que conquistou afinal, atravessando tristezas e amarguras umas vezes e horas de alegria em outras, tinha se educado para uma sociedade muito differente da que o creara, que era modesta e pobre : formara em si uma segunda natureza que lhe impoz mil necessidades modernas que jámais sonharam os mais ambiciosos dos seus; esquecera tudo e a todos para entrar na sua nova e esplendida existencia.

Apenas uma recordação lhe ficara da infancia, uma recordação doce e risonha, que nunca se lhe poude apartar da memoria. Quando estava em Inglaterra encerrado nas humildes officinas de uma fabrica, ouvindo sem cessar o estrepitoso e continuo ruido das machinas, n'um paiz frio e ingrato, sob a nevoa perenne que o priva dos raios do sol, ultimo consolo dos tristes e desvalidos; viajando pela Allemanha, percorrendo cidades e mais cidades, com albuns de amostras debaixo do braço, com a carteira e o lapis sempre promptos para tomar notas de novas compras ou novas vendas; nos trens dos caminhos de ferro, levada a todo vapor: nos balcões das lojas gabando e garantindo a superioridade das suas mercadorias. como nas ruas cheias de povo, mas sempre desertas para o seu coração; depois em Pariz, já rico e prospero, á testa de uma casa bancaria; em Madrid, finalmente, elegante e reservado, conhecido por todos, invejado por muitos; por toda a parte, a todas as horas superpondo-se a tudo o que pudesse sentir, sobre tudo o que lhe mostravam os proprios olhos, descobria o negociante o mesmo quadro, as mesmas imagens e sensações. Uma sala quadrada, com uma mesa de pés de cavalletes no centro e pendente do tecto sobre a mesa um lampeão; defronte da porta de entrada, uma varanda que dava para uma horta, e, na parede entre a porta e a varanda, ampla lareira saliente por tres lados, sustentando a metro e meio do solo um armario em que se viam livros, candelabros, um tinteiro com pennas de ave, duas bandejas de metal amarello e vasos de crystal grosso. A lareira estava acesa e sentados junto d'ella viam-se um homem já velho, de feições accentuadas, de pelle ama-

rellenta e barba branca, que umas vezes lia e outras vezes contemplava as chammaas ou remechia o borralho com um pau; uma mulher, nem joven nem formosa, porém tendo na physionomia e em todo o seu ar alguma cousa de angelico e de resignado com, as mãos sempre occupadas com um trabalho de meia em que multiplicava rapidamente os pontos, e entre a mulher e o homem, sentado ao pé da mesa, dobrando papeis para fazer *passarinhos* ou assando batatas e castanhas ao fogo, um menino, que já então sonhava com grandezas, sem ter visto o mundo nem conhecer outra cousa senão incessantes miserias.

Lembrado d'aquella scena intima de familia, reproduziu-a em casa quando teve filhos, com desejo de convertel-a em tradição veneravel.

Desde as nove da manhan o pae sahia e, occupado longas horas com os seus negocios, nunca voltava antes das sete da tarde. Emquanto isso, a mamãe não descuidava da lida caseira e dos deveres sociaes de que não pôde prescindir uma familia de uma classe elevada, e os meninos, depois de revêr as suas licções, ouviam a explicação do mestre, que ia ensinar-lhes das dez ao meio dia.

A essa hora, tendo cumprido o seu dever, Raymundo e Joaquim almoçavam com a mamãe. Depois um creado ajudava a vestil-os e os acompanhava ao passeio. Às cinco já cansados de correr, entravam para a casa que amotinavam com os brinquedos até as sete horas, que era quando o papae voltava e a mamãe já estava em casa.

Das sete às nove recolhia-se a familia á sala quadrada, de varanda aberta no verão, de fogão acceso, se era inverno. A mamãe bordava e o papae lia, conver-

sando a espaços entre si. Joaquim mechia-se d'aqui para alli como um passarinho engaiolado, mas sem se atrever a protestar contra a clausura, e Raymundo desenhava ou pintava em um d'esses albums preparados para a infancia, em que uma série de imagens concluidas e outras apenas indicadas servem para acostumar os meninos á representação imitativa da linha e da côr.

As nove horas vinha um creado dizer que estava posta a mesa para a ceia. Depois da ceia iam dormir os pequenos, e os paes em certas noites vestiam-se para ir ao theatro ou a algum baile ou partida.

III

Com os annos foi augmentando, em vez de diminuir, o gosto de Raymundo pelas artes mechanicas. Tambem em Joaquim o tempo refinou o gosto pelo luxo e aos brinquedos caros succederam os objectos ricos de uso ou de simples prazer. Raymundo queria ser doutor em medicina e cirurgia; Joaquim sonhava com ser artilheiro. Raymundo estudava tudo com gosto acreditando, sem indagar muito a razão, que todos os os conhecimentos são uteis e que, embora não pertençam á profissão escolhida, podem lá um dia ser de de auxilio e proveito n'uma occasião difficil. Não encontrou embaraços para estudar as linguas, como não achou para a rhetorica ou para as mathematicas,

O seu labor intellectual, que se consagrava de preferencia ás sciencias naturaes, não desprezou as exactas, nem mesmo as didacticas ; tudo encontrava applicação proveitosa n'aquelle cerebro raciocinador e perseverante. Nada desprezou, pois que de tudo esperava tirar partido em tempo, e, de tudo esperando auxilio, emprehendia com ardor qualquer trabalho.

Bem differente era Joaquim. Assim que escolheu a carreira que devia seguir, começou a dispensar os cursos que *para nada lhe serviriam*. Não quiz estudar Logica, nem Historia Natural, cousas inuteis ; e depois de passar pela rama, *porque carecia dos attestados de exame*, a Grammatica Latina, Geographia e Historia, metteu-se a estudar Mathematicas elementares, com os programmas da Academia á vista, para estudar bem o necessario, porém, *nem uma palavra mais*.

Não lhe interessava a sciencia. O que elle queria era ser artilheiro. Como se o homem que caminha de olhos vendados para o futuro, sem saber onde e como acabará os seus dias, pudesse assim reduzir a sua carga, as provisões de conhecimentos que nos offerecem e que sempre rejeitamos ou escolhemos com presumçosa confiança!

Raymundo desenvolvia muita habilidade nos seus estudos e d'ahi veio chamarem-lhe os collegas e até os professores de *Geitoso*. Estudando Geographia, copiava os mappas, ora augmentando ora reduzindo as proporções do modelo, para fixar na memoria os contornos e a orientação das linhas. Em Historia fazia quadros synopticos de reis, nações e batalhas, reunindo feitos diversos, succedidos na mesma data, correspondentes á mesma raça ou relativos a povos da mesma religião;

pelo mesmo processo ordenava a chronologia dos reis, servindo se de côres para representar os povos differentes. Os Egypcios, por exemplo, inscreviam se n'uma facha de côr verde; os Phenicios n'uma vermelha e n'uma amarella os Assyrios. Quando um povo realisava uma conquista sobre outro, junto ao nome do rei em cujo tempo foi essa conquista dava elle uma pincelada da côr da nação vencedora sobre a vencida. Estes quadros, estas representações graphicas, offerecendo á memoria o conjuncto dos acontecimentos em vez de os mostrar um a um, os fixam facilmente, pois assim ajudam os sentidos á intelligencia.

Chegando á Geometria, applicou-se o engenhoso Raymundo em recortar em cartão os polygonos regulares e construir os polyedros ou corpos geometricos, cujas condições e propriedades não são faceis de comprehender, se só se veem desenhados ou já construidos. Quem se dá ao trabalho de os construir, faz uma quantidade de apreciações, que não deixam esquecer facilmente a sua construcção, esclarecendo os theoremas que a ella se referem. Mas onde o Geitoso mostrou a força da sua habilidade e paciencia foi ao estudar a Historia Natural e a Physica.

Com que afan fabricava e arrumava lindas caixas para os mineraes e os insectos! Com que ardor procurava *pedras* e borboletas! Com que cuidado e esmero impressava as plantas entre folhas de papel chupão, que mudava todos os dias, e com que gosto as cosia em cartões formando artisticas folhas para o seu herbario! Com que delicadeza, depois de os limpar e clarear em um banho de cal viva, montava os esqueletos de passaros, substituindo com arames finos as articulações perdidas!

Em Physica fez prodigios. Não houve aparelho interessante que não construísse, e chegou a ter pilhas electricas de todas as classes, desde as antigas de



Volta até as mais modernas. Mas o primeiro aparelho electrico que construiu, e do qual nunca se esquecerá pelo grave contratempo que lhe causou, foi o electrophoro, que consiste em uma roda metallica, com um

cabo de vidro no centro, e outra roda um pouco maior, de resina, sobre a qual se applica a primeira. A construcção do disco metallico elle executou facilmente; cortou um circulo de madeira e o forrou com papel de estanho; ao centro applicou uma peça de latão, fixada por tres parafusos á madeira, e deixando uma ocura circular para ahi metter uma haste cylindrica de vidro que se soldaria com breu. Só faltava a *torta* de resina para completar o aparelho. Para isso, poz elle ao fogo uma caçarola com breu e gomme laca a derreter, e, quando chegou ao ponto a mistura, preparou-se para vasal-a na tampa de uma caixa de massapão de Toledo, que devia servir de molde e reforço. Ahi perdeu o *Geitoso* um pouco da sua pericia e a madeira com a colla fervente virou-se sobre elle. Para não estragar a roupa nem perder o seu trabalho, o menino adeantou instinctivamente a mão esquerda querendo pegar a tampa que cahia e a mistura derretida cahiu-lhe sobre a mão escaldando-lhe a pelle dolorosamente. Esteve oito dias sem poder servir-se da mão ferida, e outros oito trouxe-a n'uma luva, emquanto mudava a pelle. Essa desgraça o não desgostou dos seus trabalhos : apenas ensinou-lhe a ser mais cauteloso para o futuro. Terminou por fim a sua obra, que fazia funcionar collocando sobre uma mesa o disco de resina e esfregando-o com uma pelle de gato. Applicava depois sobre a resina o disco metallico segurando-o com uma mão pela haste de vidro e apertando com a outra a sua face superior. Levantava depois o disco, tomando-o pelo cabo e approximando da sua borda um dedo da outra mão que pousara sobre elle via com prazer saltar uma pequena faisca e recebia um fraco choque.

Desejoso de sentir impressões mais violentas d'aquella

força estranha, para elle então desconhecida, em outros tempos inimiga do homem, indomita e poderosa (o raio é uma faisca electrica) e servidora humilde e discreta hoje que a sciencia a estudou (o telegrapho, o telephone, e phonographo e a luz são as principaes applicações da electricidade, e outras maiores virão com o tempo), Raymundo construiu em seguida uma *Botelha de Leyden*, apparelho mais simples que o electrophoro, pois consiste apenas em um frasco de vidro forrado até o meio por uma folha de estanho, contendo no seu bojo esquirolas e fragmentos de cobre e tendo cravado na rolha que a fecha hermeticamente um fio de arame terminado em ponta no interior do frasco e apresentando na parte superior uma curva que remata uma pequena esphera do mesmo metal.

Para experimentar a sua botelha de Leyden, o Geitoso começou por esfregar o electrophoro com uma pelle de gato; depois aproximou e retirou o disco muitas vezes encostando-lhe á borda a espherasinha da botelha; quando suppoz bastante adeantada a operação eram sete horas da tarde. Levando o novo apparelho na mão direita, pegando-lhe pela parte estanhada, entrou na sala grande onde se reunia a familia. O pae entrava n'esse momento.

— Papae, Mamãe, Joaquim, prendei-vos pelas mãos formando cadeia — disse o estudante satisfeito, pegando a mão do pae.

Todos assim fizeram.

— Agora, Joaquim — proseguiu o physico — achega a tua mão livre a esta esphera de metal.

Joaquim aproximou o dedo, e a commoção electrica se produziu com força bastante para que a mamãe sentisse um leve estremecimento nos musculos do hombro.

Raymundo sahio triumphante a guardar a sua botelha e voltou com um livro.

IV

Quando o Geitoso tomou o grau de bacharel, Joaquim entrava para a Escola de Artilheria. Esse verão foi feliz para todos. O pae e a mãe não se cansavam de admirar o uniforme do filho, nem este de o ostentar. Finalmente cingia uma espada e vestia um uniforme de verdade e a satisfação irradiava d'elle em todos os seus gestos. Emquanto Joaquim pavoneava, Raymundo, tambem contente com o seu mais modesto progresso, recordava os cursos de Physica, Historia Natural e Chimica, que n'esse tempo se chamavam *de ampliação* e hoje fazem parte do Curso Preparatorio, para entrar em exame em Setembro e começar já decidido o estudo da sciencia medica.

A fortuna é capricosa e faceira : afaga ou abandona com a mesma facilidade e pouco ha que fiar d'ella, porque como se diz vulgarmente *não se casa com ninguém*. Aquella familia opulenta que em tudo pensaria, menos em se privar de um gosto para poupar uma moeda, que tudo receiaria menos a estreiteza em que vivem certas pessoas que lhes pareciam infinitamente distantes, soffreu taes prejuizos nos negocios, foi victima de tantos desastres commerciaes, que n'um breve espaço de tempo viu-se reduzida quasi á pobreza. E

como se isto não bastasse, o pae morreu quasi de repente, sem poder tirar os seus da difficil situação em que cahiram.

N'esse duro transe, Joaquim pediu uma licença para ir á casa. A pobre mãe o recebeu soluçando e lhe disse entre lagrimas e beijos :

— Meu filho, teu pae morreu e nós ficámos na pobreza! O que vae ser do teu futuro?

Joaquim sentiu arderem-lhe as faces e os olhos razos de lagrimas. Se o tecto lhe cahisse sobre a cabeça não ficaria tão aterrado como com estas simples palavras : seu futuro, suas esperanças fugiam-lhe sem que lhe restasse força para as deter.

Raymundo, n'esse interim, revolvía as contas e papeis do pae, liguidava os seus negocios e descobria a propriedade de uns terrenos cuja existencia ignorava.

— Mamãe, podes sempre contar com cinco mil pesetas, depois de pagar tudo, como convém á gente honesta.

— Esse dinheiro não basta; Joaquim gasta-o quasi todo em um anno, e ainda lhe faltam tres de curso. Tu e eu carecemos de alguma cousa para viver... Estamos perdidos!

— Além d'isso — proseguiu Raymundo tens umas vinhas na Mancha. As vinhas produzem e o vinho se vende caro.

— Sim, produzem! Este anno o administrador mandou oitocentas pesetas; nada mais.

— O administrador póde ser um ignorante ou velhaco. Verei tudo isso.

— Não ha salvação, meu filho. Joaquim não póde voltar para Segovia; arranjarei que lhe deem um emprego. E tu... como has de terminar teus estudos!

— Mamãe, tu não sabes de que recursos podemos

ainda dispôr — dizia Raymundo. — Meu irmão que volte para Segovia. Guarda tu essas cinco mil pesetas que restam, para as despesas d'elle. O mais corre por minha conta.

— Tu não sabes quanto é difficil a vida...

— Sei e quero mostrar que mereço o appellido que me deram. Chamastes-me Geitoso. Acharei geito para tudo.

O artilheiro voltou para a Escola em Segovia e Raymundo foi visitar as suas vinhas da Mancha. Sorpreso o administrador com a inesperada visita, não poudo preparar-se para disfarces e ardis que o pudessem tirar do apuro que lhe cahia de chofre.

Raymundo levantou a planta das terras, avaliou-as, calculou a capacidade das adegas e celleiros, numerou as cubas, tirou amostras dos vinhos, e, á despedida, disse ao atrapalhado administrador.

— Por ignorancia sem duvida, pois não me atrevo a suppor que o fizesse por má fê, nos fez você perder aqui uma boa renda durante muitos annos. Puz tudo em ordem para nos arranjarmos melhor d'aqui em deante. Não venda nem uma gotta do vinho da minha adega. Eu lh'o irei pedindo, e você tomará cuidado em bem o embarrilar para que os empregados do caminho de ferro *o não troquem ou bebam*. Á primeira falta ou contratempo já sei o que devo fazer.

Perplexo e aturdido ficou o administrador deante de tanto cavalheirismo, e ainda disse depois, quando já ia a caminho de casa o joven senhorio.

— Gosto de gente assim! Graças a Deus chega-me um proprietario entendido e experto. Agora vão saber os de Madrid como se saborea o vinho que faço.

E com este pensamento esqueceu quasi que se lhe

tinham fechado para sempre as portas do abuso e preparou-se para servir com cuidado e diligencias as ordens de Raymundo.

É digno de nota e cousa para recordar-se constantemente que certas pessoas, cujo coração, sem educação nem sensibilidade, é incapaz de apreciar muitas delicadezas, mas cuja intelligencia mais aguda comprehende a razão quando esta se impõe, não se contentam com abusar do que por fraqueza se lhes abandona, porém ainda a vituperam mais tarde, e preferem aquelle que os opprime e lhes toma rigorosamente as contas. Sob este ponto de vista o character brando e confiado pôde ser pernicioso em sociedade, não sómente pelo damno que recebe das citadas pessoas, como tambem porque, podendo dominar a cobiça d'estas e empregal-as até em bom sentido, apertando-lhes o freio, as deixa em liberdade para que façam mau emprego da sua intelligencia. Assim nos parece muito acertada a maxima d'aquelle philosopho que diz : *A fraqueza é o peor de todos os vicios*, porque certamente são mais fataes os seus resultados do que os do vicio descarado. O *vicioso* pôde seduzir a outro que já esteja por algum ponto contaminado; porém serve tambem de util escarmento a muitos. O *fraco de character* é um estímulo para que quantos o rodeiam desenvolvam e applichem contra elle as suas tramas maliciosas.

V

Voltando á casa, Raymundo procurou uma morada mui modesta em que refugiasse a viver com a mãe. Vendeu os moveis de mais luxo e conservou apenas os indispensaveis e de menor valor. Mandou buscar vinho á quinta e, servindo-se dos seus conhecimentos de Chymica, trabalhou-os e os melhorou de tal sorte que, se eram bons antes, ficaram deliciosos depois d'isso. Comprou um milheiro de garrafas, mandou fazer bonitos rotulos n'uma lithographia e lançou ao mercado como um novo producto o seu vinho, que foi logo conhecido e apreciado.

Não satisfeito com levar por deante este negocio que por si só produziria mais de cinco mil pesetas annuaes, aproveitou muito opportunamente outra conjunctura.

Começava então entre os moços o furor, que hoje vae passando, de seguir a carreira da engenharia ou de serem medicos militares. Os professores de mathematicas, que eram raros e pouco procurados até então, encontravam com essa moda um bom meio de se desferrarem dos passados desdens da fortuna.

Raymundo comprehendeu que *aquillo* era uma mina a explorar, e propoz a um engenheiro, amigo do pae, e que o ajudava tambem a melhorar os vinhos, o projecto de abrirem uma *Academia Preparatoria*. Confiava elle nas suas numerosas e boas relações e amizades, porquanto se estas não dão o pão quando se pede direc.

tamente, servem em todo caso sempre que se trata de abrir não a bolsa mas a bocca e que não é preciso mecher senão com a lingua para recommendar ou gabar a alguém, que lhes é util como assumpto das suas exhaustas conversações.

Raymundo lembrava-se bem das mathematicas elementares e encarregou-se das classes de Arithmetica e Geometria. O engenheiro explicava as restantes, menos Francez e Desenho, que couberam tambem ao Geitoso.

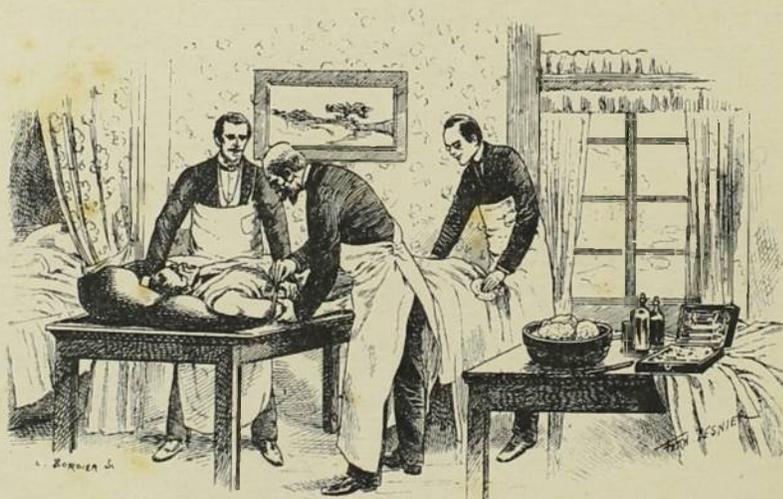
Não se descuidava da Medicina, entretanto. Como poderia descural-a, se tinha postos os sentidos na sua vocação. Por seguil-a fazia applicação dos seus multiplos conhecimentos, manejando como ninguem a serra e os instrumentos cirurgicos, lavando com esmero as feridas, applicando de manso as ligaduras, provando os caldos e arranjando as camas dos doentes sem magoal-os nunca, sem os fazer soltar um gemido, por muito que lhes bulisse. O vinho rendia. O ensino bem frequentado dava um lucro seguro. Raymundo foi nomeado ajudante de um professor e o acompanhava nas suas visitas de tarde.

A boa mãe, pobre senhora, suppunha estar sonhando quando pensava em tanta prosperidade depois de se vêr ás portas da miseria, e julgava-se então mais rica do que nunca fôra. Joaquim, estudando em Segovia, estudando muito, economisava quanto podia para não ser pesado ao irmão, a quem abençoava do fundo da alma.

VI

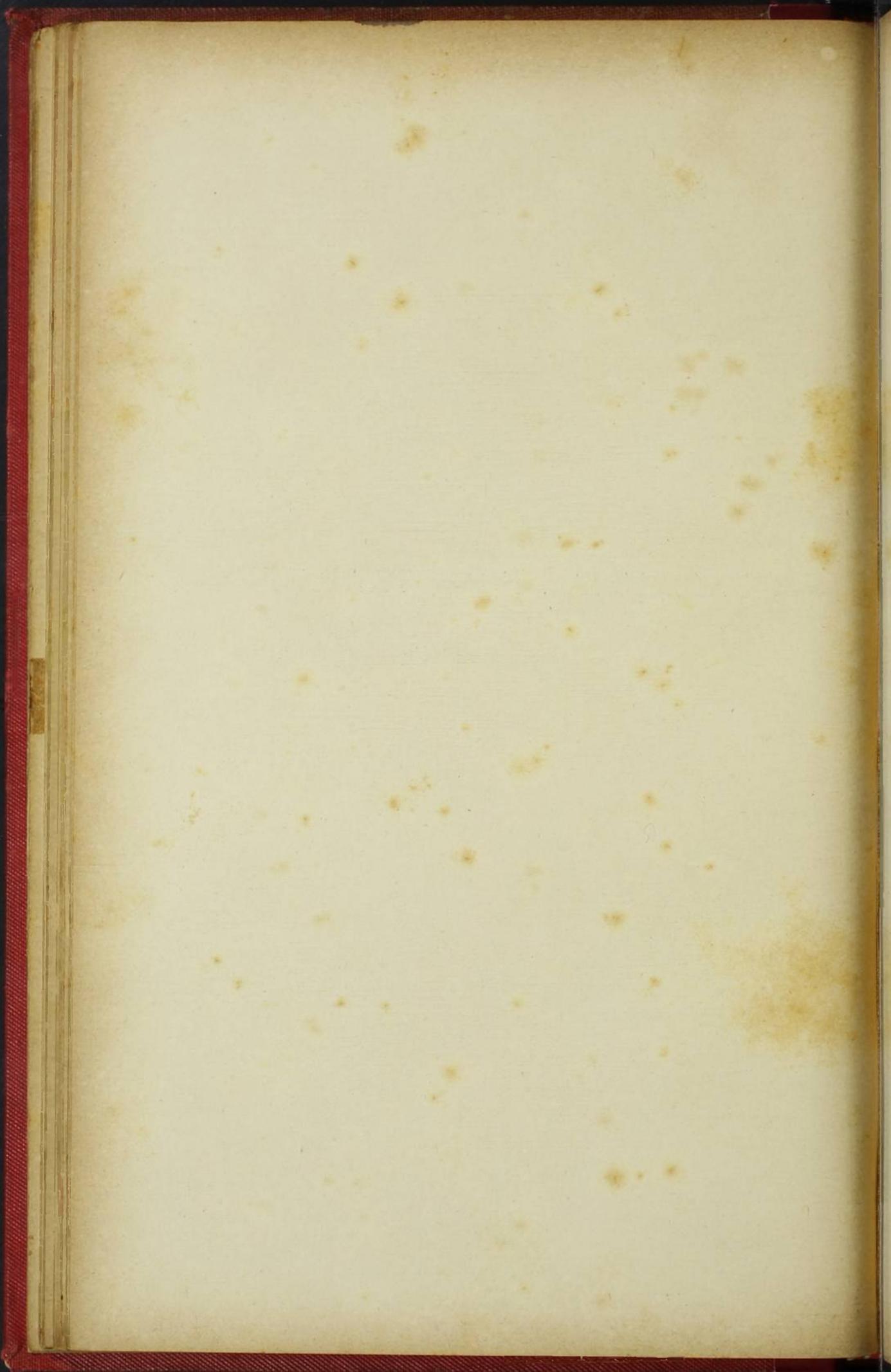
Raymundo gosa hoje de uma verdadeira e justa celebridade. Os doentes encarecem a sua bondade e saber, e ha quem preferiria vêr o Geitoso cortando-lhe uma perna a outros professores lhe tomando o pulso.

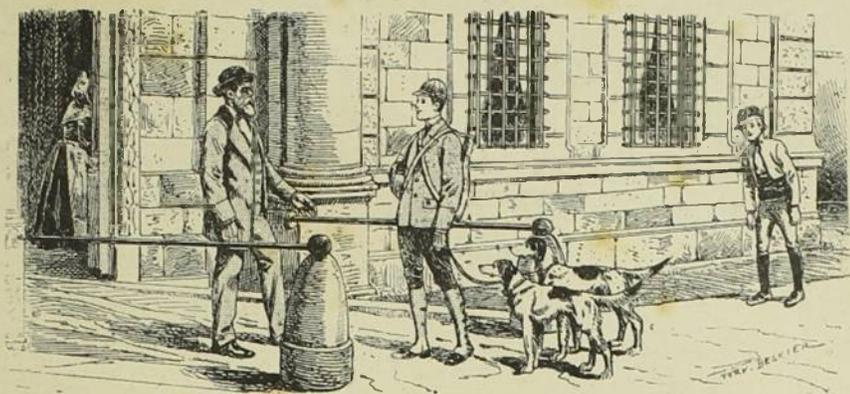
Eis aqui como serviram a todos, e como, com o tempo e a sorte inconstante, acharam util emprego os geitos do *Geitoso*.



PACIENCIA... E AO TRABALHO

A Pepito Cintora.





PACIENCIA... E AO TRABALHO

I

Sahindo do collegio francez, onde passara cinco annos como pensionista, decidido a não seguir carreira alguma e viver em casa, voltou elle para o lar paterno dispondo-se a ser feliz no estreito recanto de um povoado em que era situada a sua fazenda.

Vastissima e fertil era esta, e de cultura tão vária quão bem definida de contornos. O leito de um regato a limitava ao Sul e a crista de uma pequena serra recortava o seu perimetro ao Norte; muros de grandes pedras soltas, sebes vivas de espinhos e de pitas ou fundos valles ou barrancas altas fechavam de um lado e do outro o quadro que continha na sua vasta area as casas da lavoura e a pequena egreja, a que se seguiam

as hortas verdes e floridas á beira d'agua. Nas encostas mais batidas do sol as vinhas e os olivaees perfumados, entremeando com os pingues campos, semeados de trigo e de aveia. Nos sitios mais montanhosos e agrestes erguiam-se os castanheiros, carvalhos e pinheiros, revestindo a serra rochosa, d'onde desciam as torrentes até á terra cultivada com esmero.

O pae de Francisco era um fidalgo lavrador, d'esses que tendo em grande conta a sua nobreza blasonada no escudo de pedra lavrada sobre o lintel da porta principal, e gozando de bens de fortuna, não desdenham os trabalhos do campo, antes empregam n'elles a maior parte do seu tempo.

Quando não havia mais trigo na eira, nem mosto nas dornas, nem azeitonas no moinho e os grãos jaziam no fundo dos sulcos do arado, o azeite limpido e claro dormia nas fundas vazilhas e o vinho fermentava nas largas cubas, o fidalgo espanava a sua velha espingarda e seguido por tres galgos ia em busca da perdiz ou da lebre atravez dos colmos, que lhe alegravam o espirito com a idéa da bem semeada e segura colheita.

Na casaria, como no campo, tudo pertencia ao rico lavrador que em cada casinhola dava abrigo a um bom jornaleiro e em cada cabana dos arredores agazalhava um rendeiro zeloso dos seus lucros ou um pastor attento á guarda dos seus gados. Só além, muito abaixo, no extremo Sudoeste do immenso quadrado, um jardim florido e uma casinha branca escapavam ao seu dominio. Vivia na casinha e cultivava o formoso jardim Dom Bonifacio, filho de um antigo aparelhador e que, tendo seguido a carreira das armas por desavenças com seus dous irmãos, alcançou o posto de capitão ao cabo de mil perigos, e, tendo morrido aquelles na paz da sua

aldeia, retirou-se a esperar tranquillamente a hora da morte na terra em que nascera.

Dom Bonifacio tinha uma verdadeira paixão pelos trabalhos agricolas. Com os seus ganhos, que não eram muitos, comprava obras importantes a um livreiro de Madrid com quem entretinha seguida correspondencia e recebia todos os quinze dias uma revista franceza que, com a ajuda do dictionario, elle lia como podia, inteirando-se dos progressos scientificos mais recentes.

II

Bem differente do pae e do vizinho era Francisco, que tão descuidado em casa como no collegio, não se preocupava senão com a sua espingarda de dous canos do então modernissimo systema *Lefauchaux*, com a sua machina de encher cartuchos, com seu luzente revólver e a sua não menos resplandecente faca de matto.

De verão como de inverno era a caça a sua occupação constante. Tinha cinco cães sempre lavados e até creio que perfumados, dois creados exclusivamente ao seu serviço, um mordomo que o acompanhava noite e dia e nunca sahia sem a sua blusa de caça de vinte algibeiras, sua cartucheira vermelha, suas polainas brancas e um bonet de larga pala. Muito pouco aprendeu emquanto esteve no collegio, a não ser a practica de certas frivolidades proprias da moderna geração, que, eivando-se de um positivismo descarnado e duro, faz garbo de mesquinhas inuteis que orgulhosamente

julga necessarias e desprezando a franqueza bem sentida reveste um ridiculo amaneiramento. Era assim que Francisco, o mal aproveitado alumno do collegio francez, que tratava com desdem os pequenos incidentes, por vezes interessantes, da pequena sociedade em que vivia e zombava do jaquetão remendado, da velha espingarda e do amplo bernal de que o pae se servia para a caça, cahia em erro lastimavel e risivel dando tanto cuidado ao penteado e perfilando tanto seu esbelto corpo quando tratava de matar perdizes que alli havia de sobra e não de agradar ás finas damas delicadas de que nem uma só encontraria n'uma redondeza de talvez cem leguas.

Morreu o honrado fidalgo e Francisco ficou dono absoluto da sua casa. Entrou então a frequentar Dom Bonifacio, que consultava muitas vezes e de quem recebia serviços e conselhos valiosos. Travou relações com o livreiro que fornecia livros de agricultura e de sciencias ao militar e começou a receber d'elle novellas, que o fizeram comprehender alguma cousa do mundo, que inteiramente desconhecia. Assignou dous ou tres jornaes, interessou-se por certas idéas politicas, considerou com inveja que tantos multiplicavam rapidamente as suas fortunas com emprezas grandiosas e brilhantes ao passo que elle esperava pela morte sempre apegado á sua terra, e chegou a perder dias de caça e horas dos innocentes e insulsos prazeres a que se dava, mechendo em armas ou fazendo cartuchos, para se entregar cada vez mais ás idéas tentadoras que cada vez mais o incitavam, mostrando-lhe a insignificancia do que tinha ao pé de si e encarecendo a grandeza e o esplendor do que seguramente se encontrava fóra d'aquelle recinto limitado.

Muito conversou com o velho Dom Bonifacio sobre os seus novos projectos ; muito fez este para desenganal-o. A terra, indifferente a quem a descure ou abandona, é amavel e fecunda para quem se consagra ao seu trabalho. Isto, que para o militar era um axioma, era cousa perfeitamente van para o caçador elegante.

III

Emquanto o joven senhorio hesitava e scismava o merdomo Pedro, um fuinha astuto e pertinaz se occupava sem descanso com o governo da grande fazenda. Esta se tornava cada vez menos productiva, taes eram as difficuldades do seu cultivo, taes os encargos com que o Estado opprime os seus contribuintes. Pedro, receioso de tudo, nunca errava ; e o joven senhorio todo se enfurecia com isso. « Vae vêr que a colheita do vinho d'este anno dá a metade da do anno passado. » « Vae vêr que teremos de dar o milho por qualquer dinheiro. » « Vae vêr como baixa o preço do azeite : em tal lugar colheram uma enormidade d'elle. » « Vae vêr que ficamos sem pastos e teremos de vender barato as ovelhas. » E a lingua do mordomo era um oraculo. O senhorio perdia a paciencia, mas nem uma só vez se deu ao trabalho de ir vêr a eira, de subir ao celleiro, descer ao lagar e ás adegas. Nunca montou a cavallo para ir a um mercado indagar dos preços, discorrer sobre a abundancia ou carestia d'este ou d'aquelle producto, nunca teve um livro de contas, nem sequer comparou as despesas com as entradas de dinheiro. Tudo

isso Pedro sabia, de tudo estava Pedro encarregado. E Pedro, valendo-se unicamente da memoria, sem escrever uma letra nem fazer uma somma, distribuia os trabalhos, dirigia as colheitas, decidia as vendas e entregava ao senhorio, quando este lh'o pedia, o fructo da terra minguido e reduzido, pouco mais de quatro punhados de prata.

Quiz a fortuna que, como se viesse do céu, coubesse a Dom Bonifacio uma herança proveniente de capitaes ganhos n'esses negocios novos que tanto seduziam a Francisco por um antigo companheiro de armas do bravo militar, o qual pode desde logo dispôr de 65,000 duros representados por umas tantas folhas de papel bem gravadas e selladas, garantias que o Estado offerece aos seus credores e que proporcionava ao dono uma renda de mais de 15,000 pesetas annuaes. Don Bonifacio teve vertigens e sentiu-se aterrado, suppondo exageradamente que a sua fortuna corria riscos de se perder, pois não cria em outra riqueza além da que provinha das messes ou das arvores, em outra segurança senão a que dava a propriedade rural, em promessas mais fagueiras que as da terra utilizada. Ao contrario d'elle, Francisco invejou aquelle rolo de papeis cuidadosamente guardado nas arcas de um barqueiro e lembrou-se de fazel-o seu, propondo ao militar a compra da fazenda. Don Bonifacio arregalou os olhos como se receiasse estar sonhando e quizesse despertar; conversaram os dous por largo espaço e no dia seguinte partiram para a cidade a realisar a transacção.

Cumpriam ambos assim as suas aspirações e eram felizes : o capitão reformado, á frente da sua propriedade agricola, e Francisco, em Madrid, com a cabeça cheia de fumo e o bolso cheio de ouro.

IV

Francisco resuscitou algumas amizades contrahidas no collegio francez e esquecidas na aldeia, e, deixando-se levar por inconsciente sympathia, encarregou dos seus interesses a Raymundo Alvares, corretor que vivia com um luxo estrepitoso, e a Diogo Tarrevieja que tinha um bom emprego no Banco de Hespanha. Raymundo lhe propunha e fazia por elle *jogadas* importantes, e Diogo administrava o seu capital retirado da casa do banqueiro e depositado no Banco de Hespanha.

Apezar de ter lido muito em livros e jornaes a respeito de especulações de *bolsa*, Francisco era tão ignorante dos negocios que o seduziam, roubando-lhe a tranquillidade, que nunca dava um passo n'elles sem consultar primeiro os seus dous antigos condiscipulos.

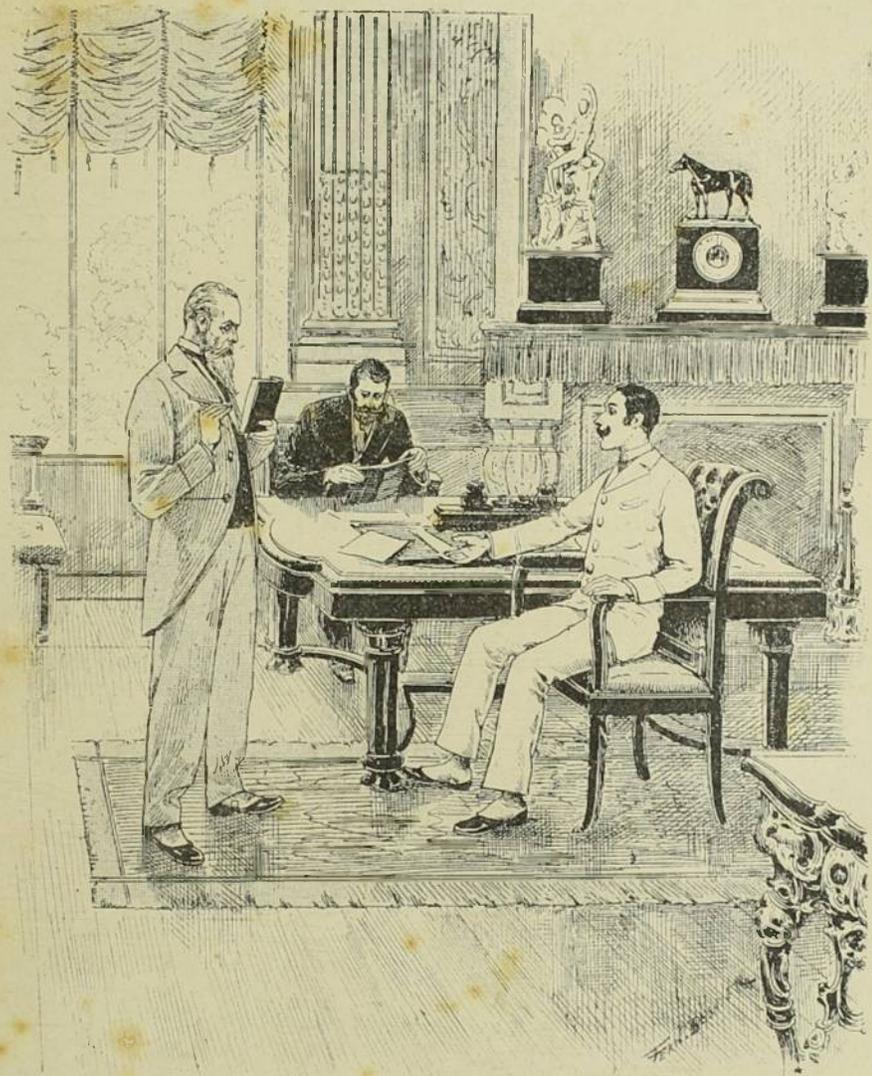
Quando a nação carece de dinheiro, recorre ás vezes ao *emprestimo*, que consiste em auxilio que os particulares lhe trazem. A nação se compromette a pagar um tanto por cento do dinheiro que recebe, e offerece aos seus credores, em troca da quantia emprestada, documentos a que se dá o nome de « bonds do Thesouro » e « titulos da Divida Publica ». Estes papeis, expedidos com mil formalidades para impedir que sejam falsificados ou subtrahidos, têm impresso tambem um encaixilhado com muitos talões referentes aos juros a vencer. Quando estes se vencem o Thesouro os paga, em troca do talão correspondente. A operação indicada se chama

vulgarmente *cortar o cupon* (este é o nome de cada um dos talões ou rectangulos de papel marcados no caixilho). Os documentos offerecidos pela Nação aos seus credores se chamam *papel* do Estado, e offerecem uma particularidade : a de terem dous valores, um real e outro nominal. Provém isto de seguinte : ao fazer a emissão do papel se offerecem 3 por cento por exemplo de juros e só se recebem do tomador 75 por 100 ; de sorte que o credor recebe na verdade 3 por 75, isto é, cerca de 4 por 100. Os que empregam a sua fortuna n'esta classe de negocios se chamam *possuidores de titulos* ou credores do Estado.

Mas, para seguir Francisco na sua vida madrilena, temos necessidade de novas explicações. As arcas do Estado, como a bolsa de qualquer particular, têm as suas variações : ora, repletas e com esperanças de cada vez mais se encherem, offerecem segurança e bom futuro ; ora, quasi vazias e ameaçadas por gastos extraordinarios, annunciam a difficuldade que teriam em cumprir os seus compromissos. No primeiro caso ouve-se dizer que *o papel sobe* e no segundo que *baixa*, e isto é natural, pois que sempre mais valerá uma cousa quando mais garantias assegura, e menos quando corre perigos. Já aqui se vê para o que servem os dous valores. O que guarda papel de 3 por 100, por exemplo, continua a receber o mesmo juro pelo valor nominal do seu titulo de divida, mas se quizer vender os seus titulos em caso de *alta* receberá por elles um valor real mais elevado : custaram-lhe 75 por 100, vende a 80 por 100 ; em caso de *baixa* succederá o contrario.

Estas oscillações deram logar a uma especulação diferente da do possuidor de titulos, produzindo o *jogador de Bolsa*. O jogador não toma a mercadoria que pede :

offerece por ella uma quantia e espera, resultando d'ahi uma compra simulada. Se por qualquer circumstancia sóbe de valor o que elle comprou e elle realisa



um lucro vendendo o que contratou por menos preço, effectua uma venda, tambem simulada, cobrando a differença dos preços em seu favor. Se em vez de subir os valores baixam, o jogador perde a differença. Assim

como umas vezes o especulador de Bolsa compra o que não quer outras vezes vende o que não tem. Aqui a jogada é inversa : se o que vendeu sóbe de valor, elle perde ; ganha, se baixa. Este jogo de azar, posto a coberto da lei por condescendencias inevitaveis e ardis engenhosos, e que chegou a ser o encanto de Francisco, é facilitado e sustentado, em um estabelecimento chamado *Bolsa*, por homens como Raymundo Alvares, que se chamam *corretores* e cuja profissão é comprar e vender, lisa e limpamente, os *valores cotados* (os do Estados a que nos referimos e os de outras emprezas organisadas de modo semelhante), porém que, olhando mais para os seus interesses do que para a moral, favorecem o jogo.

A differença entre jogadores e possuidores de titulos salta logo aos olhos. O possuidor paga por cada 100 o preço da cotação, 76, por exemplo, e recebe um juro fixo. O jogador calcula qual pôde ser a oscillação mais provavel e, se lhe parece que esta será de 5 unidades, com 76 não compra 100 para cobrar 4 annualmente, porém compra 115 vezes mais, 1.500, e, desprezando a renda, busca o seu ganho, que não é pequeno, na variação das cotações.

V

Isto dá logar a grandes abusos e grandes erros, dos quaes foi victima o pobre Francisco, perdendo em menos de tres annos toda a sua fortuna até o ultimo real.

Então chorou desconsoladamente; poz o pensamento

na sua vida passada; abrindo muito os olhos, queria descobrir no espaço immenso aquelle recanto, desdenhado antes e agora almejado, aquelles fertes campos, aquella fresca horta e a casa socegada e hospitaleira onde a existencia corria sem afan, rodeada de gozos e livre de cuidados. Já nada d'aquillo era seu! Dom Bonifacio o gozava tranquillamente, emquanto elle, Francisco, o filho do honrado trabalhador, gemia desesperado em uma casa de Madrid, luxuosa e brilhante, mas cujos moveis tambem já não eram seus porque a penhora lh'os arrebatava para pagar aos seus credores. Ah! se o velho fidalgo levantasse a cabeça! No meio de tanta angustia luziu no pensamento de Francisco uma idéa honrada: voltar á aldeia, ajoelhar-se sobre a sepultura do pae, beijar a fria lousa e pedir perdão; se o arrependimento é nobre e grande, chegam a Deus os votos das almas.

Já com difficuldade poude arranjar dinheiro para a viagem. Quando chegou á aldeia era de noite e estava fechado o cemiterio. Pensou dormir ao ar livre, mas o frio cruel levou-o a demandar a antiga casa. Correu-lhe copioso pranto pelas faces ao contemplar sobre o lintel da porta, que o luar illuminava, o escudo d'armas alli mandado lavrar pelo velho fidalgo. Chamou a medo e esperou com anciedade, como o filho pródigo que ao regressar vencido receia que se lhe não abra a porta da casa paterna.

Dom Bonifacio veio á janella perguntar quem era o viajante e duas exclamações de assombro e pena se ouviram ao mesmo tempo.

— Tu assim? pobre Francisco! — disse o de cima.

— Sou eu mesmo. Abra — murmurou a voz cá de baixo.

Toda a casa se poz em alvoroço. Dom Bonifacio veio abrir a porta, emquanto a creada, esfregando os olhos cheios de somno, ia preparar a ceia e fazer uma cama.

— Tu por aqui! — repetiu o velho abraçando affectuosamente o moço viajante.

— Bem vê, sou eu mesmo. Já lhe conto tudo.

Emquanto cejava Francisco relatou a historia das suas desgraçadas especulações. Depois retirou-se para o seu quarto que era contiguo ao do bom fidalgo, agora occupado pelo velho militar. N'essa noite dormiu como um justo, até que o accordassem o ruido que faziam os animaes nos pateos e curraes. Saltou da cama, vestiu-se e sahiu em busca de Dom Bonifacio, que já esperava por elle, lendo um livro de agricultura. Trouxeram-lhes o almoço de bom chocolate, bolos quentes e leite ordenhado n'aquella hora. Quando acabaram de almoçar, disse Francisco :

— Agora que já sabe das minhas desgraças, conte-me os seus acertos.

— Não queria fallar — respondeu o amavel capitão — por medo que esse assumpto te fosse penoso e amargo.

— Muito ao contrario; gosto de vêr como cuida do que foi meu.

— Pois demos uma volta pela casa e annexos.

Levantaram-se e sahiram, a correr uma por uma todas as dependencias, explicando Dom Bonifacio as reformas que alli fizera.

Estas não tinham sido poucas. Nos pateos e estabulos o chão sensivelmente inclinado deixava correr a urina dos animaes que por pequenos regos iam ter a um deposito geral. O chiqueiro offerecia um singular aspecto : os porcos separados um dos outros por divi-

sões de madeira, estavam limpos, contra a idéa vulgar de que porcos vivem melhor no meio da porcaria. Em duas grandes peças do andar terreo guardavam-se bem arruinados, limpos e promptos para o trabalho a qualquer hora, os instrumentos de lavoura, ceifadoras, batedeiras mechanicas, etc. No pateo se alinhavam os carros e carretas, carros de mão e outros artefactos. Na estrumeira deitava-se a palha suja retirada dos estabulos duas vezes por semana e substituida por outra nova. Esses residuos abundantes misturados com os liquidos do deposito serviam para restituir á terra, em epoca opportuna, a sua força perdida, e a terra que não é ingrata, como muitos dizem, pagava o beneficio com fructos em quantidade.

Numerosas vaccas ruminavam socegradamente a palha de milho. N'um pavilhão disposto com primor era a queijaria, d'onde sahem para a cidade os saborosos queijos e manteiga excellente.

Não menos notaveis eram as disposições do gallinheiro, pombal e outras industrias agricolas exploradas. Como os pastos na herdade eram vastos, a criação e reproducção de cavallos era uma boa fonte de rendimento. A agua, antigamente escassa, corria agora abundante onde era necessario, graças a varios poços abertos a proposito e a muitas noras e bombas que funcionavam constantemente, umas movidas por animaes e outras por moinhos de vento. Tambem muito se tinha reformado a fabricação do azeite e do vinho, porquanto aquelle era apurado e refinado e este se preparava com mil cuidados, separando as qualidades de uvas differentes e submettendo o mosto a processos especiaes.

VI

Francisco pasmava de vêr tudo aquillo e escutava com interesse as profusas explicações de Dom Bonifacio. E tão nobre e generoso era o seu coração que a prosperidade do seu amigo lhe servia de consolo, considerando que elle, o elegante caçador Francisco, moço pretencioso e estudante vadio, nunca poderia tirar tão esplendido resultado das suas terras.

— Tudo isto — accrescentava Don Bonifacio — produziu no anno passado mais de 70,000 reaes, que já aqui tenho seguros e empregados. Compara esta facil tranquillidade com a insupportavel afflicção que me daria o meu dinheiro rendendo menos e sempre correndo risco. A terra é por fim de contas a que nos dá de comer; não digo que se não cuide do resto, porém ella merece as nos-as maiores attenções.

— Como tem razão!

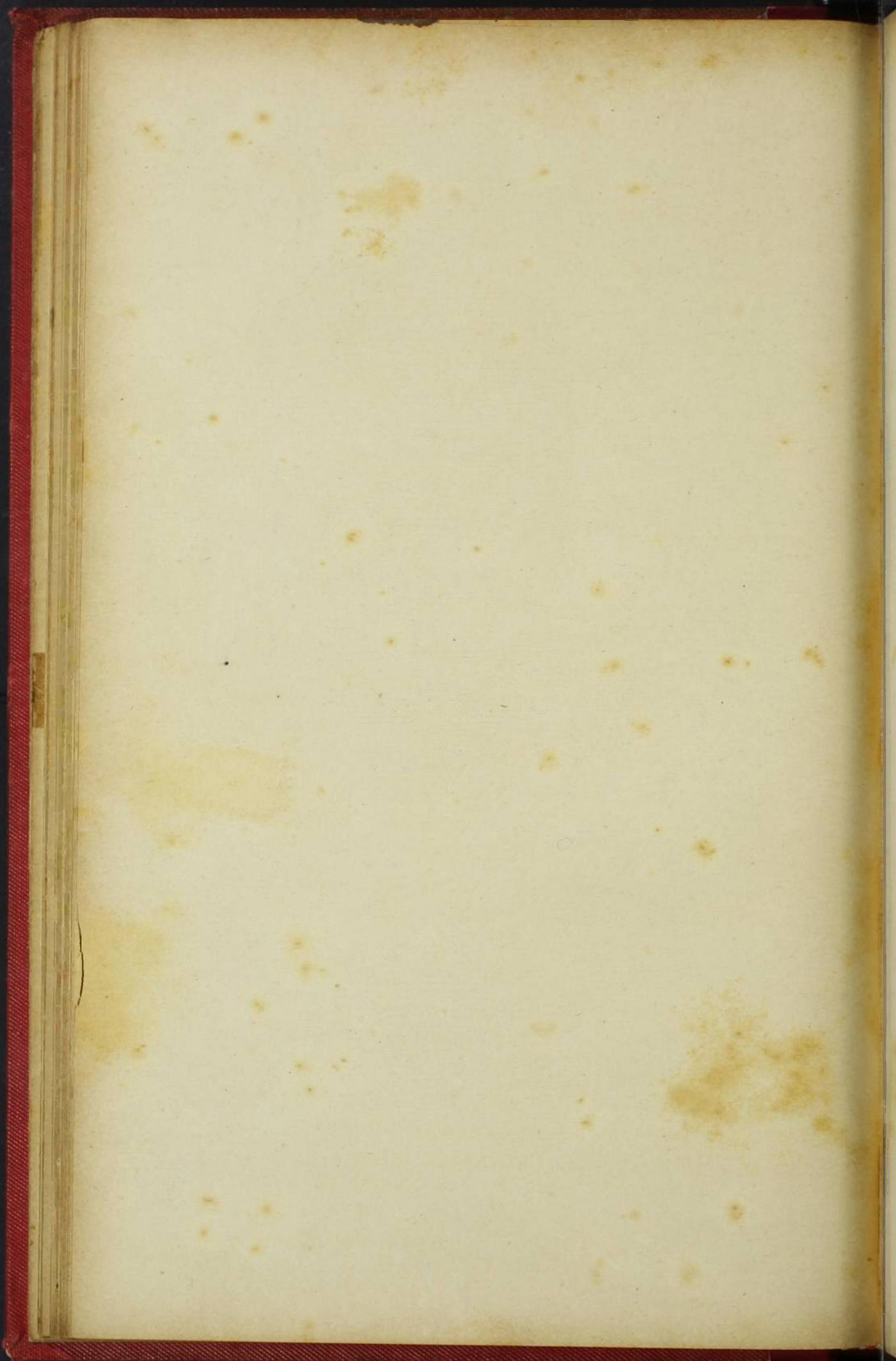
— Teu exemplo seria salutar se muitos o conhecessem. Depressa conheceste o teu erro.

— Arruinando-me!

— Pois que a fortuna te traz para junto de mim, não tens de que te queixes. Não tenho familia e nada d'isto posso levar para o outro mundo. És bom, affectuoso e honesto: mereces ser feliz. Lembra-te das tuas desventuras sómente para te livrares de novas tentações e goza da vida. Era um segredo meu que descobririas depois da minha morte; digo-t'o para que vivas descansado. Fiz testamento constituindo-te meu herdeiro universal.

POR TRAZ DO BALCÃO

A Gonçalo Martin.





POR TRAZ DO BALCÃO

I

Dom Matheus era o tabellião da villa. Ninguem o igualava em seriedade e decencia, em se tratando de cousas do seu cargo. Detraz da sua secretária, com o escrevente sentado defronte, de oculos engatilhados e postos os olhos nas partes ou testemunhas que o rodeavam; com essa gravidade imperturbavel que suppunha inherente á sua profissão de *homem que porta por fé*, aconselhava quando lhe pediam conselhos e dictava contractos e escripturas ao seu auxiliar escrevente sempre que se lhe offerecia occasião propicia.

Já era cousa esquecida, de tão velha ou por demais sabida : irreprehensivel no seu cartorio de tabellião, Dom Matheus mudava inteiramente em sua casa ou na

rua. O mesmo homem que, quasi religiosamente e com honrada integridade, sério e frio como um marmore, dictava : « e para que conste, perante mim, tabelião, etc., etc., firmam os interessados e Fulano e Si-crano como testemunhas, do que dou fé, » quando passava pela fonte divertia-se em sorrir para as raparigas e de noite jogava tudo o que tinha no casino. Porque o que começara sendo um agradável passatempo acabou por tornar-se paixão invencível e devoradora. O jogo o absorvia e lhe roubava todos os lucros do seu honrado trabalho.

Abandonara completamente a casa. A pobre mulher, verdadeira martyr, que ao morrer foi de certo para o ceu pelo muito que tinha soffrido, deixou-lhe um filho, que sem amparo de especie alguma, sem nada que lhe servisse de freio, passava os dias inteiros brincando com os garotos da villa, sendo actor, e dos principaes, nos apedrejamentos e entretendo-se com rapazes da sua idade em projectos mais ou menos escabrosos, que sempre se convertiam em mal para quem menos o esperava.

Uma tarde mettiam-se a desviar, com pedras e barro, as aguas do regato, para que *Miseria*, que com ellas regava a sua horta se visse de repente a secco, ao passo que *Moreno* era de noite sorpreso por uma inundação no seu meloal. Um dia levantavam-se de madrugada para irem roubar os pecegos da tia Colaça, ou á meia noite levantavam a comporta do açude ou tiravam as rêdes que puzera o moleiro.

Os endiabrados rapazes não tinham pensamento capaz, nem faziam cousa que fosse boa ; porém entre todos Braz, o filho de Dom Matheus, sendo o mais atrevido, era o de melhores sentimentos. Ao mesmo tempo

que fazia o mal, Braz o lastimava ; lançava-se a tão extravagantes actos porque lhe pareciam arrojadas aventuras ; não buscava o proprio proveito ao se carregar de fructos roubados, nem queria o mal para outrem quando não agia pelo bem : só procurava perigos para o seu valor e victorias para a sua destreza.

II

Com os annos lhe veio o juizo e, recapitulando o seu passado n'um olhar retrospectivo, comprehendeu com tristeza que havia começado mal a sua vida, embora lhe fosse atenuante o abandono em que se criara. A mãe lhe morrera quando elle apenas tinha quatro annos ; o pae nunca dera á sua educação nem mesmo essas insignificantes observações e reprimendas tão communs nas familias. Braz fôra educado como a arvoresinha brava em campo aberto, exposto a toda sorte de perigos, entregue aos proprios instinctos e constantemente provocado por maus exemplos, que podiam despertar n'elle appetites viciosos.

Porém Braz aos quinze annos sentiu uma manhan quando despertava um como golpe na cabeça e o cerebro se lhe illuminou com um clarão que para elle era desconhecido. A reflexão lhe veio a tempo e o fez pensar. Por fim de contas não fôra mais do que um menino travesso : se as suas tropelias lhe tinham feito desprezar a instrucção que pudera adquirir até então,

não tinham entretanto embotado os seus sentimentos e o fizeram desenvolver-se physicamente, o que muito vale.

Não estava perdido inteiramente. Sentia-se forte e agil, de coração perfeito e boa vontade para o trabalho. Os olhos bem se lhe atrapalhavam ás vezes nas combinações de certas lettras e da bocca lhe saham ás vezes revoltas as syllabas quando se applicava a lêr alto. A mão, bruta e forte para atirar pedras ou quebrar grossos ramos de arvores, era debil para suster a penna, que lhe vacillava entre os dedos, fazendo uma escripta toda de borrões e garatujas. Porém, se os seus recursos e conhecimentos não eram muitos, menos ainda eram as suas necessidades. Com um pedaço de pão e uma fritada de dous ovos passava perfeitamente o dia. Para dormir não lhe faziam falta macios colxões, pois sobre uma manta estendida no chão roncava uma noite inteira, e para agazalhar-se bastava-lhe um lenço de lan ou cache-nez, pois nem ao frio nem ao calor era sensível a sua pelle curtida.

Com estes elementos e a sua energica decisão, não era difficil lançar-se ao mundo. Lembrou-se da mãe, que com tanto carinho o criara, e esta doce memoria lhe deu animo para banir os pensamentos tristes que porventura lhe suggerissem a sua falsa posição e a recordação das passadas aventuras.

Estava decidido : o pae extranharia certamente ouvil-o fallar de cousas sérias pela primeira vez na sua vida ; talvez recusasse ajudal-o lançando em rosto o tempo perdido. Porém, fosse ajudado por Dom Matheus com dinheiro e recommendações ou fosse sósinho lançado ao mundo com a esperança vaga de achar *qualquer cousa*, que ainda não sabia o que seria,

estava elle resolvido a deixar a villa, onde por muito tempo duraria a fama das suas extravagancias.

O tabellião acabava de vestir-se, quando Braz lhe entrou no quarto.

— Papae — disse-lhe elle com modos tão resolutos quanto respeitosos — pensei no meu futuro e tenho horror ao meu passado. Quero ser alguma cousa.

— Vamos lá; queres ser peixe? gracejou Dom Mathheus enxugando os mãos.

— Papae, quero trabalhar e sou um ignorante.

— A quem o dizes tu!

— Se você me proteger, ainda posso estudar. Tenho força e animo para seguir uma carreira.

— Qual carreira, qual historia! Onde temos dinheiro para tanto, meu filho? Ainda mais já tens idade de mais e falta-te a intelligencia para entrar em certos estudos.

— Se você não me ajudar vou trabalhar de enchada ou ser soldado. Não posso continuar a viver como tenho vivido até aqui.

— Olá, olá! E quem te deu essas idéas?

— Não sei; ninguem me disse nada... Talvez o espirito de minha mãe, que de certo me protege.

O tabellião franziu o cenho, dissimulando o effeito interior que n'elle produziam taes palavras. Que elle mesmo não vivera em muito boas contas com a pobre morta e se lembrava d'isso.

— Foi assim — continuou Braz — Deitei-me esta noite, projectando tres ou quatro partidas como as tantas que praticamos todos os dias, e ao despertar senti na cabeça qualquer cousa que me era desconhecida, uma impressão extranha, e em vez de dar um salto, vestir-me ás carreiras e ir em busca dos compa-

nheiros, enrolei-me nos lençóis, fechei de novo os olhos e olhei para dentro de mim. Então foi que pela primeira vez na minha vida reflecti sensatamente. Tudo me acudia facilmente, os meus pensamentos brilhavam e se desenvolviam como uma facha de prata que eu ia puchando sem esforço. Senti que tenho vivido como um bicho, mas não como um malvado, que sou um ignorante, mas que me sobra vontade, que tenho força e coração bastante para me ajudar; só careço do seu conselho e é o que lhe venho pedir.

— Tu me deixas pasmo! — repetiu quatro vezes o tabellião que sentia renascer-lhe na memoria a imagem da esposa martyr. — Eu te ajudarei, meu filho, e te ajudarei no que me fôr possível. A tua pobre mãe m'ó agradecerá.

E duas grossas lagrimas vieram humedecer as palpebras do velho.

III

A memoria da morta suggeriu-lhe, como ao filho, uma boa acção : Dom Matheus julgou vêr n'um raio de sol uma imagem mal definida que lhe lembrou o sorriso da martyr agradecida.

— Seguir uma carreira seria arriscado, fazeres-te soldado seria uma loucura; para lavrador já não tens terras. Mas o commercio te acena com um bom futuro. O commercio tudo aproveita e tudo contribue para fazêl-o render, a força, o dinheiro e a intelligencia. N'esta bolsa de lan guardo mil pesetas, tudo quanto

me resta da casa que vendi para pagar dividas. Toma este dinheiro. Pouco é, mas póde servir de começo a uma grande fortuna.

O pae e o filho se abraçaram e aquelle continuou por varios dias a dar conselhos muito sensatos para o futuro do filho, findos os quaes partiu este para a cidade, levando á cinta a bolsa de lan que continha as cincoenta moedas de quatro duros e na algibeira uma carta de recommendação para um negociante de fazendas.

Ao cabo de um mez tinha Braz installado uma tenda em certa feira famosa e d'alli foi correndo todas as feiras da provincia. Regozijava-se o moço attendendo aos freguezes e apregoando a mercadoria : « Bom linho para lençoes, lenços de Irlanda, toalhas finas ; tudo barato ! » repetia sem cessar. E com a obsequiosidade mercantil que logo aprendeu, apenas alguem parava um momento defronte da sua loja, extendendo o pescoço e sorrindo amavelmente dizia : « O que deseja, cavalheiro ? Não precisa de nada, minha senhora ? » E era notavel a differença entre a voz vibrante e dura do pregão e a mansa e doce insinuante maneira, com que se dirigia a um freguez ou a um transeunte que não comprava.

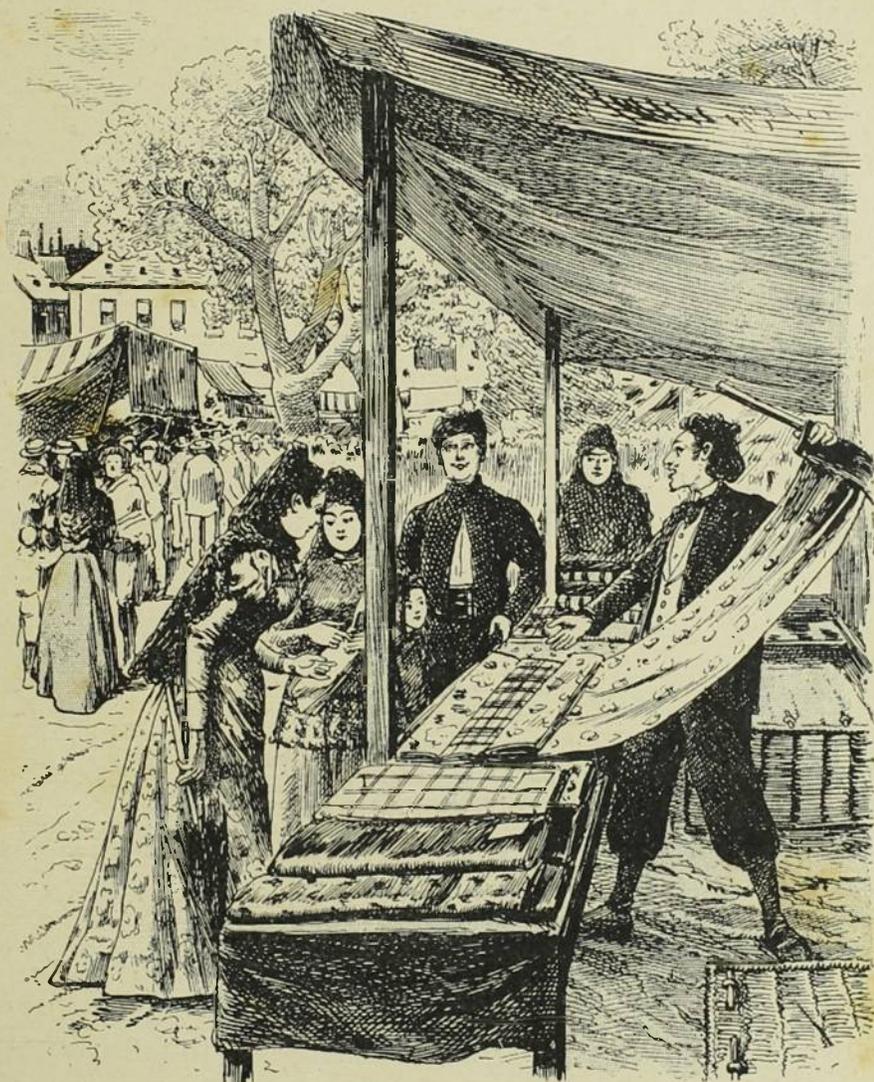
Assim passou cinco annos, vendo com prazer augmentar-se consideravelmente o seu haver, sem se importar com as contrariedades e massadas d'aquella vida erradia, em que nem tudo eram ganhos e satisfacções, que o obrigava a passar noites pelos caminhos a martelar as taboas da barraca durante uns dias e a dormir sob um tecto de madeira e de oleado, sobre um pequeno colchão delgado e duro. A comida não era geralmente mais fina do que a vivenda improvisada e

constava de batatas fritas, chouriços, pedaços de bacalhau, fritadas e algum coelho com pimentões e tomates, tudo, em summa, o que podem offerecer mettidos em cestos pouco aceiados ou expostos sobre uma mesa, ao ar livre e á poeira, as cozinhas ambulantes.

IV

Não sómente ia em augmento o seu haver, como tambem alcançava o joven negociante entre os seus collegas de provincia fama de muito entendido e experto, a par da confiança que inspiravam a sua honradez e diligencia. Contentou-se elle com que ia ganhando n'esse tempo, mas não poz n'isso todo o seu intento, como quem não vê cousas *além*. Como a sua educação era deficiente, procurava melhora-la, occupando os seus ocios em lèr e escrever e trabalhando sobre um volume de *Escripturação mercantil* ou *Arte commercial*, com o auxilio do qual aprendeu e practicou as operações indispensaveis para realisar um commercio mais elevado. Foi assim que, tendo quebrado na cidade uma loja muito acreditada e conhecida, porém compromettida pela má administração de um novo dono, atreveu-se Braz a convocar uma reunião de credores em que lhes prometeu, garantindo a promessa com o seu capital, resgatar todas as dividas da casa por 50 por 100 do seu valor, se o deixassem cuidar da liquidação. Essa proposta causou espanto, porquanto o desfalque da casa era tão grande que ninguem se atrevera a offe-

recer mais de 25 por 100, isto é, a quarta parte pelas dividas da firma, cuja liquidação parecia difficil e arriscada.



A proposta de Braz foi aceita e os credores receberam ao firmar o compromisso 10 por 100, passados tres mezes mais 20 por 100, e d'ahi a seis mezes os outros 20 por 100, com o que ficaram todos pagos e Braz dono

da loja, resolvido a seguir com ella o seu negocio.

Havia empregado todo o seu dinheiro e o producto da liquidação até então no cumprimento da sua promessa, mas, uma vez esta satisfeita, fez um balanço geral do que lhe ficava e abriu novos livros de escripturação, pondo o estabelecimento em seu nome.

Não são, desgraçadamente, em pequeno numero os negociantes que infringindo a lei, por negligencia ou com má tenção, não têm em regra os seus livros, expondo-se assim a pagar caro o seu atrevimento, pois se a justiça nem sempre pune, quando chega a punir é implacavel. O commercio, fundado, mais do que no capital positivo, na mutua confiança, é obrigado a trazer as suas contas de forma legal e regulamentar, para que em circumstancias difficeis possa provar a sua honestidade ou descobrir a fraude que porventura occorra. Braz era honesto e cuidadoso e não descurou o minimo pormenor. Abandonando para sempre as barracas das feiras, vivendo no commercio elegante de uma cidade, pensava nos seus antigos trabalhos e procurava decentemente a fortuna, sem querer obtel-a por meio de baixezas e trapaças.

Comprou os tres livros que é obrigada a ter toda casa de commercio e os mandou ao juizo de primeira instancia, onde, depois de sellar todas as folhas, puzeram na primeira as suas assignaturas o juiz e o escrivão, em baixo de uma breve declaração mencionando o numero de paginas de cada livro, o nome do seu dono e a data em que foram apresentados.

Com taes requisitos busca o Codigo impedir dólos e falsificações, tornando impossivel o accrescimo ou a substituição de folhas.

Braz, que já era Dom Braz, abriu desde o primeiro

dia os seus livros por esta forma, segundo o costume e lei estabelecida.

No *inventario* annotou o estado geral do estabelecimento, avaliando tudo quanto n'elle existia, desde a caixa de generos mais finos até o ultimo metro de fazenda ordinaria, sem esquecer os moveis e mercadorias de toda sorte. Dividas não entraram, porque não existiam n'aquelle momento. O *inventario* serve para apreciar em certas epochas o estado dos negocios e a relação que existe entre o activo e o passivo de uma casa.

No livro *caixa* abriu contas correntes aos seus frequentes assiduos e marcou adeante as dividas que foi contrahindo com os fornecedores. O *caixa* apresenta, classificados por nomes o *deve* e o *haver* de cada individuo que mantem relações com uma casa e mostra facilmente em favor de quem é a differença.

No *diario* escreveu dia por dia o movimento da loja e da casa. O *diario* comprehende tudo, resume as operações verificadas durante as vinte e quatro horas e serve de comprovação para os outros livros. No *diario* se menciona tão bem a letra paga de 10,000 pesetas como os dous reaes que se dá a um caixeirinho para ir comprar um vidro de lampeão; n'elle se inscreve tão bem a encomenda de cem peças de fazenda que faz um negociante de fóra como o meio metro de chita que uma pobre mulher comprou para remendar a sua desbotada e rota saia.

Os negociantes, e Dom Braz fazia o mesmo, costumam servir-se de outros livros e cadernos além dos forçosos e legaes. Por exemplo, marcam á parte as *despezas* e as *notas a cobrar*, assentam em separado a *escripta da caixa* e as *contas*; mas estes pormenores, que cada um aprende e usa conforme lhe dictam a

practica e as necessidades particulares do seu negocio, não são geraes nem obrigatorios, nem aqui merecem menção.

V

Com a sua figura expressiva e maneiras insinuantes, era Dom Braz o encanto dos seus freguezes, ou antes das suas freguezas, pois que o seu ramo de negocio o punha mais frequentemente em contacto com estas, que muito apreciavam as suas amaveis galanterias.

O negocio ia de vento em popa. A freguezia augmentava todos os dias. Dom Braz ia duas vezes por anno a Pariz ou a Vienna, em busca sempre de novidades que attrahissem o publico, e tinha tal tino e acerto, conhecia tão bem os gostos dos outros que nem uma só vez errou, nem uma só vez as suas fazendas desagradaram; cada viagem era para elle um successo e cada uma d'ellas dava mais amplitude e variedade ao seu negocio.

A principio só vendia roupa branca e lisa; depois começou a vender lencinhos bordados e lençóes ricos; em seguida adquiriu cortinas e tapetes; outra vez se apresentou com lindos transparentes; outra com vestidos feitos para senhoras; e por fim aquillo ficou um verdadeiro bazar. Um dia espunha á venda cestinhas de trabalho, elegantes e luxuosas, outro eram banquetas primorosas para os pés, depois maletas de viagem, *terras cottas*, quadros a oleo e toda a sorte de objectos qicitrassoe desde os chapéus de senhora e bengalas e

cigarreiras para homens chegou até os brinquedos de creanças. O que tudo era é muito escolhido, muito novo, muito bonito... e muito caro.

Doze annos passou elle encerrado na sua loja, lutando com os freguezes, pois a venda de certos artigos era uma verdadeira luta. Como todas as carreiras, o commercio tem muitas difficuldades; a vontade não é sufficiente, se o engenho é nullo e se a experiencia não ajudar. O bom negociante não espera que os freguezes o vão procurar e lhe peçam o que querem, porém os importuna sem cessar e os faz comprar o que lhe convém vender. N'este ramo da vida social, que muitos desprezam sem o conhecer, pôde uma intelligencia revelar-se e distinguir-se e se tornar credora de grande renome, como nos mais profundos estudos litterarios e scientificos.

Quem tiver visto Dom Braz com a sua sobrecasaca de panno azul forrada de seda, com a sua camisa brilhante e a gravata á ultima moda e o gorro vermelho de grande borla pendente cobrindo-lhe a bem penteada cabelleira; que o ouvisse encarecer com apparente descuido o valor da sua mercadoria, tendo-o ouvido antes repetir a cada instante o mesmo pregão de feira; quem soubesse o ardor com que se foi pouco a pouco instruindo, o gosto e a attenção com que ouve áquelles de quem pôde aprender alguma cousa e a predilecção que mostra pelos livros nas suas horas de recreio e descanso; quem se informasse de como, vivendo atraz do balcão, com os seus olhos vivos e a bocca risonha e a barba loura e a verbosidade inexgottavel, conquistou o amor de uma cliente da casa, moça, honesta, rica e formosa com quem se casou e viveu feliz; quem percorresse os seus livros de escriptorio

e descobrisse o augmento prodigioso do seu capital, empregado em negocios lisos, não duvidaria mais, se d'isso não estivesse bem certo, de que o *genio do commercio* existe, poderoso e forte, e é tão digno de respeito e admiração como o das artes e sciencias, ainda que por desgraça não se abrigue vulgarmente sob as frentes da multidão de logistas, mascates e ciganos.

VI

Casou Dom Braz com a linda noiva e pouco tempo depois, querendo retirar-se dos negocios a firma « Antonio Soares & C^{ia} », tomou em traspasse o grandioso armazem conhecido sob a nome d'aquella importante firma social que alli se enriquecera. Enfastiado agora da vida excessivamente activa da loja, onde era constantemente obrigado a attender ao publico, deu uma direcção differente aos seus esforços e, sem intervir directamente em tudo, occupou-se mais especialmente com as vendas por grosso e com as transacções com as grandes fabricas.

É preciso dizer que cada mudança, se bem que offercida pela casualidade ou a sorte, não era no pensamento de Braz uma idéa distincta e sim a realisação de uma aspiração raciocinada.

Da sua aldeia viu elle apenas a barraca de feira onde fez as suas primeiras armas; da barraca vislumbrou já claramente a loja commoda e bem surtida e preparou-se para conquistal-a; da loja descobriu o

o armazem, e foi trabalhando sem cessar para chegar algum dia a ser dono d'elle; do armazem, os annos, o trabalho e os lucros o fizeram comprehender que, em certa idade, com sólidas experiencias e grandes capitaes, podia aspirar a alguma cousa mais e melhorar de posição, ao mesmo tempo que de fortuna.

Havia seguido uma marcha racional e ascencional, que o conduziu do canto de uma aldeia a um palecete de sua propriedade na Còrte, e da mais crassa ignorancia o transportou á mais intelligente educação.

Fructo do seu matrimonio foram dous filhos e uma filha, que se não criaram certamente como o pae. A mãe, tão discreta quanto bondosa, fez da menina uma mulher perfeita, e dom Braz fez dos meninos dous illustrados negociantes.

— Não basta que vos deixe o meu dinheiro — lhes dizia — é preciso que aprendaes a manejal-o, para saber o que vale e o que custa.

Os pequenos tinham, como o pae e o avô, a bossa das travessuras diabolicas; porém dom Braz os conteve.

Affirmam muitos e erradamente sustentam que os filhos dos ricos *não carecem* de certas duras experiencias, e que *o trabalho se fez para os pobres*.

Isto é um grande erro, pois como a experiencia ensina, se é difficil fazer uma fortuna com o unico esforço individual de quem a deseja, é talvez ainda mais difficil conserval-a quando se desconhecem as fontes do trabalho que pôdem produzil-a.

O velho barão de Rothschild, cujo nome ninguem ignora, porque já é um synonymo de opulenta fortuna, trabalhava sem descanso no seu escriptorio, onde os filhos o ajudavam. Os filhos do homem mais rico do

mundo passavam horas e horas lendo cartas e letras de cambio e documentos commerciaes de toda sorte, ao passo que outros, em falsa posição, exhibiam cavallos, passeavam de carro e projectavam constantemente diversões com que entretivessem os seus ocios interminaveis.

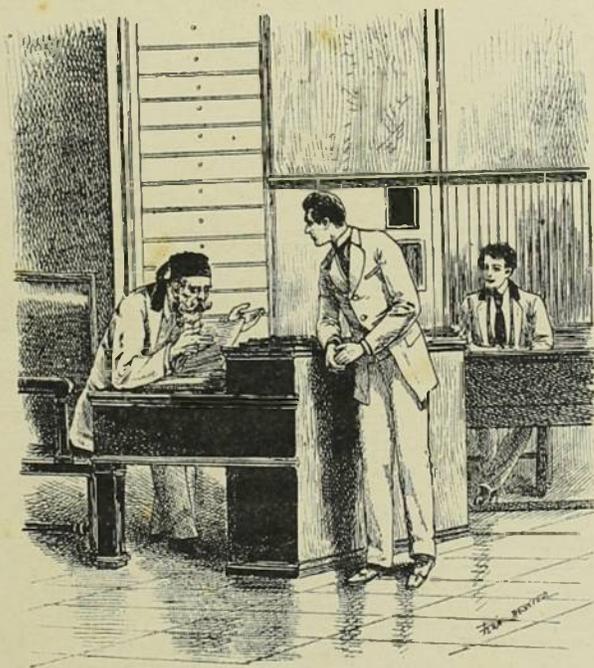
Com essa perseverança, com essa fé, com a verdadeira humildade que leva o homem poderoso a effectuar trabalhos que outros entregariam ao administrador, ao secretario ou ao escrevente, os negociantes judeus se apoderaram das empresas mercantis do mundo inteiro.

Dom Braz, que sem ser judeu era negociante, não se deixava deslumbrar pelo ouro ganho, que lhe offerecia prazeres e mollicie e descuido; gozava-o com esplendor e sem preocupações, mas não esquecia nunca os seus negocios no seu afan de maiores lucros.

Com os filhos seguiu o systema do velho barão de Rothschild, e em lugar de rodeal-os de um luxo desenfreado que lhes fizesse crêr que a fortuna lhes permittia a insolencia e a dissipação, provou-lhes que só trabalhando se goza e só do trabalho se vive. As diversões cultas, os prazeres licitos, os entretenimentos decentes, os theatros, os casinos, as corridas de cavallos, sempre foram boas para entreter ocios e distrahir preocupações: porém de modo algum podem ser consideradas como exclusivo e nobre objectivo de uma vida. Quando os filhos ainda eram pequenos Dom Braz lhes contava as peripecias, trabalhos e licções da sua vida; quando cresceram e os teve ao seu lado no escriptorio da sua *casa bancaria*, ultimo negocio a que aspirou depois do grande armazem, iniciou-os em ensinos proveitosos e recursos honrados e salvadores muitas vezes.

Dom Braz conserva, cuidadosamente guardada em

uma caixa de marfim, uma velha bolsa de lan que ás vezes contempla com carinho, como se fosse um amuleto religioso, e costuma dizer que da estreita bocca d'aquelle bolsinho sahiu toda a sua fortuna. Porém alli não houve mais de mil pesetas e quem attentar nas cans que cobrem a cabeça do banqueiro, na sua fronte despojada, nos seus lombos curvados, nos seus olhos cansados, compreenderá que mil pesetas não fazem uma fortuna, sem que uma intelligencia constantemente alerta e um trabalho assiduo, com o correr do tempo, sejam os infatigaveis collaboradores da empreza.



and the rest of the world
is full of people who
are not like us.

They are not like us
because they are not
like us.

They are not like us
because they are not
like us.

They are not like us
because they are not
like us.

They are not like us
because they are not
like us.

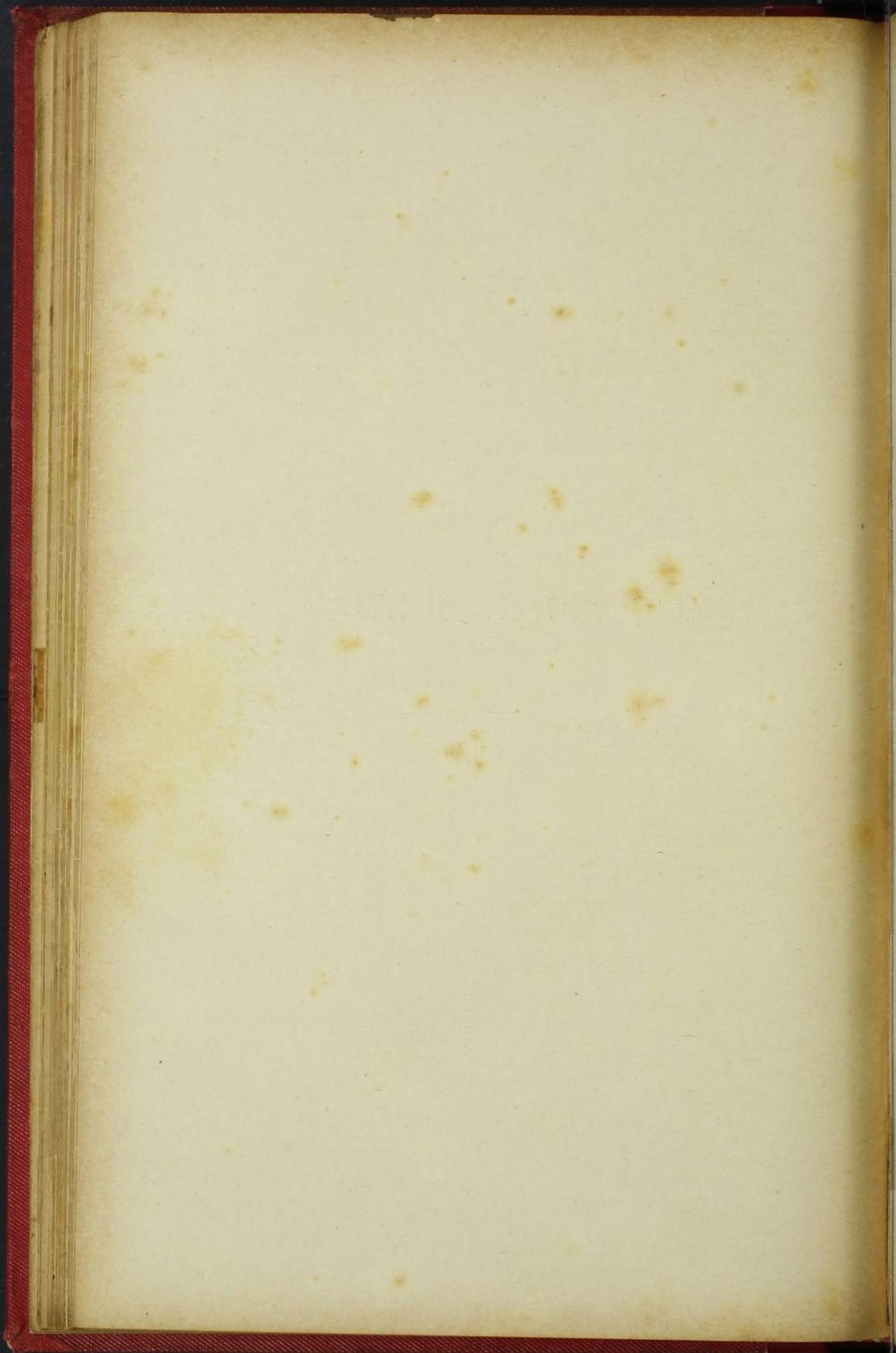
They are not like us
because they are not
like us.

They are not like us
because they are not
like us.

They are not like us
because they are not
like us.

They are not like us
because they are not
like us.

O GENIO INQUIETO





O GENIO INQUIETO

I

Terminada a classe de leitura, o mestre sentado n'uma cadeira alta sobre um largo estrado, dá com uma regua tres pancadas sobre a mesa que tem defronte.

Murmurios de vozes sumidas, tropel de passos ruidosos, respondem a esse signal : cada menino acode ao seu logar marcado nas mesas de escripta, e por fim se restabelece o silencio.

Formando filas, de oito em oito, silenciosos, de pé e chegados aos estreitos bancos, os meninos esperam com os olhos postos na mão do mestre até que um só golpe, secco e mais forte que os anteriores, lhes diga que podem sentar-se.

Novo sussurro : choques de madeira, papeis e mãos; as carteiras se abrem e fecham durante cinco minutos;

os tinteiros são suspensos para observar através do vidro o nível da tinta; os cadernos recebem de vez em quando o toque dos dedos humedecidos virando-lhes as folhas; experimenta-se a tempera das pennas de aço de encontro á unha do pollegar esquerdo.

Já se prolongam em demasia os preparativos; risos abafados começam a misturar-se com phrases ditas á meia voz e beliscões, pontapés á sorrelfa e mesmo pescoções são a final reprimidos pela voz do mestre gritando « Silencio ! » e pela forte e derradeira reguada sobre a mesa.

Calam-se os meninos e escrevem. Na grande sala do collegio só se ouvem as pennas rangendo nervosamente e o monotonozumbido das moscas. Cessa então o mestre de examinar os alumnos, recosta-se um pouco á cadeira, pega n'um livro ás mãos ambas e põe-se a ler distrahidamente.

O silencio não se interrompe; parece mesmo augmentar, porque já as pennas deixaram de rabiscar o papel : no angulo mais afastado do estrado do professor, junto á varanda que dá entrada ao ar perfumado de um jardim, forma-se um remoinho de cabeças, enxame cada vez mais denso, que sem cessar se avoluma, engrossando pouco a pouco, á medida que novos individuos abandonam cautelosamente os seus postos para chegar a elle.

Alli, entre todos, agachado no chão, rodeado pelos outros e quasi sem respiração, tanto o aperta o apinhado grupo dos seus admiradores, está Julião, o menino de mais privilegiada intelligencia entre todos os d'aquelle estabelecimento, porém tambem o mais rebelde e o menos apégado aos seus deveres.

Encima do banco em que se assenta quando escreve

ou estuda colloca um ratinho morto e com elle offerece aos seus collegas e admiradores uma verdadeira licção de anatomia e dissecção do animal roedor.

Julião tira do bolso um afiado canivete de aparar pennas e dá principio ao trabalho. Os ouvintes miram e gesticulam admirativamente, não podendo comprehender como aprendeu tanta sciencia o Julião. Mas quando este apresentava espetada na lamina de canivete o figado do rato e proseguia perorando, o mestre levantou a cabeça e viu primeiro as mesas vazias e as pastas abandonadas, depois o grupo apinhado e absorto. Chegou-se em pontas de pés, sem que o percebessem, e quando o pequenino, devêras possuido pela sua arte e esquecendo onde estava exclamava em alta voz — « Este é o orgão que secreta a bilis » — o mestre pegou-o por uma orelha, dizendo-lhe enquanto o levava quasi arrastado : « Boa bilis vaes tu tragar ! »

II

A vocação de Julião era decidida e nem então nem d'ahi por deante se modificou. Continuou a apanhar bichos e a leval-os para a escola, onde fazia conferencias servindo-se d'elles como assumpto.

Uma vez cortava as patas a um gafanhoto ; outra vez estudava os effeitos do phosphoro na natureza de um grillo. Não é preciso dizer que, com toda esta sciencia sendo o mais esperto dos alumnos, era de todos o mais ignorante.

Escrevia devagar e com má letra; estava em jejum em grammatica, e tropeçava frequentemente na leitura. Mas soube convencer com o seu atrevimento ao pae, que o fez entrar para o Instituto de ensino secundario, pensando que com faltas de orthographia embora se póde ser muito bom medico, quando as disposições naturaes ajudam.

Em más condições se esforçava Julião por fazer valer sua viveza de espirito e vencer varios dos seus condiscipulos, de intelligencia mediana, é certo, porém que, seguindo docilmente o que aprenderam nos livros, lhe levavam grande vantagens nos estudos. Ainda lhe teria sido facil recobrar-se ao chegar, por exemplo, ao estudo das mathematicas, em que uma intelligencia lucida não receia a competencia, ou ao da Physica e da Historia Natural, tão relacionados com as sus antigas afleições, se estas já se não houvessem extinguido para ceder logar a idéas novas.

Julião desenhava com graça e facilidade : enquanto os outros attendiam ás explicações do professor, fazia elle caricaturas, e mais de uma vez as suas obras, a que nem sempre presidia todo o decoro, lhe trouxeram sérios desaguizados.

Em casa, e sobretudo ás horas de recreio, nada significavam os seus desenhos. Mas os que fez foram bastantes para que os amigos do pae o admirassem e este acreditasse de novo que o seu pequeno tinha uma vocação sincera de artista.

Julião sahiu do Instituto, sem o grau de bacharel que os seus collegas, mesmo os menos intelligentes, alcançaram á força de trabalho e perseverança, e sem conservar a menor idéa do que os mestres lhe pretenderam inculcar.

Assim foram indo as cousas, até que deu elle com os ossos na officina de um pintor, onde logo se desgostou do officio, porque, conforme se vae vendo, o nosso



heroe não supportava a disciplina e sem ella não ha trabalho sério.

No cerebro de Julião havia força, comprehensão rapida e mesmo inventiva, mas faltava uma nota domi-

nante, um pensamento que submettesse e reprimisse os outros, uma vocação verdadeira, resignada, que fustigasse todas aquellas intenções caprichosas.

Era um genio inquieto, mobil, trivial, que do trabalho só aceitava a parte agradável, desanimando ante as difficuldades.

Julião não se resignou a copiar linhas com estricta fidelidade ou a reproduzir tons de colorido cuidadosamente, segundo o modelo, nem a guardar com rigoroso esmero proporções e distancias. Em taes condições pincel e lapis lhe eram um fadigoso tormento para os olhos e para as mãos que logo eram tolhidas por caimbras.

De manhan sahia aborrecido e contrariado na direcção da officina. Em breve passou a trocar o tempo que alli passava por longos passeios no campo. Isso lhe refrescava o espirito; o cheiro da pintura lá o não perseguia; em campo aberto os olhos se lhe não fatigavam como quando permaneciam attentos largo tempo enquanto estudava tons e perfis de objectos no quadro que copiava. A natureza! a grande natureza era a sua amiga... A arte era uma farsa, uma embromação, um fingimento como qualquer outro.

Durante esses passeios começaram a tomar outro rumo ao suas imaginações. Uma noite chegou á casa com os bolsos cheios de pedras; nos dias seguintes fez o mesmo. Essas pedras de varios tamanhos, côres e formas eram cuidadosamente guardadas e deante d'ellas Julião permanecia longas horas em contemplação. Sentia-se afeiçoado á Mineralogia. Teve necessidade de consultar a Geometria para recordar as propriedades dos solidos regulares e comprehendeu que as Mathematicas encerravam thesouros que facilmente

e com gosto podia explorar. Assim se consagrou ás sciencias exactas e ás suas applicações ás sciencias naturaes.

III

Receiava o pae, e não eram infundadas as suas apprehensões, que Julião não desse para cousa que prestasse. Compreendendo que a intelligencia do filho não era vulgar, estava sempre á espreita para sorprendher as suas aspirações; estas, porém, não pareciam definidas e positivas e o bom ancião era presa de crueis presentimentos.

— Oh! é um genio inquieto — dizia suspirando — um caprichoso, um indisciplinado!

E no entanto esperava sempre vagamente que esse genio não seria esteril.

O proprio Julião d'esta vez comprehendera uma cousa em que é preciso pensar sempre. E que nada é mais certo do que a proposição, apparentemente exaggerada, de que « O tempo vòa. »

Os momentos parecem longuissimos por vezes, porém os annos passam de pressa. Tantos passaram em experiencias improficuas, que Julião chegara aos vinte e tres da sua vida, e aos vinte e tres annos é necessario que um homem saiba o rumo que tomará a sua actividade e de que modo empregará a sua intelligencia.

Ainda que um pouco tarde, Julião fez esta reflexão e decidiu-se a pedir o consentimento do pae para seguir

a carreira de engenheiro de minas. Não nos deteremos sobre esta época da sua existencia, bastando-nos dizer que Julião na Escola de Minas foi o que tinha sido na escola de primeiras lettras, no collegio de instrucção secundaria e no atelier de pintura ; com a differença de que agora a sua habitual relaxação e o que havia de culpado no seu passado desculpavam até certo ponto o seu comportamento.

Occupada com a viviseccão do insectos e com estudos anatomicos, inuteis por sua inopportunidade e sem proveito para os seus primeiros annos, elle não aperfeiçoou o seu talho de lettra, nem aprendeu a escrever com grammatica.

Distrahido durante os cursos do ensino secundario em caricaturar as physionomias dos professores e alumnos não afeiçãoou a sua intelligencia aos habitos de attenção que desenvolvem a memoria, e esta, com o correr dos annos e sem ser estimulada pelo estudo, em vez de augmentar diminuia.

Na officina do pintor perdeu mesmo o costume de sentar-se com a compostura e os bons modos que lhe ensinara o primeiro mestre e não aprendeu a fixar a vista em pequenos pormenores, dando ás linhas precisão minuciosa necessaria para o bom desenho. Assim, custava-lhe tomar apontamentos em classe, comprehendia com difficuldade o que lia, esquecia o que difficilmente aprendera e desenhava uma machina como se fosse um grupo de arvores. As difficuldades eram maiores do que o seu talento e lhe tornavam impotente a vontade ; por mais esforços que fizesse faltavam-lhe elementos para triumphar.

IV

Sabendo que a sua incorrigivel negligencia lhe tornava impossivel um estudo sério pensou em dedicar-se ao commercio e entrou como empregado para a casa de um amigo, que acreditou, segundo todas as apparencias, no grande serviço que Julião, intelligente e esperto como poucos, viria prestar ao seu estabelecimento. Mas todas as mathematicas do novo commerciante não lhe deram para se encarregar do escriptorio, porque um rapazinho, obscuro e quasi ignorante, sem saber pouco mais do que as quatro operações, fazia perfeitamente a escripturação e calligraphava os numeros e assentos com primor. Julião sabia muito bem desenhar uma paizagem com arvores e pastores e até cascatas, mas não sabia escrever um 3 ou um 8 como aquelle ignorante. Foi preciso que o empregassem no balcão, e alli achou elle ainda mais inconvenientes.

Desde o começo lhe doia o vêr-se encurralado, sempre atraz do balcão, tratando constantemente com creadas de servir e outras pessoas quasi sempre mal educadas e fastidiosas. Mas se fosse só isso! Havia peor : aquelles rusticos caixeiros que o rodeavam sabiam o seu officio muito melhor que Julião, vendiam mais e agradavam mais á freguezia. Muitas vezes quando o pobre alumno da Escola de Minas se adeantava timida e cortezmente para uma compradora e lhe dizia de manso : « Em que posso servil-a? » ella

respondia com um certo desdem e indicando outro empregado desalinhado e sujo :

— Nada : estou a espera de que me despache alli o *senhor*.

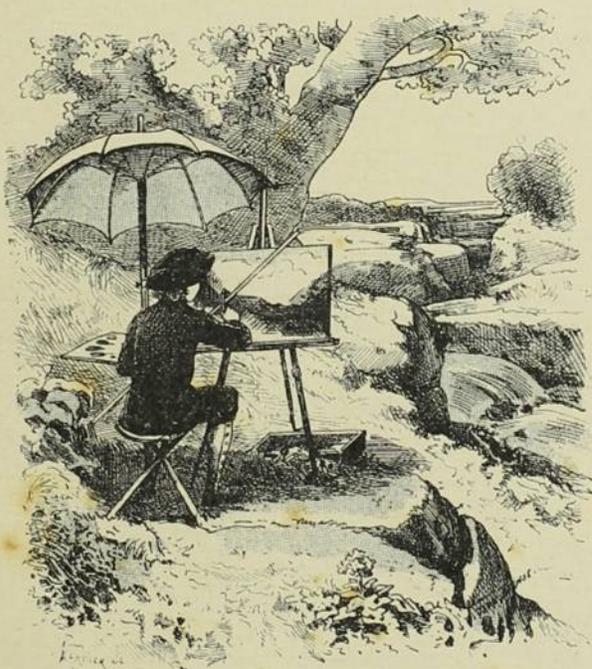
Emquanto isto succedia, o pae de Julião, desesperançado e desgostoso, era presa da morte. Julião chorou com amargura e com verdadeiro remorso, considerando tudo o que a sua inconstancia fizera soffrer ao pae querido que agora o abandonava para sempre.

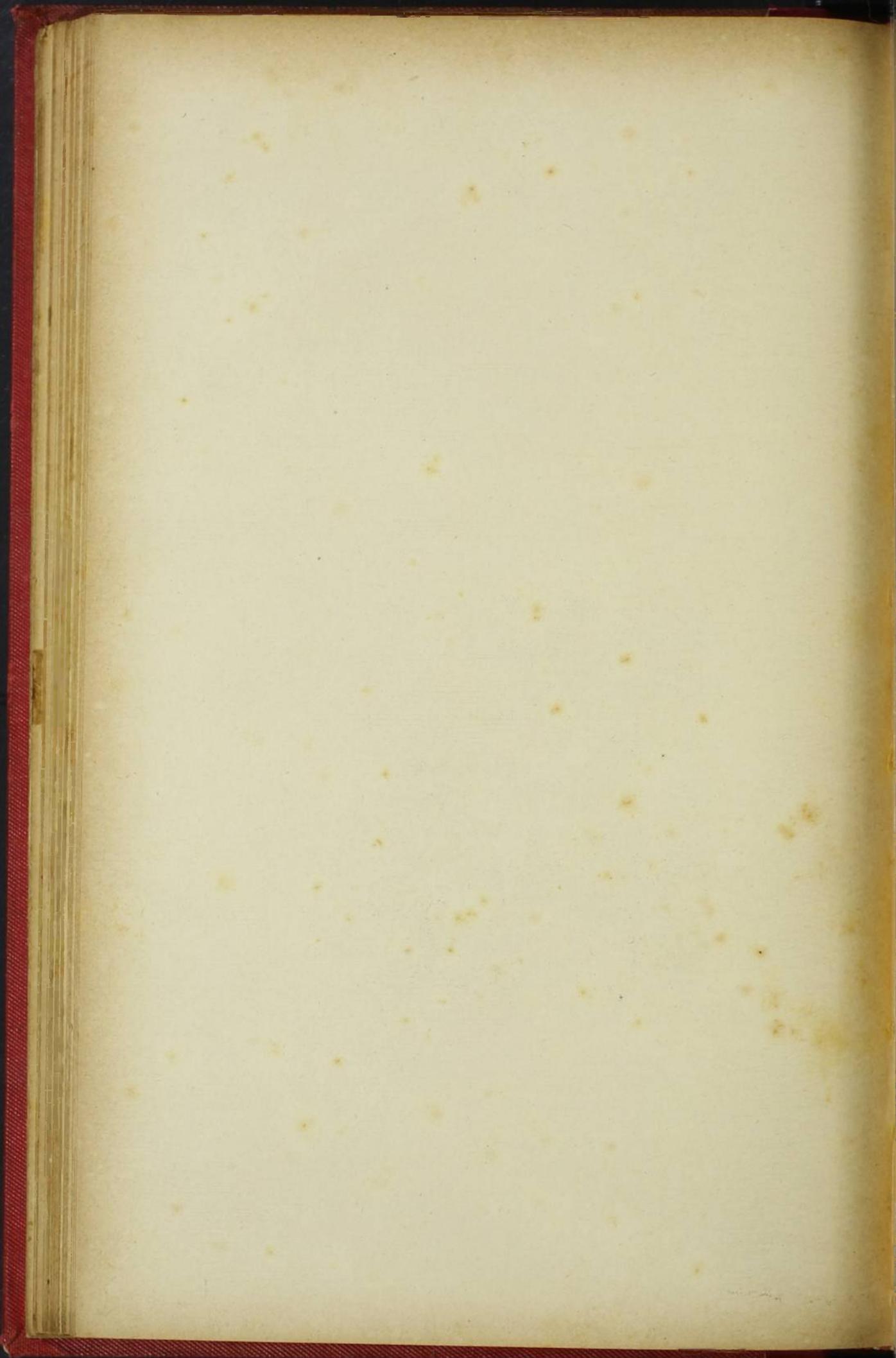
V

Julião era bom, tinha coração e este não adormecera como a sua intelligencia. Mas as muitas lagrimas que chorou, se acalmaram a magua da perda cruel soffrida, não bastaram para impedir que a miseria o perseguisse. Comprehendendo a inutilidade do seu serviço no commercio, o seu amigo recusou continuar a dar-lhe um ordenado, que nenhum proveito trazia á sua casa. E Julião se viu sósinho no mundo, sósinho e sem recursos de especie alguma, porquanto o pae tinha vivido exclusivamente de uma pequena pensão official como empregado no ministerio do Fomento e a sua modesta dotação, devorada por mil necessidades, lhe não permittira fazer a menor economia.

Julião recorreu aos amigos de outros tempos, amigos da casa ou seus companheiros de collegio para que lhe arranjassem um empregosinho de cinco mil reaes, e com isso vive miseravelmente.

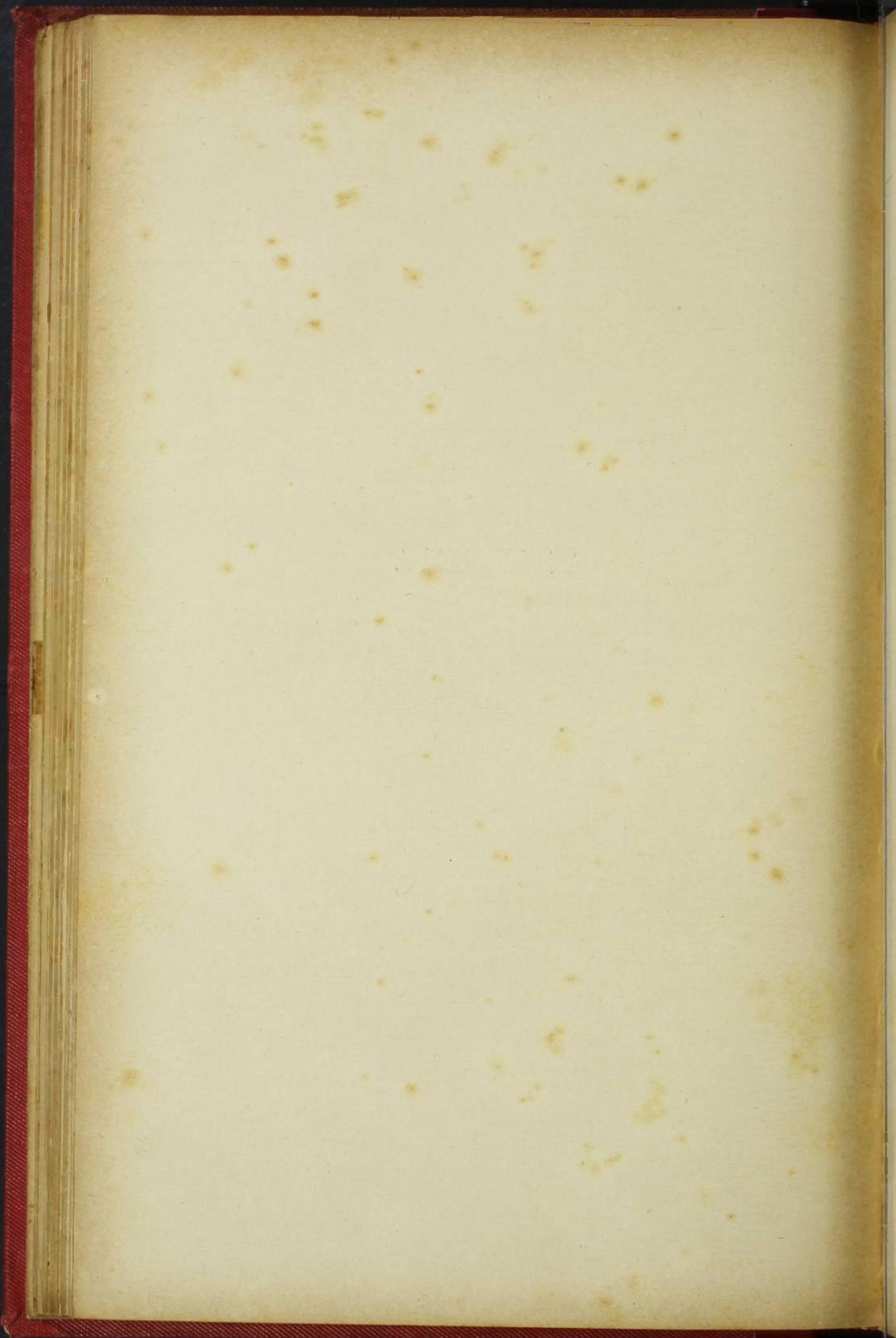
E, ao passo que outros, que em meninos o conheceram e elogiaram, admirando as suas disseccções ou rindo das suas caricaturas, são hoje medicos, pintores ou engenheiros, vegeta elle sem animo nem alegria, sem posição social que o faça brilhar, sem esperança de melhorar de fortuna e antes tremendo cada vez que muda o Governo, porque todas as noites em pesadêlos lhe apparece o espectro atterrador da demissão.





SAPIENCIA

A Augusto Valmitjana.





SAPIENCIA

« Quem quizer prosperar n'este
» mundo deve ter calma para consen-
» tir que os ignorantes lhe ensinem
» o que ja elle sabe e elles ainda
» ignoram. » LA BRUYÈRE.

I

Desde que se apeou no estação das diligencias, desde os seus primeiros exames de admissão, o rapazito experto, amavel e insinuante, que ignorava absolutamente a maxima de La Bruyère e o seu alcance, offereceu-se aos companheiros como o modelo mais perfeito de affectação e pedantismo.

Era costume antigo entre os alumnos d'aquelle centro de instrucção scientifica estudar nos novos collegas, mais do que nos veteranos, durante os primeiros

dias de Outubro, o defeito ou traço exagerado de caracter que lhes permittisse classificar-os com uma alcunha que durante todo o tempo do curso substituia o verdadeiro nome.

Sapiencia chamaram a esse *calouro* que se apresentava muito decidido aos exames de admissão, era successivamente approvado, e com a ultima approvação alcançava a fortuna de se vêr transformado em alumno do curso preparatorio.

A Escola de Engenheiros era situada em um povoado nem grande nem pequeno, nem bonito nem feio, eivado já de certas de pretensões, por causa da vizinhança da capital, e habituado a certos costumes que não correspondiam á sua importancia e riqueza. No logar nem sequer se plantavam alfaces; não havia uma só fabrica, nem outra industria que não fosse a das conhecidas *casas de pensão*, e o commercio que alli se fazia era o facilmente abusivo de quem, aproveitando a occasião, explora e não negocia. As casas eram más e desconfortaveis; os alimentos ordinarios, porque não havia meio de os obter peiores; o serviço insolente, ainda que a maior parte dos vizinhos devesse em consciencia classificar-se na cathegoria dos *creados*.

O ensino official trouxera áquelle recanto do mundo (que nem mesmo era um recanto e sim um planalto exposto aos ventos e ao frio, por todos os lados) uma multidão de familias não inteiramente pobres que alli viviam, umas porque o chefe era professor da escola e outras, mais numerosas, por n'ella terem filhos ou parentes como alumnos. Tambem eram em grande numero os alumnos que, vivendo separados dos paes ou tutores — pois nem a todos é facil acompanhar os filhos que vão para os estudos —, vegetavam em casas

de hospedes; e casas de hospedes eram as de quasi todos os vizinhos, que, na falta de outros meios de vida, se occupavam com este commercio. Negocio tão honrado e decente como qualquer outro, quando é feito conscienciosamente, mas deshonesto e vil quando n'elle se commettem abusos, privando de comida saudavel e nutritiva os moços, que se veem obrigados — na idade mais melindrosa do seu desenvolvimento physico — a distrahir muita força e energia nervosa do seu tenro organismo nos seus trabalhos mentaes, sempre penosos, que lhe facilitarão um dia com o titulo academico, uma posição social e futuro independente.

II

Sapencia foi dos desgraçados a quem coube por sorte lutar com esse monstro humano que se chama *locandeira*. O pae do estudante, que era tambem engenheiro, e empregado n'um caminho de ferro, não podia abandonar o seu posto para seguir o filho, porque sem o trabalho continuo e a assiduidade no logar aonde o chamasse o seu emprego não teria elle dinheiro para dar ao pequeno a carreira que desejava, nem roupa para os filhos menores que tinha comsigo, nem pão para ninguem da familia.

A *patrôa* de *Sapencia* era uma viuva de algum homem de *posição elevada* que no mundo desempenhara *altos destinos*, porém que ninguem sabia onde nem em que ramo de actividade social, ainda que a mulher enchesse a bocca com essas afirmações.

Mais conversa do que comida dava ella aos seus hospedes quando com elles e á cabeceira da mesa sentava-se aos repastos, que uma creada suja e boçal servia de mau humor e de maneira inteiramente insatisfactoria.

Oito estudantes eram as victimas da muito gabada e respeitavel D. Michaela, e dos oito cinco eram vadios e folgazões, trabalhadores mas cheios de presumpção e um apenas era applicado, simples, bem comportado e ingenuo — *Sapiencia*. De todos elles D. Michaela preferia um pelintra andaluz e jogador, ainda que fosse quasi um menino; porém tão engraçado e contador de historias que com as suas pilhérias e farças trazia a casa revolta. No atrevido sevilhano, que perdia a mezada ao jogo todos os mezes e já devia mais de um anno de pensão, D. Michaela revia a imagem do filho (o unico filho que lhe deixara o *alto personagem* que era o seu marido) d'esse pedaço das suas entranhas, consolação da viuvez e alento da sua vida, que, para ser official artilharia, levou-a a Segovia, onde pela vez primeiro e com o rubor nas faces, para sustentar o rapaz e fugir á miseria, se fez dona de casa de pensão; aquelle estroina incorrigivel, que tambem perdia ao jogo o seu dinheiro e morreu roido de vicios ao sahir alferes...

Tudo isso acudia á lembrança de D. Michaela e as recordações a impelliam para o patife sevilhano, que lhe tirava as pesetas da gaveta chamando-a de *mamãe-sinha* e bebia quanto encontrava no armaria, brindando : « *Á saude do menino, que se parecia commigo e que lá está no Reino da Gloria.* »

Exceptuando *Sapiencia* e o andaluz, os demais hospedes de casa eram rapazes vulgares e viviam como

quasi todos os estudantes vivem em centros universitários analogos a este. Levantavam-se ás oito horas, mais para evitar os ralhos de D. Michaela, do que pelo desejo de assistir ao curso. Com os livros debaixo do braço entravam na sala de desenho, onde recordavam as lições enquanto esperavam a chamada do porteiro. Berrava este importante personagem : « Senhores do curso tal ! » E uns atraz do outros desfilavam os estudantes de livro aberto entre as mãos, seismando alguns, tardiamente, que iam expostos a um sabão e a uma má nota.

III

Sapiencia era um rapaz de juizo e cumpridor dos seus deveres. Terminada a aula de desenho, dava um passeio de meia hora para desentorpecer o corpo e logo se recolhia a estudar as lições do dia seguinte.

Se tinha problemas a resolver, de prompto sahia do embaraço, e sempre se mostrava limpo e alinhado, copiando os calculos com algarismos claros ou traçando as figuras com um bom tiralinhas que bem sabia manejar. Quando o chamavam para o jantar, ás oito noite, já tinha elle geralmente concluido o seu trabalho e se entretinha em desenhar *bonecos*, para não estar ocioso um só instante ; e quando vinha a cozinheira avisal-o de que já estavam á mesa ou os collegas de volta do cassino ou do passeio lhe entravam pelo quarto para criticar a vida de solitario que levava e arrastal-o á sala de jantar, a custo se levantava da cadeira em

que tinha ficado assentado ás vezes mais de seis horas, dava um passeio pelo quarto, sacudindo violentamente os braços, batendo com os pés para os aquecer e esfregando as mãos de encontro ao peito para chamar com a reacção a vida corporal que descuidara emquanto se absorvia com o trabalho intellectual.

Já tinham comido a sopa e o cozido quando elle chegava á mesa. As gabolices de D. Michaela não eram muito interessantes, porém como os commensaes tinham bom appetite e palravam pelos cotovellos devoravam sem grande exame o que lhes davam a comer. Só a dona da casa tinha estes luxos, e algumas vezes, depois de mastigar durante meia hora um pedaço de carne ou de hesitar longamente antes de engulir algum *caldo de sustancia* em que boiava um pedaço de pão secco e amargo, lançava ella um olhar sobre as suas victimas, que descuidosamente riam e gritavam n'uma algazarra; e logo fazia um signal com os olhos á boçal creada, que lhe tirasse o prato, enquanto pela mente lhe passavam pensamentos como este: « Vivem estas creaturas tragando traçalhos de carne e mastigando pão duro, ao passo que o filho querido da minha alma, que comia do bom e do melhor, morreu. »

Logo que com a sopa se apaziguava a furia do primeiro appetite, começava a conversação.

— Ó Sapiencia, tu de certo já sabes as licções?

— As de amanha são faceis — respondia o interpellado.

— Para ti tudo é facil — resmungava de mau humor um invejoso.

— Mas vocês é que não viram — replicava o outro ingenuamente. — Basta uma leitura para as ficar sabendo.

— Uma leitura! Nós é que não somos tão fortes.

— Já nos vêm contar prosas — berrava outro malevolamente. — Deus sabe o que lhe custou a mettel-a na moleira e agora...

— Facil ainda seria a de Topographia e mesmo assim creio que lhe não metterei o dente.

— Nem eu tampouco.

— Nem eu.

— Pois eu... vejam lá...

— Ta ta ta... não nos esquentes a cabeça inutilmente.

— É melhor desistirmos d'isso.

— E assim aprenderá o *Sapatrancas* a não marcar licções tão grandes.

(*Sapatrancas* era o professor).

— O *Sapatrancas* que tome o trabalho de explicar esta, que é grande e difficil. Nós todos diremos que não pudemos comprehender.

— Mas eu lhes estou dizendo que é muito simples, que não vale nada — gritava *Sapiencia*, esforçando-se em vão por convencer aos amigos.

— Ah! tu comprehendeste? Pois guarda-a para ti e que te faça bom proveito. Nós amanhã diremos *todos* que não pudemos metter-lhe o dente, e tu não serás tão *typo* que nos vás comprometter.

— Mas seria melhor — redarguia o sizudo *Sapiencia* — que eu lhes explicasse a licção em duas palavras, porque póde haver outros que a saibam como eu e que não queiram *dar tiro*. Vocês verão como é simples.

— Já quer abrir curso! Fóra o professor! Fóra o pedante! Amolador!

E todos gritavam e a berraria louca intimidava o pobre rapaz, que de boamente se propunha a facilitar

aos collegas a tarefa que lhe custara ás vezes largo tempo de trabalho desajudado.

IV

Uma noite, recusando os bondosos offercimentos de *Sapiencia*, disse o mais madraço de todos :

— Não posso tragar os pedantes !

E a algazarra começou como de costume.

Mas o andaluz, que, talvez porque todos o acatavam admirando a seu espirito agudo e scintillante, não tinha ciumes nem inveja e se suppunha uma *eminencia*, uma especialidade a seu modo, o favorito de D. Michaela d'essa vez interveio :

— Vecês são injustos e tolos — gritou elle com autoridade. — O rapaz quer nos prestar um servico e vocês lhe pagam o favor com desaforos...

— Mas se nem é um favor — murmurou modestamente o bom estudante.

— De certo não é — replicou um descarado. — Nós é que te fariamos favor escutando-te, porque tu o que queres é brilhar e nada mais.

— Cuidado, Perico, não caias n'esse poço... de sciencia.

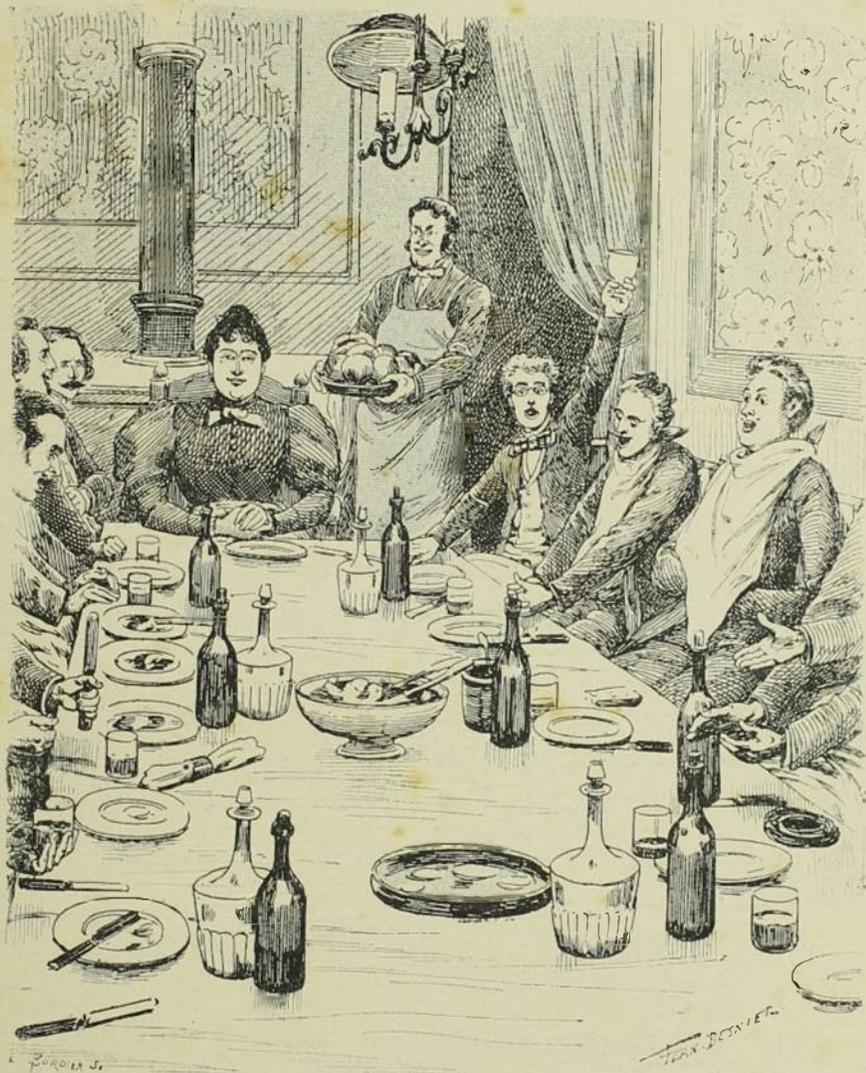
— Mas se amanha os chamarem á licção?

— Não indo á aula, terci resolvido a problema.

— E se lhes cahir para ponto de exame?

— Olha cá, deixa-nos em paz. O que tu queres já sei : é fazer um discurso, porém á sobremesa a Mecanica

empanturra. Será melhor uma garrafa de aguardente, que ajuda a digestão. Ella que suba e *basta de mathematicas*.



- Isso é que é.
- Approvado por unanimidade! Nicanora!
- Aguardente! Uma!

— Ai Sapiencia, pobre Sapiencia!
Tens de arrolhar a tua sciencia;
Poisque esta pobre gente imprudente
Tem prefereneia pela aguardente.

— Sapiencia, tu nasceste para pedagogo.

— Quererá um lugar de professor. Lamentemos as
suas futuras victimas!

— E fumemos um cigarro á sua memoria. Passa a
bolsa.

— Está vazia.

— Corra vazia.

— Eu tenho cigarros, tomem lá — diz *Sapiencia*,
passando a cigarreira.

— Siga a caixeta.

— Dê a roda.

— Nicanora, traze uma braza n'um prato.

— Aqui vão os phosphoros — diz *Sapiencia*.

— Careço de escrever a meu pae. Quem tem papel
de cartas?

— Quem, senão *Sapiencia*?

— Sim, dou-te papel e sobrecartas.

— Elle que tem de tudo!

— Elle que sabe tudo!

— Elle que tudo explica!

Sapiencia sahe da sala de jantar e entra no seu
quarto.

— Gente desagradecida! — exclama o andaluz.

— Está aberta a sessão — grita um gallego de alta
estatura. — O que pensam vocês da federação latina?
Acham que é cousa exequivel?

E outra berra:

— Quem é aqui pelo divorcio?

— Digo eu.

E todos fallam e gritam e discutem o que ignoram e fazem esforços de imaginação para achar um argumento em favor da idéa que defendem, sem que a sintam convicta e maduramente, sem que a vejam mais clara entre muitas outras confusas de que só vieram a ter um conhecimento vago e incompleto.

V

Às onze da noite, a garrafa de aguardente está vazia, a atmospheria da sala de jantar pesada de calor e do fumo dos cigarros e os cerebros aquecidos e excitados pelo esforço inutil divagam e se perturbam já sem gosto nem vigor bastante para tratar de alguma cousa razoavel, precisa e efficaz. Mas a consciencia falla sempre na alma peccadora e n'esse momento lembrou a licção do dia seguinte aos turbulentos vadios.

— É preciso fazer alguma cousa — resmunga o grosso gallego — para que o *Sapatranças* não desconfie que nem ao menos abrimos o livro.

— Pois vamos estudar juntos — suggeriu outro. — Vamos lá.

E entram todos no quarto do gallego e sentam-se em torno de uma mesa com os livros abertos. Começa um a leitura e os outros começam as interrupções : aquillo era muito complicado, muito difficil, absurdo ; é preciso recorrer a *Sapiencia*, a esse *burro* que achado facil e exequivel, que aprende as cousas á *força de cotovellos* ; porém, bom ou mau, só elle pôde tiral-os do atoleiro.

Antes o tivessem deixado explicar a lição depois da sobremesa... *Sapiencia* é um presumido e só para o amolar recusaram os seus offercimentos. O andaluz vae ao quarto do obsequioso rapaz, mas *Sapiencia* dorme e elle não se atreve a despertá-lo. Alguns dos companheiros pretendem importuná-lo indo em comissão pedir-lhe que venha explicar-lhes a lição; aceitando tarde o que desprezaram em bom tempo; ralham todos contra o *animal* que se deita com as gallinhas expondo-os a apanhar uma nota má no dia seguinte, prejudicando portanto aos seus companheiros e camaradas. O outros mais cordatos resolvem, entretanto, que se deve escrever um bilhetinho a *Sapiencia* e deixá-lo na sua palmatoria, para que elle o veja logo que acorde de manhan. E uns se vão deitar tranquillamente, confiando em si mesmos; outros, dizendo que ainda não têm somno sahem á rua; uns adormecem logo que sentem a quentura da cama e outros vélam, lendo até tarde um mau romance, que lhes não aproveita, com o mesmo descuido com que devoraram á má comida do jantar.

Ás cinco da manhan todos dormem, menos *Sapiencia*, que ao se levantar, tranquillo e descuidado, a essa hora, encontra o papel deixado pelos companheiros, que diz assim: « Chama-nos amanha quando te levatares e nos explicarás a lição. »

Sapiencia recebe sempre com prazer estes recados, que lhe fazem esquecer as vaias e doestos dos vadios. Veste-se, lava-se, arranja-se e começa a peregrinação pelos quartos.

— Joãosinho? não disseste que te chamasse? Queres estudar a lição?

E é como se nada tivesse dito.

— Ó José, levanta-te, que é tarde, homem, e perdemos tempo!

— Arthur, vamos lá! olha que não é tão facil como te disse... E tem problema!

VI

Que esperança! Nem o Joãozinho, nem José, nem Arthur se mechem. *Sapiencia* torna uma vez e outra a chamal-os, pacientemente. Mas só o andaluz desperta e detem n'uma das suas idas e vindas o candido estudante, pegando-lhe n'um braço e fazendo-o sentar-se ao seu lado para o convencer de que são inuteis os seus esforços.

— Escuta, *Sapiencia*; a mim me têm na conta de leviano e de cousa ruim; mas eu tenho mais coração do que os outros: bem vejo o que tu fazes e me faz pena devéras vêr que perdes tempo e cuidados inutilmente.

— O que queres dizer? que faço eu?

— O que tu fazes, pobre *Sapiencia*, não ha duvida que é bom, mas não parece bom, porque offende melindres e subtilezas de amor-proprio. Se pudesses imaginar como nós julgamos as tuas bondades! Tu és innocente, ingenuo; um ingenuo tolo diverte a todos e a ninguem inspira má vontade; porém um ingenuo com talento é herva má para os ignorantes, que somos em larga maioria. Comprehendes?

— Não sei o que queres dizer.

— Com effeito! Tu que tens uma intelligencia tão lucida para estudar nos livros, mostras uma estupidez

rara quando se trata de estudar os homens. Olha, eu sou chistoso, superficial, nunca serei um sabio; porém o que a mim me fiz...

— Tu poderias fazer muito, se trabalhasse com assiduidade e methodo.

— De nada me serviriam assiduidade, trabalho e methodo, se os empregasse como tu. Escuta e attende: Tu sempre dizes o que pensas, redundando em proveito de alguém.

— Sempre.

— Tu procuras corrigir os defeitos dos outros, se julgas isso possivel.

— Sempre que posso.

— Se alguém ignora o que convém fazer, tu lh'o ensinás á força...

— Quando o sei.

— E sem esperar que te peçam a licção.

— Porque bem vejo o que convém.

— Mas não contas com a *hospeda*, ainda peor do que D. Michaela: a nossa vaidade.

— Eu não tenho vaidade alguma. Penso fazer o bem...

— E fazes o mal. Por isto é que te disse que quando vemos um ingenuo tolo as suas ingenuidades nos divertem, porque são tolices. Sabes tu porque? Esse infeliz que mostra a sua pobreza de espirito afaga a nossa vaidade; é *mais um* da lista das almas inferiores á nossa, lista que quizeramos que fosse interminavel. Observa quando uma mulher bonita passa por perto de uma feia. A feia dirige á outra um olhar em que transparece uma maligna expressão de inveja; parece que a mataria com os olhos, se pudesse, e, sem saber quem é attribue-lhe defeitos e vicios que a envilecem. A bonita, ao contrario, a mira com doce complacencia

e suppõe que ella tem um espirito de bondade, porque representa mais uma voz no concerto universal que põe em relevo a sua existencia.

As mesmas mesquinhezas acontecem quando tratamos de almas. Tu és ingenuo e tens talento; com o teu ardor em ensinar aos outros o que sabes fazes resaltar a inferioridade dos teus collegas e ganhas antipathias. Que te importas tu com a ignorancia e a estupidez e a torpeza dos outros? Elles têm o seu caminho marcado, a vaidade os guia. Nunca te chegues para offerecer agua a quem não confesse que tem sede : seja esta a tua maxima.

Com todos os favores que fazes, quantos amigos tens tu? Quem te defende, a não ser eu, que sou um pobre diabo? Quem te estima? Quem te apoia? E, em troca, olha os grupos sympathicos que em torno de ti se formam. Como se amam! Como se protegem e se defendem! Amanhan sahiremos todos á vida do mundo : elles sempre vegetarão, porque as amizades sempre são como terras em que bem ou mal se lançam raizes; mas tu sósinho, inteiramente só, como te farás conhecido, por muito que saibas? Que dura e horrivel luta será para ti a vida! Elles irão cantando os louvores uns dos outros, e, como são muitos, serão ouvidos por toda a parte; tu mostrarás os teus merecimentos, mas como és sósinho, fazendo pouco *vulto* e pouco *ruido*, ninguém te prestará attenção. O numero é um elemento poderoso de successo quando o talento não é sustentado por uma força de vontade genial, verdadeiramente grande. E quem confia no genio? Não devemos contar com excepções, ainda que tu possas vir a ser uma d'ellas com o correr do tempo. Sim, meu amigo, o que o homem deve fazer primeiro é tornar-se sympathico

aos que o rodeiam e alargar o circulo dos seus affectos e admirações. Tu tomas o *bem* e o *mal* em absoluto e isto é um engano. Um grão de trigo é sempre um grão de trigo; e no entanto, conforme o logar em que o semeiam, produz ou não. Sem baixezas nem ruindades, sem esfriar o coração nem entorpecer o espirito, podemos adquirir muitas das condições proprias para a vida.

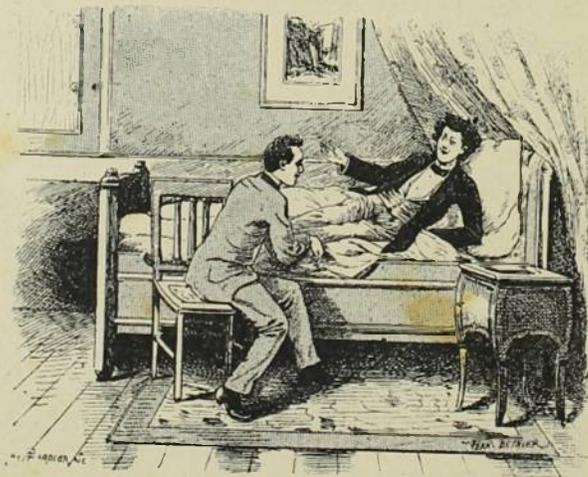
A prudencia deve ser tua companheira. Reflecte sempre, não no que dizes, mas a quem o dizes. Podes parecer bom e ser desagradavel e o que fôr um bem para o mundo ser á um mal para ti : Lembra-me ter lido, não sei mais onde, um pensamento philosophico muito salutar, que nunca deverias esquecer, porque aconselha justamente o contrario do que fazes.

— Lembras-te como era?

— Dizia assim : Quem quizer prosperar n'este mundo deve ter calma para consentir que os ignorantes lhe ensinem o que já elle sabe e elles ainda ignoram.

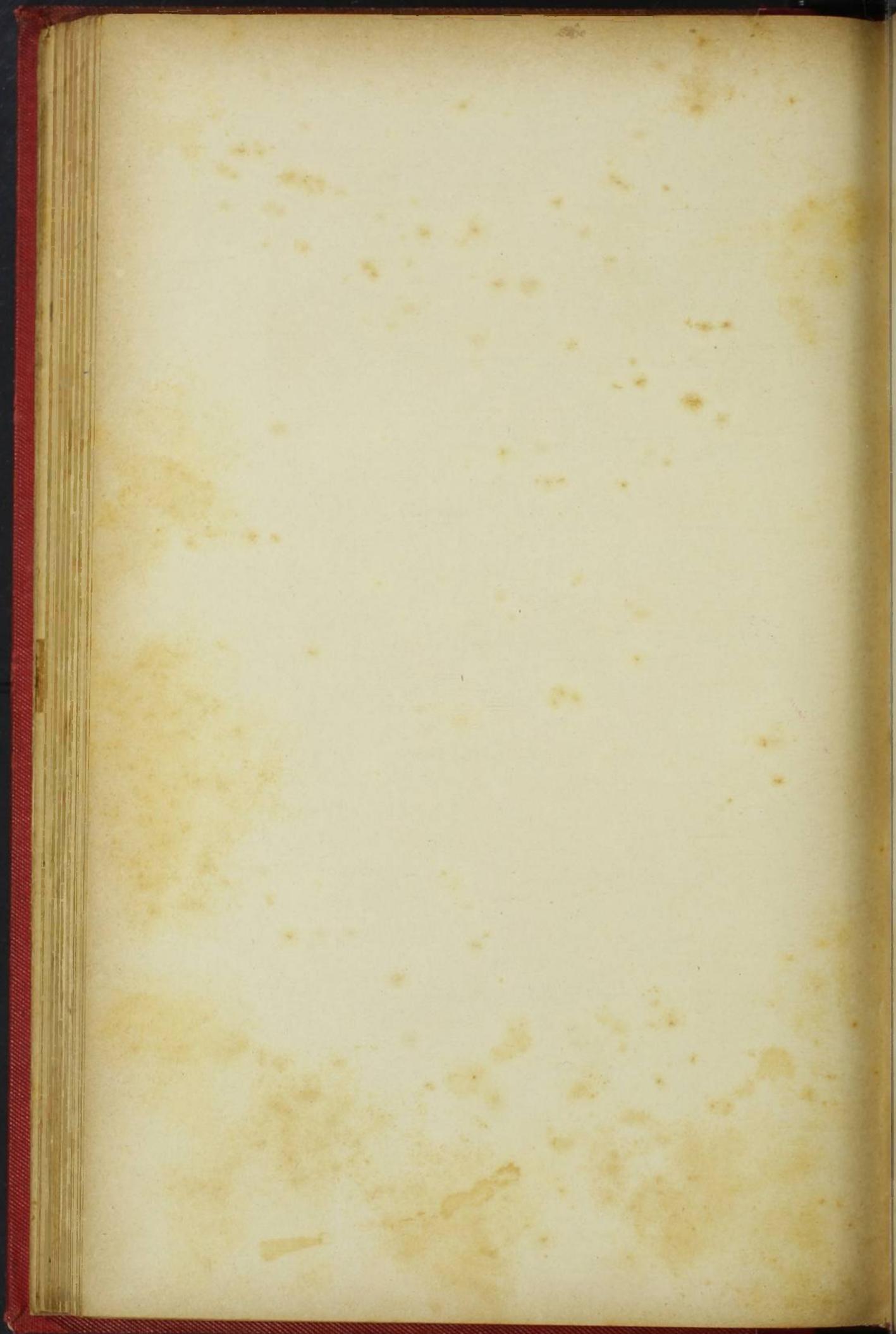
— Viver para dentro...

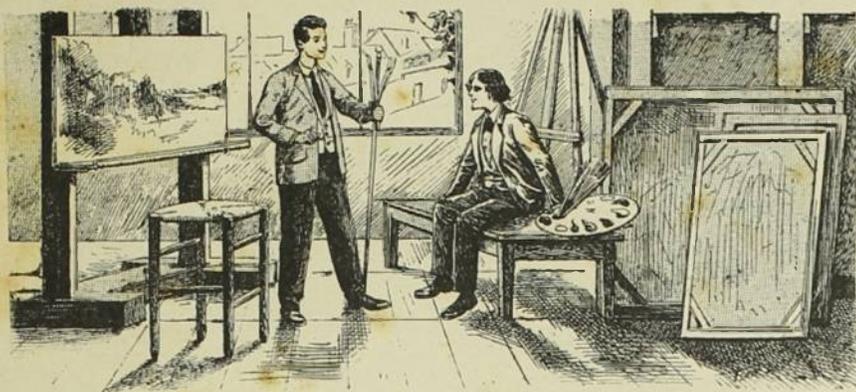
— É isso. As expansões e as explosões pódem fazer bem ou mal aos outros, mas sempre fazem mal ao que as produz.



COROA DE ESPINHOS

Ao meu irmão José.





COROA DE ESPINHOS

I

Como foi que se decidiu a sua vocação, por que secreto instinto as pennas e o papel o fascinaram e como, tomando um dia a penna, como um automato, escreveu elle quatro linhas desiguaes sobre o papel — nunca elle proprio o soube nem poude averiguar jamais.

O certo é que, mettido a compôr versos, um tufão de variadissimas inspirações perturbou completamente a sua vida, obrigando-o a passar horas em busca de rimas e consoantes rebeldes. E finalmente um dia tambem sem saber como, em vez das suas composições de curto folego e com mais ou menos assumpto dramatico, achou-se o homem escrevendo uma comedia — uma comedia! que é o bello ideal dos que vivem garantujando quadrinhas.

Jacinto era um excellente e ingenuo rapaz. A infancia lhe correra placidamente entre os brinquedos que jamais quebrava e que nunca despertaram n'elle ambições desmedidas de *hombrear* com os mais velhos; era um menino em toda a extensão da palavra; elle bem o sabia e não queria ser outra cousa. A sua vivissima intelligencia se recreava com as expansões naturaes dos verdes annos e não tentou por um instante sequer descobrir os mysterios que rodeam os meninos e que revelados a alguns curiosos nas peiores condições eivam de vicio a tantas almas innocentes.

Jacinto não tinha a menor anciedade de metter-se em averiguações. Sempre acreditava no que lhe diziam com visos de verdade, e quando a explicação que lhe davam de certas cousas manifestava claramente um engano elle encolhia os hombros e com um bom sorriso dizia :

— Pois sim, pensam então que vou acreditando em tudo o que me dizem para occultar a verdade...

Mas essa idéa lhe não punha no espirito o amargo de uma duvida, nem a anciedade de uma cogitação profunda. Desfazia-se, como n'um jarro d'agua um torrão de assucar, sem deixar vestigio e não lhe restava o incontentamento do desejo frustrado.

As perguntas de Jacinto nunca foram importunas. Elle as fazia singela e francamente, e se a resposta que lhe davam era pouco satisfactoria tambem se não inquietava com isso. No seu temperamento faltava sem duvida a fibra da analyse. Aos brinquedos fazia o mesmo que aos pensamentos : nunca quebrou um d'elles para vêr o que havia dentro; aprendia a lidar com elles e procurava divertir-se o mais que podia; porquanto não só não os estragava, como fazem quasi

todos os meninos, na sua furia de tudo vêr, como ainda ás vezes os melhorava, inventando alguma applicação para elles ou nova combinação de jogos. Não era de temperamento analytico, porém tinha intuições de creador. Mais de uma vez os paes surprehenderam os artefactos que o menino sósinho fabricava.

II

Estas disposições da sua vida formaram-lhe um coração cheio de bondade e um character independente.

Acostumado a viver das proprias imaginações, absorvido pelos brinquedos que eram para elle divertidos passatempos, não sentiu a necessidade de imperiosas amizades. Afeito a tudo respeitar, a não abusar de cousa alguma, nem mesmo dos brinquedos, que por fim de contas lhe pertenciam em plena propriedade, elle suppoz que todos os homens teriam a mesma honestidade e moderação e não se preocupou com mais nada.

Quando a penna e as quadrinhas tomaram conta d'elle tinha Jacintho treze annos. Tinha lido muito pouco e sentiu a necessidade de conhecer os trabalhos dos autores celebres, e desde essa data foram elles os seus unicos e fieis amigos.

Quando, inconscientemente quasi, surprehendeu-se planejando uma comedia, rarissimas vezes tinha ido ao theatro : o theatro foi d'ahi por deante a sua unica diversão.

Como os livros custam dinheiro e as comédias não se vêm de graça, começaram para Jacintho com as

suas novas affeições lutas infinitas que foram suas constantes companheiras no correr da vida.

Os paes de Jacintho eram pobres e por mais que quizessem não podiam dar-lhe mais do que o indispensavel para livros e matriculas, no Instituto primeiro durante os estudos do bacharelado, que fez com regularidade, e depois na Faculdade de Lettras. Jacintho imaginou mil maneiras de ganhar dinheiro, todas improficuas, nenhuma d'ellas tendo correspondido ao engenho raro empregado nas planos variados e meritorios. Finalmente recorreu ao que faz geralmente a gente moça que se acha em taes circumstancias e realizou parte da sua modesta ambição fazendo copias para um advogado.

O seu labor diario era durissimo : toda a manhan, desde muito cedo, estudava as licções, preparando-se para ir ás aulas ; depois do jantar as cópias dos papeis officiaes, os escriptos do advogado que enchiam muitas folhas e em que tinha de empregar longas horas de trabalho para obter uma mesquinha remuneração, e de noite ia ás vezes ao theatro, não para se divertir alegremente como faz a maior parte da gente, porém para estudar os actores e as obras representadas, abstracto, sem tirar os olhos do quadro scenico emquanto estava em cima o panno, sósinho, a um canto, fugindo a multidão, durante os entreactos, meditando sobre o que vira e gravando-o na memoria com o buril da sua poderosa vontade.

E quando não ia ao theatro, em casa, completamente absorvido pelas leituras ou pelos proprios pensamentos, projectando obras, desenvolvendo-as linha por linha, palavra por palavra, com o aprimorado esmero de um joalheiro que engasta pedras preciosas. Quando

o cansaço o rendia, deitava-se por fim e em sonhos continuava o seu labor intellectual.

Às vezes despertava sobresaltado por uma idéa e mesmo às escuras escrevia duas ou tres linhas, o bastante para recordal-a no outro dia.

E assim vivia e assim concluiu a sua carreira ao mesmo tempo que a sua obra, aquella que, depois de varias outras deficientes, elle considerou admissivel e representavel.

III

Com o seu diploma de licenciado começou a correr collegios, offerecendo os seus serviços, e todos lhe disseram a mesmo cousa: que tinham professores de sobra, que *talvez para mais tarde...*

E apresentou a sua comedia a um theatro e depois a outro, a varios outros... Em todos os theatros havia muitas comédias para representar, muitas de autores applaudidos; *talvez para mais tarde*, se continuasse a escrever, lhe representassem alguma.

Para mais tarde! Jacintho, impaciente, ancioso por gloria e fortuna, que julgou tão bem ganhar pelo seu trabalho e talento, viu-se obrigado a esperar. E a esperar da maneira mais triste, com afflicção devoradora, sem consolo algum, quasi sem esperança, porque o *mais tarde* dos directores de collegios e dos emperezarios de theatros não significava sequer uma promessa, um futuro, um amanha; era antes uma excusa, uma maneira polida de lhe dar a entender que se fosse embora,

que os não importunasse, que para elle não havia nem um pedaço de pão.

Como o seu diploma de licenciado em lettras, nem as obras dramaticas lhe davam para acudir ás necessidades da vida, viu-se obrigado a continuar a copiar autos e papeis judiciarios, escrevendo muitas, muitissimas folhas d'aquella litteratura insubstantial, atrapalhada e massante.

Quando o cerebro vencido pelas desillusões começou a repousar exgotado de forças, despertou-se-lhe o coração, trazendo-lhe risonhas esperanças com um amor purissimo : o primeiro encanto, a primeira illusão da triste vida do poeta.

Jacinto amou Laura e Laura sentiu-se attrahida por aquelles amores, que ao cabo de alguns mezes uniram os dous namorados com eternos laços deante dos altares.

Laura era tão pobre como Jacinto e tão desamparada como elle; orphan de pae e mãe, vivia sósinha, cosendo desde que amanhecia, e assim ganhava o preciso para não morrer de fome.

Jacinto e Laura foram felizes, apezar da sua pobreza. A mulher alentou o animo abatido do marido, e este voltou á lida, recolhendo as quadras e a penna por largo espaço abandonadas e planejou uma obra, recobrando com as novas idéas novas e poderosas illusões.

Todas as noites, antes de se deitar, depois de muitas horas empregadas por ella no seu trabalho caseiro, por elle no seu drama, liam o que elle escrevera. Laura tudo applaudia, enthusiasmada. Jacinto recobrava a sua energia intellectual excitada pelos applausos da mulher, e tanto um como o outro ao calor das seus en-

thusiasmos esqueciam o frio da sua agua furtada e dormiam agazalhados pelas proprias illusões.

Aquella obra, sazonado fructo da inspiração do poeta e do amor do homem, foi recebida por um theatro, graças á recommendação efficaz de uma companheira de collegio de Laura, joven muito amavel e bondosa, filho de um actor de talento.

IV

Mas Jacintho perdera a saúde com o trabalho excessivo que tivera e teve de abandonar as cópias, vivendo d'ahi par deante sómente do trabalho de Laura, enquanto esperava os proventos da sua obra que viriam mudar em doce bem estar a horrivel miseria.

Passaram mezes e mezes e a obra de Jacintho não se representava. Os compromissos do empresario, as intrigas de outros autores tão mesquinhos de coração como da intelligencia, as imposições dos dramaturgos geniaes e applaudidos, foram obstaculos invenciveis que deram finalmente um golpe mortal á paciencia e ás esperanças do poeta.

O theatro fechou as portas ao terminar a sua campanha de inverno e com a exuberante força da vida que cobre as arvores de flôres e os campos de verdura, chegaram para Jacintho o maior desalento e a final derrota.

Nem o amor de Laura poude consolal-o. Como uma arvore de raizes carcomidas e que o furacão açoita, assim cahiu Jacintho, carcomidas e desfeitos todas as illusões e sacudido pela tenaz desgraça.

Sem quasi comer e sem sahir da sua agua-furtada, onde o calor o asphyxiava, passou todo o verão e os primeiros frios o surprehenderam sem vigor para os supportar e sem agazalho para os combater.

Uma tarde, enquanto Laura soluçava de cabeça apoiada ao colchão do catre onde dormia o seu adorado enfermo ouviu pronunciar o seu nome. A filha do comico, a boa amiga que tinha recommendado o drama de Jacintho, entrou na triste habitação e dando um abraço em Laura, disse-lhe :

— Amanhan começam os ensaios.

— O que dizes?

— Os ensaios da peça de teu marido.

— Amanhan! — disse o poeta, que ouvira essas palavras. — Não é um sonho?

— Anima-te! — gritou Laura querendo aproveitar o momento de reacção favoravel.

— A gloria chega, vive para a tua gloria como a tua Laura vive para ti.

— Amanhan? *Mais tarde!... mais tarde...* — murmurou o enfermo, cerrando os olhos desfallecido.

V

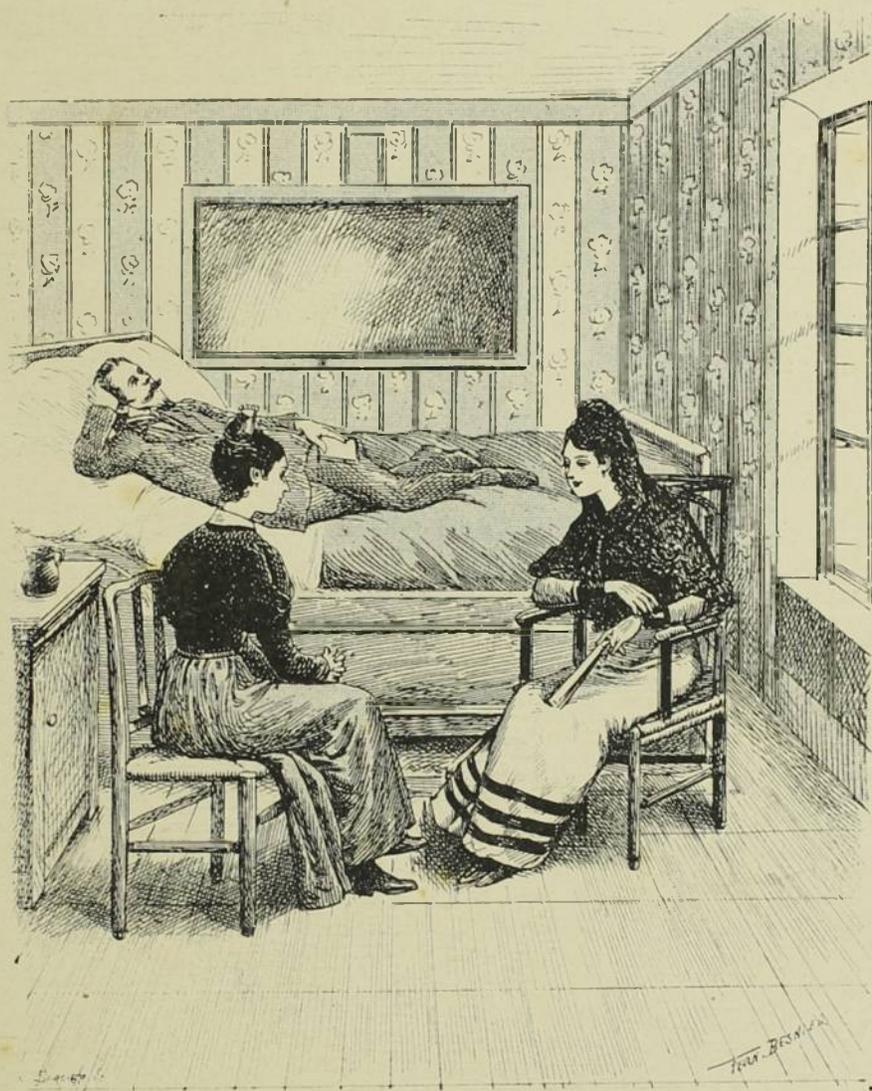
Passaram alguns dias; o poeta não se reanimava.

— Mais tarde, mais tarde — repetia muitas vezes inconscientemente, mastigando as palavras.

Aquella phrase se lhe cravara no coração como o ferro e o chumbo que trazem a morte.

Mais tarde! Sim! O homem trabalha, soffre, sobe ao

seu calvario n'esta vida, e quando suppõe ter chegado ao fim e poder descansar um pouco soffre a sua obra, encontra no caminho alguém que lhe diz : « Mais



tarde! » Carrega de novo a sua cruz e prosegue; quando se lhe exhaurem as forças e pensa que é chegado, detem-se e chama; e uma voz lhe responde : « Mais tarde! » Não ha pousada para elle n'este mundo e

o pobre marcha e marcha, agonizando sob o peso da sua obra: como se as esperanças fossem criminosas, as suas illusões são para elle um castigo; e quando aspira ouvir a voz que lhe diga : « Descansa, que és chegado! » só resoam nos seus ouvidos as palavras de maldicção : « Mais tarde! Mais tarde! »

E desacoroçoado enfim, abre os olhos, é só vê *mais tarde* a morte e o olvido. A morte será o seu premio e o seu repouso elle encontrará no olvido.

Jacinto já não sonhava com a gloria, sonhava com a morte; porém como tenues reflexos do passado ainda lhe perpassavam pela mente idéas e sentimentos desvanecidos.

— Minha obra... minha vida... meu amor... Ninguem vêm?

E Laura o encorajava :

— Sim, tem paciencia. Tu irás receber os applausos do publico e a gloria te dará novas forças. Eu sei que tu triumpharás. Tem valor, tem confiança, espera, que pouco falta.

— Espera... espera, — repetia o moribundo.

VI

Voltou uma tarde a filha do comico a visitar os seus infelizes amigos.

Jacinta dormia. Quando abriu os olhos, Laura lhe disse :

— É hoje a primeira representação : faltam poucas horas; anima-te.

Jacinto quiz coordenar as idéas e não poudo.

— É hoje?... *Mais tarde...*

— Animo! Recobra o teu valor... Já não são vans illusões nem sonhos passageiros. As tristezas se mudaram em alegrias. Não me ouves, Jacinto?

— Tristezas... alegrias... Que dizes tu, minha Laura? Que significa tudo isto?

— Que é hoje que vaes triumphar, que a partir de hoje vamos ser felizes, porque tu vaes sarar... a gloria te trará a saúde...

Laura comprehendia que a intelligencia de Jacinto se ia enfraquecendo pouco a pouco e fazia todos os esforços para fixar a sua attenção, despertando-lhe os brios.

Conseguiu alguma cousa. De noite, emquanto no theatro se representava a obra do genial poeta, este recobrou um pouco de lucidez, e sobresaltado, como se do leito estivesse vendo o que se passava no theatro, com os olhos vidrados e o ouvido álferta, fallava á mulher :

— Ouves? Acabou o primeiro acto. Applaudem?

— Applaudem, sim — affirmava a pobre, com o coração cerrado de angustia.

— E nós dous aqui, tão sósinhos... Não bateram á porta?

— Não.

— Lá voltam os espectadores para a sala e sobe outra vez o panno.

Como estão todos attentos! Ouves?... Ninguem veio?

-- Ninguem.

— Ouço agora... escuta... Pois ninguem virá!

— Já vão vir. Dorme, descansa.

A excitação do marido inquietava mais a Laura

n'aquelle momento do que o lethargo e a inconsciencia dos dias anteriores.

— Ouve! — dizia o enfermo. — Estão applaudindo... como applaudem!... Mas ninguem apparece!

E assim passou a noite. Á uma hora da madrugada callou-se; as suas ultimas palavras foram :

— O que terá succedido, que ninguem vêm?

A respiração, já cansada, se foi transformando em agudo estortor. Laura não se atrevia a mover-se e contemplava-o dolorosamente.

VII

De repente ouviu-se na solitaria rua um rumor de vozes, que se foi augmentando, aproximando e converteu-se finalmente n'uma vozeria distincta de acclamações e applausos, que dominavam a fanfarra de uma banda de musica.

O agonisante abriu os olhos, estendeu os braços n'um gesto convulsivo e exhalou o ultimo alento. Laura desatou n'um pranto amargurado.

Os gritos e as acclamações já estrondavam no pateo. A musica subia pela escada e vinha se approximando, estrondosa e triumphal.

Laura ergueu-se aterrada; parecia uma farça cruel aquelle escandalo que interrompia a primeira hora de paz que o infeliz acabava apenas de ganhar no seio silencioso da morte.

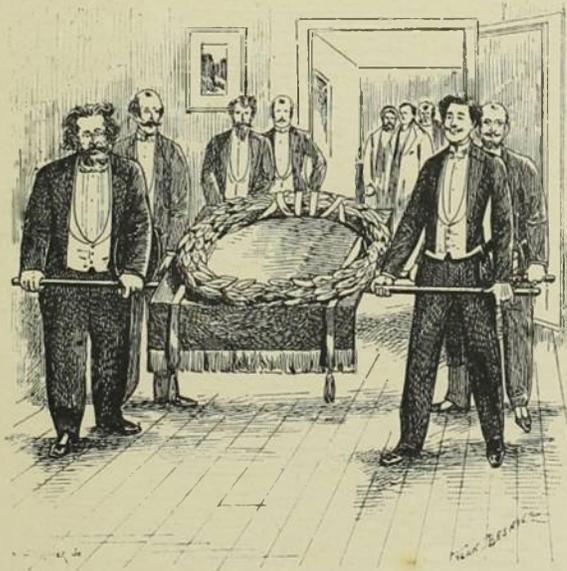
Mas o bulicio e a musica invadiam tudo e chegaram á sua morada. Abriu-se a porta e alguns cavalheiros

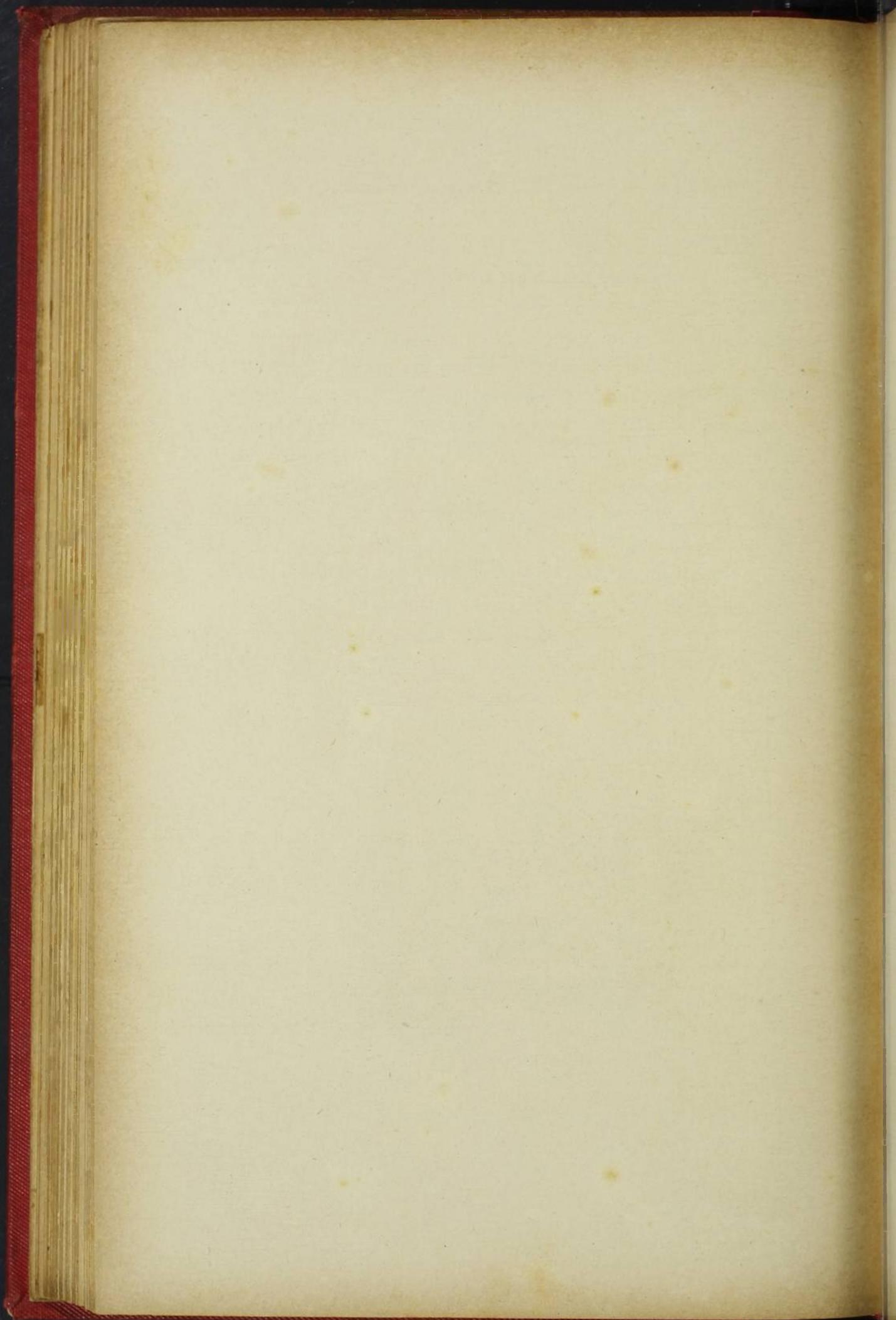
entraram trazendo triumphalmente uma grande coroa de louros.

— Viva! viva o genio! que triumphou! exclamavam, ébrios de entusiasmo, sem considerar a scena que tinham deante de si.

Quando Laura se voltou para elles um silencio sepulchral foi substituindo todos os rumores festivos. Callaram as vozes e cessou a musica; um sopro de tristeza e desencanto desceu da mansarda do poeta morto ao pateo e á rua em que a multidão se apinhava e que n'um minuto emmudeceu religiosamente.

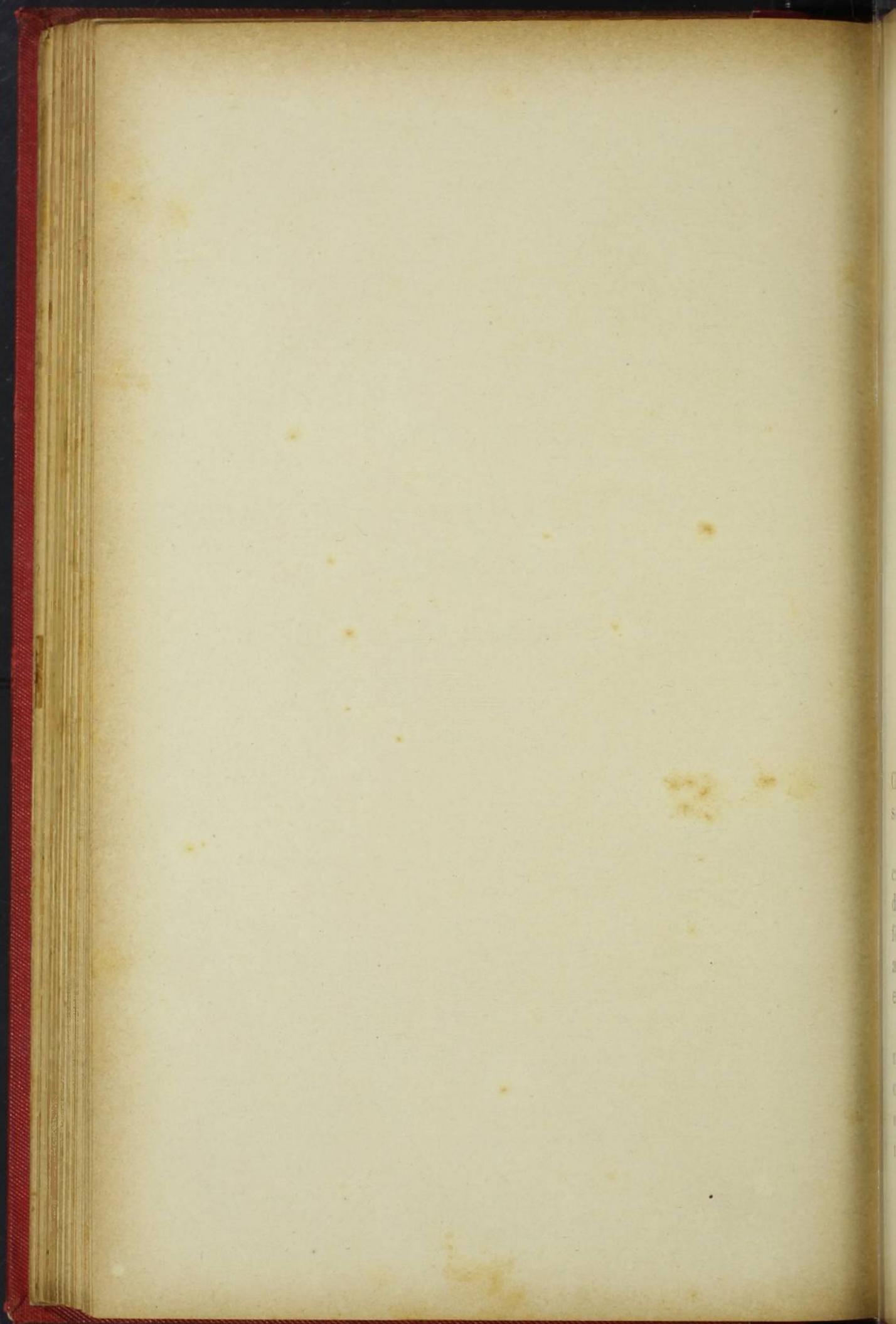
— Pobre amor da minha alma! — gritou então a mulher com accento dilacerante. — A gloria da tua vida só começa quando a morte termina o teu martyrio. E trazem-te uma coroa de louros quando já te cinge a cabeça a coroa de espinhos. Pobre amor meu!





O AFILHADO

A Emilito Thuillier.





O AFILHADO

I

Dom Thomaz Gomes e Dona Theresa Gonsalez de Gomes tinham muitos filhos, poucos haveres e demasiados encargos para a pouca fortuna do casal.

O primeiro filho, Agostinho fôra para elles um encanto. Em plena lua de mel, dous amantes recém-casados e honestos não desejam, tenham ou não tenham fortuna ou esperança de a ter, senão que Deus lhes abençoe a união dando-lhes um filho, imagem do seu entranhado amor e das suas doçuras.

Veio depois Raphaela, uma menina, que por seu sexo mereceu dos paes os mesmos carinhos que Agostinho deveu ao ser o primogenito. Dom Thomaz quizera que o seu primeiro rebentão fosse uma menina; Dona The-reza desejava um varão para começar e depois uma

menina, para ter dos dous : com Agostinho e Raphaela o matrimonio ficava largamente contentado.

Mas dous annos depois um terceiro se annunciou, e este que já não era desejado, não foi recebido com grandes alegrias. Entretanto não foi mal recebido e os paes se consolavam com dizer que cada filho novo traz um pão debaixo do braço, e como os dous primeiros tinham trazido o pão espiritual de immensas alegrias contavam que o terceiro lhes trouxesse o pão de trigo macio e abundante para satisfazer o appetite da familia já bastante numerosa.

Dissiparam-se em breve tão fagueiras esperanças. Dom Thomaz contava com uma promoção por aquelles dias, po.ém deu-se uma inesperada mudança no mundo politico, o governo foi substituido por outro e coube a Dom Thomaz um ministro novo, com mais fumaça que uma locomotiva e mais parentes e apaniguados á roda de si do que de aguadeiros e creados de servir tem um chafariz em tempo de secca. O pobre homem deu graças ao Céu que o não demittissem.

E passou um anno e passaram dous; os meninos cada vez mais travessos e com mais appetite; já o ultimo, Daniel, deixara a mãe, que o amamentara, que era só pelle e ossos. Quando começou a comer papinhas nunca se fartava. Por fortuna tinham todos boa saúde e ainda que mal vestidos e peor alimentados, viviam, senão felizes, ao menos tranquillós, emquanto esperavam melhores tempos.

Mas de novo cahiu sobre aquellas cabeças uma noticia d'esta vez desoladora. Arripiaram-se as carnes a Dom Thomaz quando lhe annunciaram o proximo nascimento de um quarto filho.

E nasceu e o receberam com descortezia e o criaram

com mamadeira porque Dona Thereza não podia mais e Raphaelita, que já tinha quatro annos foi quem lhe serviu de ama embalando-o no berço e dando-lhe tom-bos furiosos cada vez que o queria tomar nos seus bra-cinhos debeis.

A este infeliz nem sequer quizeram dar um nome escolhido, que como os dos outros lembrasse o dos avós ou dos parentes mais queridos; procuraram simples-mente no calendario o nome do santo do dia e lh'o deram : ficou se chamando Estacio.

II

Os meninos cresciam e com os seus corpinhos tam-bem cresciam as necessidades. Dona Thereza reco-brava sua perdida saúde e dom Thomaz perdia a paciencia muito facilmente, porém nunca o appetite. Como tudo o que representava despeza ia augmen-tando e só ficava estacionario o haver do pobre homem, a escassez se foi transformando em fome e as priva-ções se converteram em irremediaveis angustias.

Em taes condições veio a funestissima nova : o an-nuncio de um quinto hospede!

Dona Thereza chorava desconsoladamente ao dar a noticia e Dom Thomaz ouviu-a tão acabrunhado que ficou mais de meia hora sem se mover, como se se tivesse mudado em estatua. Em summa, a cousa já não tinha remedio, e contra o irreparavel um só recurso existe, que é a esperanza.

Puzeram-se a esperar *alguma* cousa, sem saber bem

o que. E esperando, esperando, receberam um dia uma carta da America em que Dom Bento Gonzales, o unico irmão que tinha Dona Theresa, lhes annunciava o seu proximo regresso á península e que vinha solteiro, farto do mundo, ancioso por vêr a familia e com uma fortuna muito consideravel.

Desde aquelle dia o atribulado casal contava as horas e os minutos, esperando aquelle em que lhes transporia a porta o excellente mano Bento rodeado de bahús cheios de onças de ouro.

E os dias passaram e chegou o minuto suspirado e viram todos o irmão de Dona Thereza, com um fato de brim, chapéu do Chile, grossa cadeia de ouro ao collete e enorme diamante n'um annel que trazia, entrar por aquella sala de jantar em que tão mal se jantava e abraçal-os e beijal-os a todos com a ternura e o carinho de um desterrado.

Em meia hora tinham elles contado ao viajante a situação da casa e Bento se offereceu para ajudal-os um pouco sobretudo no que dizia respeito ao annunciado pimpolho.

— Soceguem, não se afflijam; deixem que elle venha em paz; offereço-me para seu padrinho e lhes prometto que nada lhe faltará.

Bento alugou uma casa muito espaçosa e poz n'ella moveis elegantes. Vivia sósinho com dous criados e ás vezes (quando não tinha cousa melhor a fazer) ia de visita á casa de Dom Thomaz, levando aos meninos alguma guloseina e á sua irman Thereza alguma lembrança insignificante.

— Disse lá no armazem que te mandassem meia arroba de grão de bico.

— Deus t'o pague, filho.

Uma ou duas vezes por mez era seguro o presente de grãos de bico. Outros vezes apparecia com fructas, peixe, café, assucar. Um dia foi até offerecer-lhes um presunto inteiro.

Dinheiro lhes dava pouco; porém ainda que pouco e de longe em longe, sempre cahia algum; e com isso tudo se ia arranjanjo Dona Thereza e não pouco lhe agradeciam os estomagos de Dom Thomaz e dos seus famintos rapazes.

Um dia perguntou Dom Bento á irman :

— Então quando virá esse?...

— Poucos dias tardará.

— Pois é preciso que lhe compremos já o enxoval.

E com esse fim sahiram e Dom Bento excedeu-se, gastando muito, desperdiçando quasi, querendo tudo o que havia de mais bonito e de mais caro para o enxoval do seu futuro afilhado. Comprou-lhe tambem um luxuoso berço e encarregou-se de lhe arranjar uma boa ama de leite.

Tanta largueza deixou aturdidos Dom Thomaz e Dona Thereza, que viram então ao longe luzir para elles uma vaga esperança.

O novo filho lhes trazia realmente um pão debaixo do braço.

III

E nasceu o Benjamin e o baptisaram com pompa régia e Dom Bento celebrou em sua casa uma festa de espavento, digna de se vêr, terminando por um jantar em que se podia comer devéras. O que comeram Dom

Thomaz e os seus quatro pequenos! Dona Thereza não podia assistir ao banquete, porém guardaram para ella toda a sorte de guloseinas e manjares finos, assim como uma caixinha preciosa com as suas iniciaes feitas de moedinhas de ouro.

Dom Bento, attendendo a tudo, se encarregara tambem de arranjar uma excellente ama e a vestira com verdadeiro luxo. Claudia era o nome da ama, que era gallega e deixara na sua terra uma menina de tres annos que era a sua unica filha, tendo-lhe morrido o seu ultimo filho, com apenas quatro mezes.

Claudia era robusta e carinhosa. Com o seu traje garrido e os seus collares de medalhas era ella mais um movel de luxo que Dom Bento julgou necessario ajuntar aos que já tinha, perfilhando inteiramente o sobrinho recém nascido e levando-o para a sua casa.

Os paes não se oppuzeram a esta resolução. Viam o menino todos os dias e lhe asseguravam a fortuna deixando-o com o tio, que d'aquelle modo lhe tomaria amor de pae.

Bentinho medrava que era um regalo : era tão roliço e lindo que dava gosto vel-o e beijal-o. Os irmãos o consideravam como uma pessoa distincta da familia, e Raphaela em particular, admirando-lhe as roupinhas, não comprehendia que aquelle fosse um irmão seu, como os esfarrapados que viviam e brincavam com ella; aquelle boneco tão ataviado, nos braços de uma mulher tão ricamente vestida, lhe parecia um brinquedo sump-tuoso, que, mais do que ternura lhe inspirava adoração.

Quando lhe nasceu o primeiro dente, quando começou a sentar-se, quando se poz do pé, quando pela primeira vez disse o nome de tio, todos os incidentes

favoráveis, todos os progressos de Bentinho foram celebrados por Dom Bento com festas e banquetes que,



por fortuna aproveitavam á pobre familia, cada vez mais encantada com aquella grandeza.

O menino crescia e se desenvolvia. Quando começou a comer, dava-lhe o tio a sopinha; quando o desma-

maram, levantava-se o tio de noite para andar com elle ao collo e acalantar-lhe as queixas.

A ama de leite continuou como ama secca do menino, pois o tio a julgava mulher cuidadosa e segura.

Entre Claudia e Dom Bento assim se repartiram as attenções e o affecto de Bentinho, que por isso não poudé afeiçoar-se aos paes e aos irmãos. A pobre familia, que o adorava, não tinha maior prazer do que vel-o e beijal-o, pôr os labios n'aquelle pedacinho de carne rosada e fresca, envolta em telas finas como sua pelle de setim.

Tambem não era desagradavel para os filhos maiores de Dom Thomaz encontrar algum dos brinquedos de Bentinho, que os tinha magnificos e em grande numero. Os brinquedos de Bentinho eram o sonho dourado dos irmãositos, porém Claudia tinha o maior cuidado em os guardar assim que via chegar a caravana e só á força de rogos e de astucias conseguiam os pobres pequenos que a ama lhes abrisse as portas do armario de brinquedos — um verdadeiro bazar d'elles.

IV

Assim como os cães dos ricos ladram aos pobres, os criados das casas grandes costumam odiar as pessoas de modesta condição que visitam os seus amos, e mais ainda se são parentes. N'esse odio ha muito servilissimo e nenhuma caridade e elle tem origem no desprezo com que os ricos geralmente tratam os

pobres, pois que ás pessoas a quem o amo trata com distincção acata o criado submissamente.

Claudia não deixava de fazer desfeitas ás crianças de Dom Thomaz e não raro as fazia tambem ao proprio Dom Thomaz e á mulher; porém de tudo isso era culpado Dom Bento, cujos enthusiasmos por Bentinho nunca se manifestaram por forma de consideração e cordura para com a familia.

Para o menino tudo lhe parecia pouco; para os paes e irmãositos do atilhado qualquer bondade lhe parecia excessiva. Para elles não havia na sua bocca senão palavras frias e o que da sua mão sahia era em forma da esmola que de má vontade se dá aos parentes pobres.

E mais de uma vez respondendo aos modestos pedidos de Dona Theresa disse duramente :

— Póde agradecer ao pequenino, que vale mais que vocês todos.

Em que valia mais o pequeno que toda a sua infeliz familia? Vá que fosse mais estimado... Mas que valesse mais? Em que? Em ter tido melhor sorte?

Crescendo e se educando em tal atmospherá de desamor e de dureza, comprehende-se que o caracter de Bentinho se fizesse soberbo, desdenhoso e insociavel.

Claudia não cessava de o acarinhar e lisongear com doces palavras, porém entre os mimos feitos á sua cria havia sempre referencias offensivas e palavras de desprezo pelos outros.

Quando o menino não queria {deixa r-se lavar dizia

— Queres tu parecer porco como Agostinho?

Quando elle reclamava com insistencia alguma comida que lhe negavam :

— Já basta de comer. Os meninos bonitos não fazem

como Daniel e Raphaela que se enchem como cevados.

Se fazia qualquer traquinada, gritava-lhe a ama.

— Vê lá o que fazes; não vás tu sahir tão burro como Estacio.

E sempre por esta forma, com taes dislates e outros ainda peiores, referia-se á pobre familia, que ella não devia mencionar senão para lhe prodigalisar todos os louvores devidos á sua resignação e bondade.

Dona Theresa e o marido bem comprehendiam o que se passava, porém sem forças para lhe dar remedio e sempre receiosos de peiores males, callavam e soffriam pensando no risonho futuro que a sorte offercera ao seu filho menor.

— Devemos tomar as cousas como ellas são e não como queremos que ellas sejam — dizia o pobre Dom Thomaz engulindo a sua amargura ao sentir-se alvo das desfeitas e rabanadas do cunhado.

E aquella amargura que ia curtindo em silencio minava todos os dias a existencia do pobre homem.

Talvez porque desde muito cedo se accostumassem a consideral-o como um ser de essencia superior e de outra raça, os irmãos de Bentinho maltratados e desprezados por Claudia, nunca sentiram ciumes nem inveja.

Afagavam ao pequeno, que muitas vezes lhes retribuia os carinhos com insultos; procuravam brincar com elle e nunca responderam no mesmo tom ás phrases duras e inconvenientes que o mal ensinado menino muitas vezes lhes atirava.

V

Agostinho cursou brilhantemente o ensino secundario e resolveu fazer-se advogado. Os seus estudos não tinham custado nenhum sacrificio aos paes, pois o moço dando licções por preços insignificantes ganhava o sufficiente para comprar livros e pagar as matriculas, assim como para se vestir e attender ás pequenas despesas inevitaveis da mocidade, que carece de jogos, distracções e prazeres. Accostumado ao trabalho e paciente para as contrariedades da vida, o caminho da existencia lhe foi facil e plano.

Raphaela applicou-se aos trabalhos proprios da sua idade e tanto se esmerou n'elles e se aperfeiçoou de anno para anno, que chegou a bordar com mãos de fada e que os seus bordados tinham grande procura e eram muito bem pagos.

Daniel sentiu-se menos forte para os estudos e tomou um officio, o de entalhador, em que tambem as suas mãos peritas lhe deram sorte, pois que a sorte sem ser ajudada pela pericia é tão incerta como a loteria.

Estacio foi typographo e ficou ao cuidado de Agostinho, quando o pobre Dom Thomaz, consumido de achaques, desempregado e na miseria, subiu ao ceu.

Dona Theresa ficou vivendo com os filhos e administrando com muita economia o que elles ganhavam poudo cobrir os gastos da casa, prescindindo de Dom Bento, o qual de dia para dia se tornara mais mesquinho para com ella.

O mesmo não acontecia com Bentinho, que era criado na maior opulencia, tendo tudo quanto póde desejar um moço da sua idade.

O pequeno chegara á idade em que os meninos começam a sério os seus estudos; mas a vida regalada e o mau exemplo do tio o inclinaram á preguiça.

Dom Bento era homem pouco dado a livros e quando via o afilhado ás voltas com elles, longe de o animar para que estudasse e trabalhasse muito, buscava dissuadil-o dizendo que todos os livros juntos não ensinam a ganhar uma só moeda; que sem saber grammatica se tinham feito as grandes fortunas e que por fim de contas o latim é cousa que só assenta bem aos curas.

Dizia ainda mais que os pobretões como Agostinho, Daniel e Estacio têm necessidade de fazer pela vida, porém que não via o proveito que podia tirar um rico de andar a queimar as pestanas inclinado sobre livros. Que para passar os serões tinham os homens de dinheiro os cafés, os clubs e as salas de espectaculo. E depois de expôr estas idéas perniciosas n'um longo discurso, levava imprudentemente o mocinho a aprender o jogo do bilhar ou outras cousas que, na sua opinião, eram mais uteis, para viver no mundo do que as mathematicas e o latim.

E assim attingiu Bentinho aos seus dezoito annos, orgulhoso da sua falsa posição, desperdiçando o dinheiro do tio que lh'o dava de bom grado e sem se empregar em cousa que lhe fosse util.

Tinha poucas relações com os irmãos. Tão diferente era a sua vida e tão distinctos os seus modos de vêr e de pensar que estando juntos muito difficilmente podiam sustentar uma conversação. Os pobres coita-

dos não fallavam senão dos seus trabalhos e das suas esperanças, dos seus sonhos de porvir.

A Bentinho o porvir não importava, o dinheiro do tio lh'o assegurava, e como trabalhar lhe parecia cousa degradante e cuidar das pequenas necessidades e miserias da vida se lhe afigurava uma ridicularia, só fallava em cavallos, mulheres, apostas, luxo e modas.

Era, pois, muito difficil que se comprehendessem, ainda mesmo que se amassem muito.

VI

Inesperadamente apresentou-se um dia em casa de Dom Bento uma nova hospeda. Era a filha de Claudia.

A mãe a tinha deixado com os avós na Galliza, quando veio criar Bentinho; e tendo *prosperado* com as *economias* que teve occasião de fazer em casa de Dom Bento, onde além de ama secca ficou senhora das chaves e com o governo da casa, Lucia foi educada em um bom collegio, em que ficou durante dez annos como pensionista.

Luzia sahiu do collegio feita uma senhora : muito elegante e formosa. Não era possivel fazel-a voltar para junto dos avós, gente pobre e rustica, muito agarrada ao seu canto, n'uma aldeia tão selvagem que ninguem alli poderia apreciar na sua devida conta os meritos da rapariga. E teria sido um crime deixal-a sósinha entregue aos perigos da vida, n'uma idade tão melindrosa com aquelle rosto radiante e aquelle

angelico sorriso que mereciam toas as atenções e todo o carinho de quem devéras se interessasse pela sua sorte. E, pois, porque não sacrificaria a sua mãe tudo por vê-la feliz como merecia?

Assim discorria Claudia com o amo, depois de lhe ter apresentado Luzia sem o ter prevenido, e Dom Bento declarava que a boa mulher tinha razão, que fez muito bem em trazer para a sua casa uma joia como aquella, e que realmente teria sido uma calamidade, um crime imperdoavel, que Luzia se perdesse por causa do desleixo e egoismo dos outros.

A Bentinho, que já era um moço feito e um bello moço, tambem não desagradou a presença de Luzia, a qual se mostrava tão séria e reservada para elle quanto era risonho e expansiva com o tio. Achava Dom Bento muito natural esta differença no trato, que bem mostrava a indubitavel seriedade da rapariga e grande prudencia da sua parte.

Claudia não cessara de agradar e comprazer ao moço; mas era bem evidente que desde a chegada da filha cuidava mais d'esta que de Bentinho, o qual sentiu logo que perdera um pouco do amor da ama e tal observação o entristeceu; era o primeiro desengano que encontrava em seu caminho. Faltava-lhe soffrer uma decepção maior.

Ao cabo de algum tempo começou a notar no tio symptomas alarmantes. Este não lhe recusava nada, nem dinheiro nem liberdade, mas lhe pareceu que a sua largueza se ia estreitando, sendo menos esplendida, como se comessem a lhe pesar aquelles gastos continuos, aquella sangria aberta na sua bolsa, que até então vira com tanto prazer.

E isto não era porque se tornasse mesquinho. Não.

Para a filha de Claudia tudo lhe parecia pouco. Elle mesmo a incitava á despeza comprando-lhe joias e vestidos caros. E quando Claudia objectava maliciosamente que ellas não podiam se apresentar com tanto luxo, o velho derretido respondia :

— E se faço gosto n'isto? Vae tu para a cozinha, que eu tratarei de comprar o que me der na cabeça.

Claudia recebia estas rajadas como uma imposição; Luzia pagava o mimo com um sorriso e Bentinho dava-se a todos os demonios prevendo o desfecho que aquillo ia ter.

Ao cabo de alguns mezes tendo augmentado as complacencias do velho e a faceirice da rapariga, Claudia sahiu na investida, dizendo que aquillo assim não podia continuar, que a gente de fóra já andava murmurando, e ella nem a filha não podiam prestar-se a ser assumpto de fallatorios escandalosos e sem fundamento, por isso se iam embora.

Ouvindo isto Dom Bento ficou como se lhe cahisse aos pés um pedaço do ceu. Estava tão acostumado aos guizados de Claudia e ás innocentes atenções de Luzia. Levado a este ponto extremo resolveu que, para arranjar tudo, devia casar com a rapariga !

E casou. E o pobre Bentinho sentiu-se humilhado, vencido em todos os terrenos.

Elle que fóra tudo n'aquella casa, tinha de a deixar porque a sua presença alli, penosa para elle mesmo, passava a ser um estorvo para os outros.

E antes de Luzia começar a trabalhar para deital-o fóra, decidiu elle sair...

Ir para onde? Lembrou-se então dos irmãos, dos pobres que desprezara, quando á força de muito trabalho iam elles fazendo a sua modesta posição.

Mas como apresentar-se a elles? Como atrever-se a lhes pedir um pedaço de pão?

A soberba se lhe agitava no coração como uma serpe damninha. Mas se a soberba o vencera, era preciso tirar a sua desforra de homem de bem, vencendo-a por sua vez...

Com taes idéas foi á casa de Agostinho e, com lagrimas nos olhos, fallou-lhe :

— Sou um infame e me desprezo hoje tanto como os desprezava a todos. Já sabes o que acontece; não posso continuar a viver alli; venho pedir-te pão, mas quero ganhar-o.

— Ganhal-o... e como? — perguntou-lhe Agostinho.

— Tu tens razão. Nada sei fazer, para nada sirvo. Mas alli me roubaram tudo, herança e affeição... O que me aconselhas tu?

— Por enquanto que tenhas calma...

— E depois?

— Depois... que sejas humilde.

— E depois?

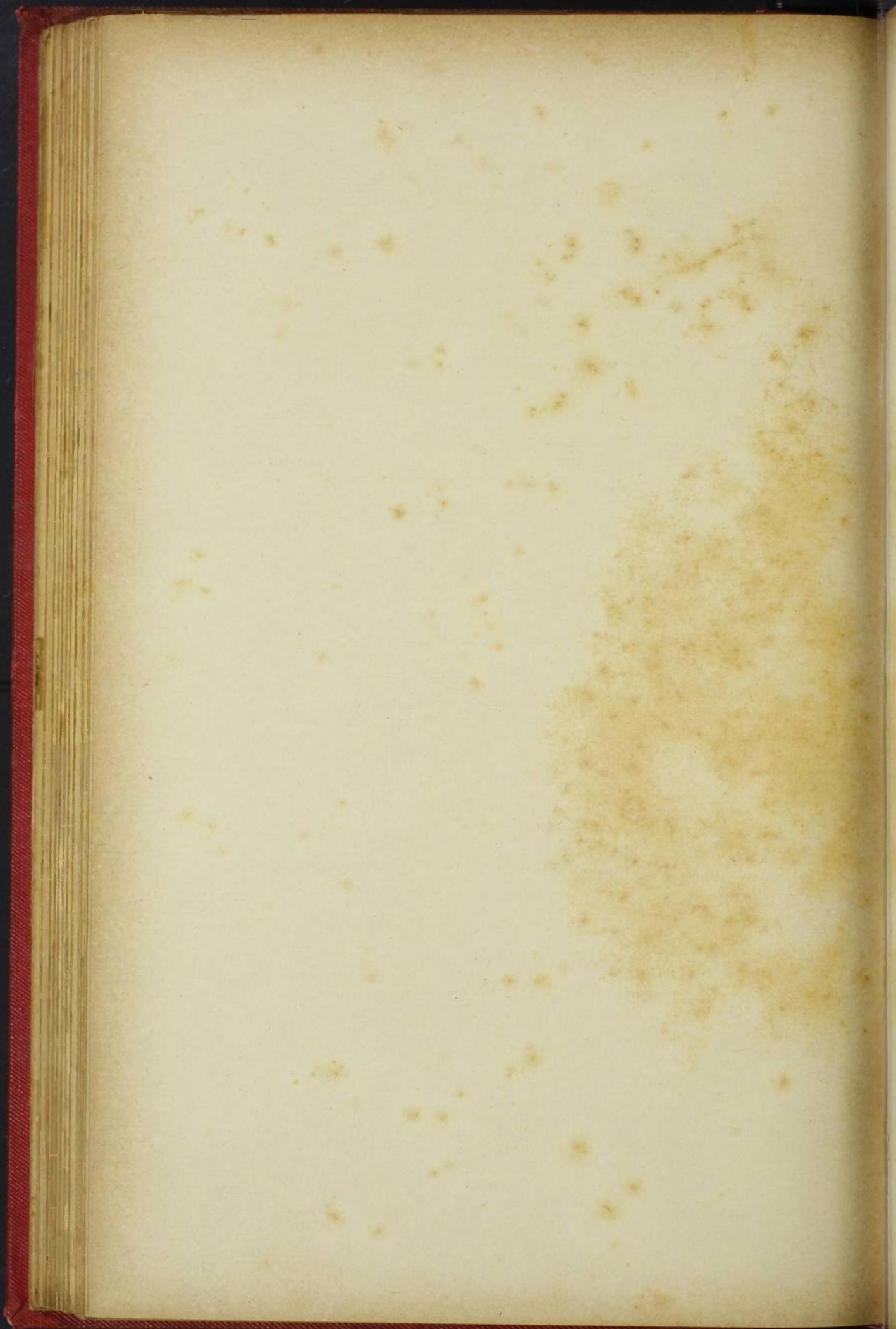
— Deus te ajudará, se fôres honrado.

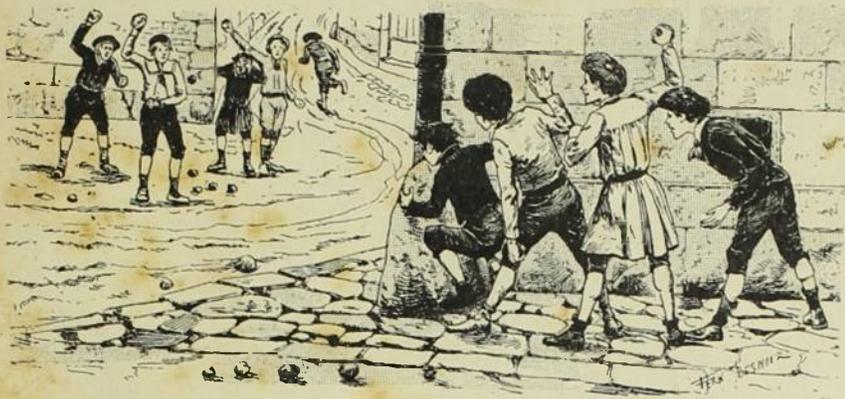
— Deus me ajudará! — murmurou Bento com tom desaminado. — Deus me abandona.

— Pois tu confiavas em um homem e desconfias de Deus? Perdeste uma avultada herança, mas com ella perdeste ao mesmo tempo maus costumes e peiores vicios... Melhoraste um poucc. Tornas a nós e encontras affeição : a amor de tua mãe que nunca diminuiu e o amor dos teus irmãos que te perdoam. A soberba te fez ingrato, a desgraça te fará prudente. Aqui, entre nós, ninguem te humilhará. Esquece e espera.

A OBRIGAÇÃO

A Jeronymo Granell.





A OBRIGAÇÃO

Como na aldeia não havia collegio nem Instituto onde se pudessem cursar os estudos que fazem parte da instrucção secundaria, os rapazes que desejavam seguir uma carreira tinham de se mudar para a cidade.

N'aquelle anno foram tres a se matricular no Instituto: Luciano, filho do medico, Pascoal, orphão e sobrinho de um rico lavrador e Ambrosio, filho de um negociante. Luciano foi se hospedar em casa de um irmão da sua mãe, que era tenente coronel reformado; Pascoal ficou de hospede em uma casa de confiança e Ambrosio foi viver com uns negociantes, que o tratavam como filho.

Os tres eram da mesma idade e começaram os estudos ao mesmo tempo porém com aproveitamento muito differente.

Luciano era muito estudioso e assistia ás aulas com a maior pontualidade; Ambrosio e Pascoal, assíduos ao principio, foram finalmente attrahidos pelos vadios e tomando asco aos estudos tediosos, cahiram na melandragem, em correrias pelas ruas, onde viviam como turbulentos, bolindo com quem passava.

Passaram os tres juntos o primeiro e o segundo anno ainda que com varia fortuna. Luciano tirou boas notas e distincções nos seus exames; Pascoal e Ambrosio foram approvados com muito custo e isso mesmo graças á recommendação do tenente coronel, que, por serem amigos e conterraneos do sobrinho os favorecia e lhes dava prudentes conselhos.

Os tres iam juntos passar as férias na aldeia e juntos brincavam muitas vezes, porém ao passo que Ambrosio e Pascoal eram unidos como unha com carne, Luciano mal se arranjava com aquelles diabretes de costumes tão differentes dos seus e de instinctos tão pouco afinados pelos habitos e instinctos de Luciano.

Costumava este vestir-se com aceio, dedicar muitas horas á leitura e andar pela rua serio como um homem. Tambem gostava de se divertir com jogos e brinquedos, porém mesmo brincando mostrava uma certa correcção e ar moderado que contrastavam singularmente com as maneiras dos seus camaradas.

Por isso estes o chamavam de *senhorzinho* : porque não rolava pelo chão, sujando-se de lama ou de poeira, nem trepava aos muros de taipa das hortas para não rasgar a roupa, nem entrava no rio com roupa e tudo, e porque tinha a precaução de levar um lençol para se enxugar quando tomava banho.

Luciano tinha um ar distincto e varonil; era fino de corpo, espigado, de porte erecto, e, ainda que não

muito robusto, era bem conformado. Tinha os olhos brilhantes e expressivos e as feições muito bem proporcionadas. Ambrosio e Pascoal eram curtos e grossos; Pascoal sobretudo, muito soccado, de hombros largos, tinha excellente musculatura e tinha em muita conta a sua força e agilidade.

II

Tinham os tres completado os quatorze annos, quando voltaram a estudar o terceiro anno de curso.

Luciano retomou os seus habitos de bom estudante. Os seus dous amigos, cada vez mais indisciplinados, não se apresentaram nas aulas um só dia.

Em compensação nunca deram ponto nas reuniões turbulentas em que se jogava a pedra, porquanto Pascoal era chefe de uma das maltas e Ambrosio lhe servia de ajudante.

Aquillo sim elles entendiam bem e o tomavam tão ao sério que mais de uma vez tiveram a cabeça partida e sahiram da peleja consideravelmente escalavrados. Mas tudo lhes parecia pouco e nem os feridos se queixavam nem os que avançavam perdiam a coragem ao vel-os cahir.

Luciano tinha resistido a tomar parte activa em taes jogos, porém tanto instou Pascoal com elle, tão vivamente lhe descreveu os encantos d'aquelles combates, que acabou por convencel-o e fazel-o alistar-se no seu bando.

Planejavam-se as batalhas e formavam os exercitos á porta do Instituto, das nove ás nove e meia da manhã, hora da primeira classe. O estado maior de um e de outro bando era fixo e o compunham os que durante o anno inteiro não frequentavam uma só aula, absorvidos por aquella obrigação que se tinham imposto; a soldadesca variava muito, e era recrutada todos os dias pelos chefes entre os preguiçosos que não queriam se aborrecer com as explicações do professor e os vadios que não tendo aprendido a lição tinham medo de uma nota má.

No dia em que foi ao jogo da pedra não o fez Luciano por nenhuma d'estas razões, porém foi unicamente attrahido pelos enthusiasmos de Pascoal e n'esse dia faltou elle á aula pela primeira vez.

Entrou n'um assalto. Os inimigos se haviam intrincheirado em um monticulo e os de Pascoal tinham de se apoderar d'aquelle ponto estrategico expulsando d'alli a guarnição. Se o conseguiriam ou não era questão ainda duvidosa e incerta, porquanto não fôra combinado precisamente um signal que indicasse o momento em que os de cima teriam de se retirar.

Tanto o ataque como a defesa foram rudes. A gente de Pascoal se dividira em tres columnas e atacaram por tres lados ao mesmo tempo. Cahia uma chuva de pedras, algumas das quaes acertavam em cheio nos assaltantes, porém estes não fraquearam e quasi engatinhando apprehenderam a terrivel ascensão do monticulo fortificado e defendido.

Um tijolo alcançou Luciano no hombro esquerdo e com a dôr aguda lhe fez vir as lagrimas aos olhos. Mas nem por isto retrocedeu. Pelejando na ala direita subia sempre sem temor, vendo cahir-lhe aos pés e

sibillar por cima da cabeça os projectis inimigos.

Houve um momento de vacillação e as tropas de Pascoal estiveram a ponto de retroceder; porém este as arengou com tanto ardor que ninguem abandonou o seu posto, como se a voz do chefe lhes infundisse novas energias.

— Avante! antes morrer que ceder ou render-se! a elles! e os arrojaremos para a outra banda!

Quando ouviram estes gritos os que guardavam as trincheiras e observaram o effeito que produziam, vendo-se cercados de perto pelos tres grupos que avançavam resolutamente, mais occupados em ganhar terreno do que em se livrar das pedras, sentiram-se tomados de invencivel desalento e começaram a lançar olhares para o unico ponto que lhes offerencia sahida franca.

Depressa fugiram em debandada e Pascoal e os seus occuparam a posição conquistada no cimo do empinado monticulo, porém, ainda assim, os que fugiam, com a raiva da derrota, voltavam-se de vez em quando para arremessar contra os vencedores projectis que por algum tempo ainda amarguraram as doçuras do triumpho.

III

A derradeira pedra lançada pelo ultimo vencido, despedida com toda a força veio, sibillando como uma bala bater em cheio na testa de Luciano, que com a golpe perdeu os sentidos e cahiu lavado em sangue.

Acudiram todos a soccorrel-o e quando voltou a si, o

levaram a um poço vizinho para lavar a ferida e beber um pouco d'agua. Luciano viu logo que aquillo não tinha gravidade reduzindo-se a cousa ao susto e fiquito consequente; só sentia pelas explicações que teria de dar em casa ao tio. Parecia-lhe muito duro ter de inventar uma mentira, cousa pouco do seu gosto. E ao mesmo tempo não era agradavel ter de dizer a verdade, pouco favoravel para elle n'essa occasião, pois revelava a sua falta de assistencia ás classes.

Prometteu pois a si mesmo que não iria mais a taes jogos e que as aulas seriam a sua principal obrigação; e cumpriu o promettido.

Pascoal tornou a vir convidal-o mas Luciano não quiz dar-lhe ouvidos. Insistia Pascoal nas suas excitações e Luciano persistia na recusa.

— Depressa criaste medo — dizia o chefe. Não sejas tolo, volta a jogar a pedra.

— Para que?

— Para seres um homem, para te aguerrires.

— Para me fazer homem, parece-me melhor estudar.

— Pois sim! Mas com todos os livros nunca serás valente e tudo te faltará.

— Com os livros conseguirei o que pretendo.

— E serás um moleirão, como o tabellião lá da aldeia, que sempre andou ás voltas com livros e que toda a gente respeitava como a um sabio. Veio um dia um arrieiro, deu-lhe uma bofetada e elle ficou com ella.

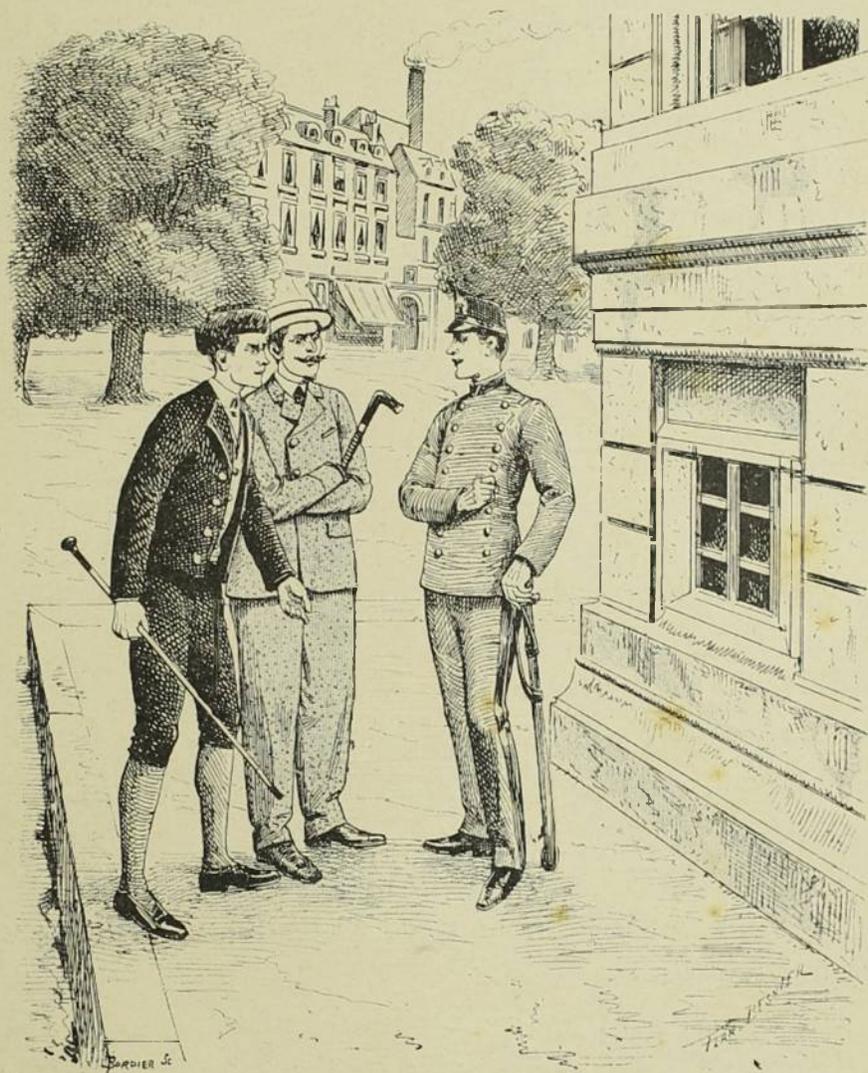
-- Bruto foi o arrieiro.

— Pois sim, mas fosse eu o tabellião e me dessem uma bofetada, que eu não ficava com ella.

— Mas tu nunca serás tabellião, por mais valente que sejas.

— Nem tu valente e bem pôde ser que um dia te sobre sciencia e te falte *sustancia* nos pulsos.

— Isso veremos.



— Pois veremos, e mais cedo do que pensas, porque quem não está familiarizado com os perigos facilmente se assusta.

— Mas quem se acostumou a cumprir o seu dever faz frente ao perigo, sendo necessario.

— Falla-me em coragem nas occasiões! Quem tem medo só o que sabe é fugir.

-- Porque pensas tu que sou medroso?

— Porque não és valente.

— O que eu não sou é temerario, nem o quero ser. Por conta de quem recebi aquellas pedradas?

— Por conta de uma cabeça partida, respondeu Pascoal a rir.

--- Pois me parece uma tolice expôr-me a isso, estragar a roupa e perder a aula, pelo simples gosto de me racharem a cabeça a pedradas.

— Eu quizera que tu fosses valente...

— Obrigado. E eu quizera que tu fosses um bom estudante.

— Ora! cá vens tu com estudos!

— Pois não estuda, rapaz, e verás o que te acontece.

De vez em quando alguns da partida perguntava a Pascoal.

— E Luciano? porque não vêm?

— Ora! — respondia o chefe da malta — Luciano se acobardou com aquella pedrada que levou.

— Não! E se houvesse então recebido as que eu...

— Pois está claro! porém nós somos valentes.

-- Luciano estuda muito, porém se assusta com pouca cousa.

— Os livros fazem a gente moleirona.

— Visto! Nós não estudamos grande cousa, mas ao menos somos valentes.

— E não contamos com desgraças.

— Ora depressa se acobardou o fidalgote.

IV

Chegou o tempo dos exames. Luciano tirou as boas notas do costume. Pascoal e Ambrosio foram reprovados successivamente em junho e em setembro. Não é preciso fallar nos castigos que taes insuccessos escolares lhes attrahiram sobre os lombos.

No anno seguinte voltaram todos para o Instituto. O habito estava adquirido. Luciano continuou attento ás suas obrigações : applicado e bom estudante. Pascoal e Ambrosio persistiram na vadiação antiga. O bilhar, o theatro, os touros, o gymnasio e a vagabundagem á toa pelas ruas se ajuntaram á distracção do jogo da pedra, para lhes fazer perder o tempo precioso: tudo lhes interessava mais do que licções e livros.

O tio de Pascoal e o pae de Ambrosio resolveram finalmente não insistir e tirar os rapazes de um estudo que tão mal aproveitavam. Os dous voltaram para a aldeia.

Ahi Pascoal se empregou em lavrar a terra e Ambrosio entrou de aprendiz na casa de negocio do pae. Sómente aos domingos tinham os dous algumas horas livres para empregar em travessuras.

Luciano, aprofundando as mathematicas, quando se bacharelou entrou para a Academia de Infantaria.

Quando Pascoal viu o amigo de uniforme de cadete, passeando com os paes pela aldeia aonde fôra passar as férias, não pode ter em si que não dissesse .

— Ora bem, que não serão as valentias d'elle que me metterão medo.

E muitas vezes couversou com Ambrosio, fazendo commentarios :

— Olha tu que militar Luciano!

— Elle que de tudo tem medo...

— Sempre a gente vê cousas!

— O *senhorito moleirão*... Fez aquillo sómente para vestir a farda.

— E fingir de official.

— Pois no primeiro dia em que tenha de se bater...

— Vae ser muito divertido.

— Um typo que se assustou por uma brecha na cabeça.

— Uma bagatella.

— Pois na guerra não atiram pedras.

— Não. E quando vir uma bomba pelos ares...

— Que susto!

— Que medo!

— Militar aquelle molle! E por qualquer cousa o tratam de cadete!

— Não tarda muito que lhe deem uma commissão.

— De certo! O tio não deixará que o mandem para a guerra.

— Para que lhe não façam mal.

— Elhe estraguem a roupa...

Luciano concluiu o seu curso e entrou com o posto de segundo tenente para um batalhão de caçadores.

Ambrosio na sua loja o dia inteiro, não tendo outro remedio senão trabalhar, acostumou-se ao balcão e chegou mesmo a se afeiçoar ao seu officio, para o que tinha boas disposições.

Pascoal, já farto de lavrar a terra, e de se vêr tão

sujeito, quando veio o tempo do sorteio de militar não quiz que o tio o livrasse e foi servir no exercito.

A instrucção que tinha era pouca para um estudante, mas bastava para um soldado. Os poucos estudos que fizera e a sua conhecida bravura o fizeram notado e lhe grangearam sympathias. Em breve ganhou elle os galões de sargento.

Com os seus galões e quinze dias de licença fez um visita á aldeia natal, para fazer figura entre os jornalheiros, seus antigos collegas, perambular de noite pelos grupos da praça e contar ao amigo Ambrosio muitas aventuras que tinham mais de phantasia que de verdade.

Recrudescceu a guerra e Pascal pediu, como quem sollicita uma honra, que o deixassem fazer parte de um dos batalhões expedicionarios.

Porquanto, valha a verdade, se tinha sido mau estudante, lá bravo isso elle era !

V

Depressa provou a sua bravura distinguindo-se em varios combates, ganhando tres cruces e a consideração dos chefes.

E por isso lhe confiaram quinze homens e a defesa de um forte isolado, que, por ser um ponto estrategico importante para a passagem dos comboios e o vadeamento de um rio, convinha ter sempre guarnecido por um punhado de valentes.

Alli é que Pascoal esperava mostrar para o que servia. Mas em quatro mezes não lhe deram occasião para isso. Iam e vinham os comboios, passavam e repassavam as columnas, ouviam-se longe os tiros de canhão e as descargas de fuzilaria; porém os inimigos não vinham nunca e não se queimava um só cartuxo. As munições dormiam sem se deslustrar com o fumo da polvora; tudo estava preparado para uma occasião que não chegava e á espera do qual Pascoal se ralava de impaciencia. Mais de uma vez sahiu sósinho e bem armado e andou a explorar os matagaes do outro lado do rio, com o desejo sempre frustrado de encontrar um obstaculo a vencer, um homem suspeito com quem lutasse. Nada encontrando, voltava triste, raivoso, mordendo os punhos de impaciencia, resolvido a pedir que o tirassem d'alli, que o agregassem a uma columna das que se batiam diariamente, das que de passagem lhe deixavam cada tres dias viveres para elle e os seus homens. Munições era inutil substituil-as, que as outras ainda lá estavam. O que se gastava sim era pão, arroz e teucinho. Aquillo não era uma guarnição de soldados, era um asylo! Elle e a sua gente não faziam outra cousa mais do que comer e se aquecer ao sol.

Os officiaes que, ao passar, ouviam as suas queixas, rindo lhe auguravam tempos difficeis para breve.

— Não tardará o dia em que não possaes dormir...

Mas passavam todos; e horas depois se ouviam os tiros e as descargas de fuzilaria e viam-se ao longe as nuvens de fumo das escaramuças. E Pascoal, em santa paz, sempre alli pregado, com os seus quinze homens, sem que os proprios mosquitos os perseguissem!

Mudou a séde das operações e começou a ser menos transitado aquelle ponto. Raramente se via passar

uma columna e no silencio da noite não se ouvia mais o estrondo esmorecido de combates longinquos. Essa calma parecia a Pascoal de bom agouro. Andando por longe o grosso do exercito, era possivel que d'alli se approximasse alguma columna inimiga. E assim aconteceu. Não foi uma só columna que se approximou e sim varias, numerosas, operando combinadas, que se soube que alli se pretendiam concentrar.

A noticia encheu de alvoroço o sargento Pascoal ; graças a Deus ia poder finalmente bater-se, iam ser disparadas aquellas carabinas, que limpavam com tanto cuidado e que até então não tinham servido mais do que quaesquer adornos innocentes.

Pascoal velava alerta sobre uma muralha, esperando a hora do ataque, porém a hora não veio tão cedo quanto elle contava. Ao ter noticia da aproximação das forças inimigas, foram mandados a toda a pressa, em auxilio da pequena guarnição do forte, quarenta homens commandados por um official.

O sargento era obrigado a passar o commando ao official. E o official que chegou com os quarenta homens de reforço era Luciano, o *moleirão*, o que se tinha recusado definitivamente a voltar ao jogo da pedra, porque lhe tinham partido a testa com uma pedrada!

Ia ser Luciano quem dirigiria a defesa, quem talvez dentro de duas horas desse a voz de fogo, ao passo que Pascoal, o bravo Pascoal alli tinha passado quatro mezes de completa inacção, como um invalido, um inutil!

Luciano fallou pouco, dispoz o que havia a fazer. E não tardou em apparecer o inimigo. O primeiro assalto foi duro: mas os caçadores rechassaram os rebeldes, com a sua pontaria certa e a calma no tiro que lhes

provinha do bom commando. O inimigo retirou levando os seus feridos, que eram em grande numero.

Mas a retirada não era senão uma espera. Em maior numero e com mais energia atacaram elles no dia seguinte, e, se não venceram, provaram ao menos que a sua força era muita e que faziam tenção de se apoderar do forte custasse o que custasse.

Recúaram de novo : não para fugir, porém para se refazer e extender as linhas, recebendo novos reforços e rodeando inteiramente o forte, de maneira a interceptar toda e qualquer communicação.

Durante tres dias não houve ataque. Tambem os do forte não se moveram. As mudanças de posição de ambos os exercitos tinham augmentado para os rebeldes a importancia d'aquelle posto e a todo o custo era preciso que elles o ganhassem.

As forças que envolviam o forte eram consideraveis e bem organisados; a posição dos seus defensores era perigosa e difficil de sustentar; tinham poucos viveres e as munições lhes faltariam, não sendo suppridas em breve. Era necessario, pois, economisar em tudo e ter mais paciencia do que temeridade.

Pascoal desconfiava muito do tenente Luciano. Na sua opinião era necessario alli um valente, um homem de muita bravura, que fizesse uma sarrafusca offensiva e rompesse as linhas inimigas. Ora Luciano em vez de agir, deixava agir o inimigo; e aquillo dava mostras de não acabar nunca, isto é de acabar pela fome.

Na sua exaltação, Pascoal não cessava de discorrer; a sua bravura e o seu odio aos rebeldes o faziam vêr tudo em côres negras e de sangue. Achava inevitavel que os inimigos se apoderassem do forte e lhe parecia mais acertado que se fizesse uma sortida; que se aban-

donasse o posto, porém fazendo de passagem uma brecha sangrenta nas linhas inimigas, que morressem todos, sendo preciso, mas que se vingassem antes matando muitos rebeldes; não morressem alli dentro de fome e desespero.

Isto é o que lhe parecia a unica solução capaz e o tenente Luciano estava decidido a não sahir. Que podia elle esperar alli assim? Nada absolutamente. E porque então não sahir? Por medo, certamente; pois para lutar corpo a corpo uma cousa fazia falta a Luciano, que era a bravura. Bem o sabia Pascoal desde o famoso jogo da pedra. Isto de fazer militares a estudantes! De que servem os livros quando o que falta é um coração valente e brioso?

Chegaram aos ouvidos de Luciano as observações acintosas de Pascoal e um dia mandou chamal-o para lhe dizer que se callasse e não andasse a julgar do que não entendia.

— Meu tenente — observou o sargento — a gloria de um soldado não está em morrer de fome como um triste mendigo.

— A Gloria do soldado está em cumprir estricitamente o seu dever. Viemos aqui para guardar a fortaleza e não para combater por prazer de nos alegrar o sangue.

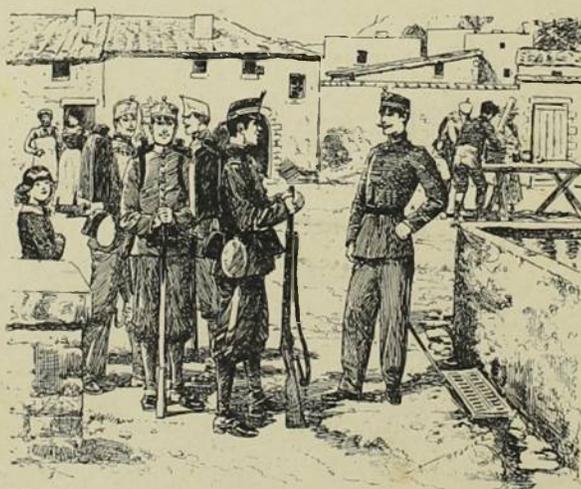
— Não ha mais viveres. Não se pôde mais esperar.

— Que se possa ou não, é por miuha conta.

Sahiu Pascoal furioso e Luciano ficou sósinho, consumido pela fome e pelo calor. Sabia que o sargento podia ter razão, que aquella situação talvez não tivesse sahida. Mas tambem sabia que sahir a pelejar seria perder o forte e que guardando-o até morrer de fome

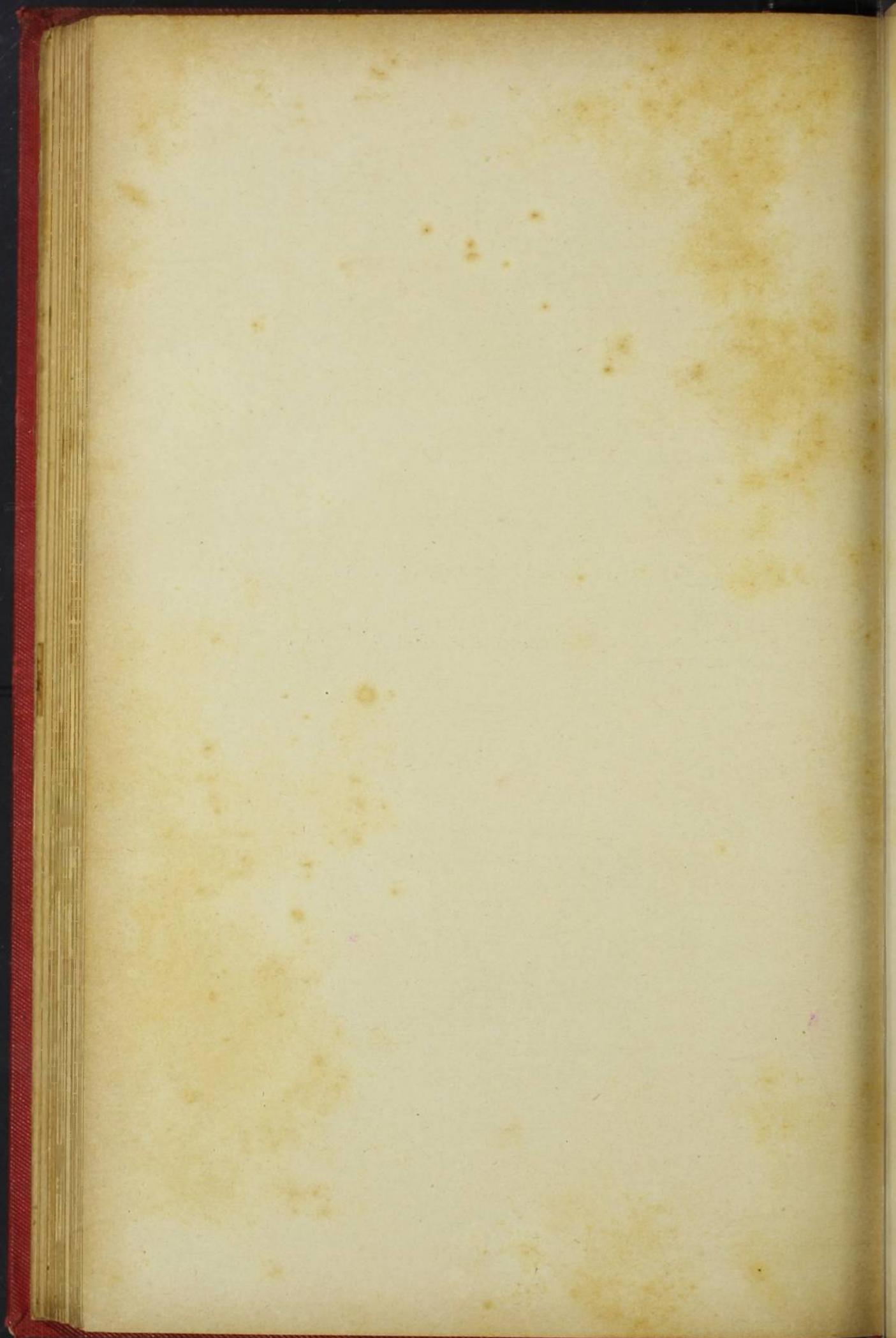
podia dar tempo a que viesse occupal-o uma columna dos nossos.

E assim succedeu. Quando o tenente Luciano estava quasi a expirar, porque a sua natureza debil era muito sensivel ás privações; quando a guarnição do forte, raivosa e faminta, já estava quasi decidida a seguir as insinuações de Pascoal abandonando o seu chefe verdadeiro, o tenente Luciano, cujo heroismo em resistir elles consideravam como um simples medo de combater, veio uma columna de soccorro romper o cerco, batendo o inimigo. Chegaram homens e viveres à fortaleza e deante d'elles Pascoal com a nobreza propria de um bravo accusou-se do seu erro: — Sim, é verdade — dizia elle — o tenente Luciano é que estava certo. A mim ferveu o sangue e podia ter feito uma loucura. Não é quem mais se arrisca o que tem mais valor. Em cumprir o seu dever ha muitas vezes um valor que falta aos outros.



O NAMORO DO BONECO

A Luiza, Concha e Annita.





O NAMORO DO BONECO

I

Vivia eu n'esse tempo na rua da Graça, numero 9, no terceiro andar, e moravam na mesma casa dous jovens pintores que occupavam no commodo acima do meu um espaçoso atelier. Eram uns rapazes muito agradaveis e desde o primeiro dia em que os conheci tratei-os com essa natural confiança, filha da sympathy e mãe da verdadeira intimidade, que irmana os corações. E elles me retribuïam cordialmente a affeição que lhes votei. Ora subia eu ao atelier para palestrar alguns momentos, ora desciam elles ao meu quarto em busca de livros ou de papel para escrever. Consultava-os eu quando escrevia sobre cousas de arte e elles submettiam á minha critica o que pintavam. E, quando não sahiamos juntos depois da ceia, nos encontrava-

mos á meia noite em casa do Fornos e não nos separavamos senão para ir dormir, tirando elles ainda assim um pequeno cavaco no meu quarto, emquanto me deitava.

Em taes circumstancias não me deu incommodo nem custou grande trabalho satisfazer ao pedido de meu amigo Raphael incluso na seguinte carta : « Meu querido Luiz, procura-me um buraco em que eu viva e um cantinho de atelier onde trabalhe. Na quarta-feira da semana que vêm te abraçará o teu amigo — Raphael. »

Perguntei á dona da casa se tinha algum quarto desoccupado. Respondeu-me que não e então lhe recommendei que me reservasse o do primeiro inquilino que se fosse embora. Emquanto não havia outro comodo, Raphael poderia dormir no meu gabinete. Propuz aos pintores que recebessem o meu amigo na sua officina e elles gostosamente accederam. De sorte que quando Raphael chegou a Madrid d'ahi a quatro dias, ao vêr como se tinham arranjado as cousas, ficou contentissimo de se achar com tão bons camaradas e de viver ao pé de mim, porquanto me estimava sinceramente e contava dedicar-me todos os lazeres que lhe deixassem os seus estudos. « Olha, menino — dizia-me elle ; — eu venho feito um mameluco e a ti incumbe a tarefa de me converter quanto antes em pessoa decente. Algumas vezes te servirei de estorvo, mas isso não tira que tambem me possas explorar. Com o que eu te contar terás materia para escrever mais de duzentas historias. Assim pois, vamos lá, Luizinho ; vê tu como amansas este potro bravo, que não tem má vontade, graças a Deus, mas que vêm cheio de manhas e sestros viciosos. »

Raphael tinha então 18 annos de idade : era de phy-

sionomia sympathica e expressiva, figura esbelta e bom porte, e, embora muito longe de ser um Adonis, não se podia chamar de feio, sem commetter uma grande injustiça. Nos seus olhos brilhava sempre um olhar direito e prescrutador e os labios se lhe contrahiam frequentemente para sorrir de um modo que inquietava vagamente. Não sei o que havia de zombeteiro e malicioso n'aquella bocca, que com tanta frequencia sorria e n'aquelles olhos, que com tanta segurança e fixidez miravam. O certo é que as suas farças e pillérias, para as quaes se servia mais do gesto que da palavra, eram sempre as mais graciosas, as mais a proposito e espirituosas.

Ao cabo de poucos dias de trabalho em commum, Raphael e os dous pintores do quarto andar eram, como se usa dizer, unhas com carne. Cada vez que eu subia á officina, os encontrava em grande algazarra de chufas e risadas, trabalhando sempre, mas sempre aguçando o espirito e machinando *planos* que frequentemente redundavam em prejuizo de algum vizinho, de algum transeunte e que poucas vezes eram do bom gosto que se requer entre pessoas de boa companhia.

Raphael possuia um talento especial para arremedar a toda a gente e com muitissima graça, e as suas caricaturas eram um grande recurso para se entreter sem molestar o proximo, quando nada lhe occorria de prompto para o molestar. Lembra-me um dia em que dous cavalheiros de respeitavel apparencia, gente conhecida sem duvida, depois de uma troca de palavras azedas acabaram aos tabefes e bengaladas, em plena rua. Faltou tempo a Raphael que presenciara a scena, para voltar a casa e represental-a ao vivo na officina. Carecendo, porém, de um auxiliar, lançou mão de um

manequim, que vestimos com o trajo severo de um cavalheiro, e recostamos sobre umas cadeiras que figuravam ser a carruagem. Chegado o momento mais interessante da narrativa, Raphael manobrava com tanto acerto que os braços do boneco, movendo-se igualmente sem parar, pareciam ter adquirido vida e vendo-os qualquer juraria que os dous *representantes* se administravam realmente uma formidavel tunda.

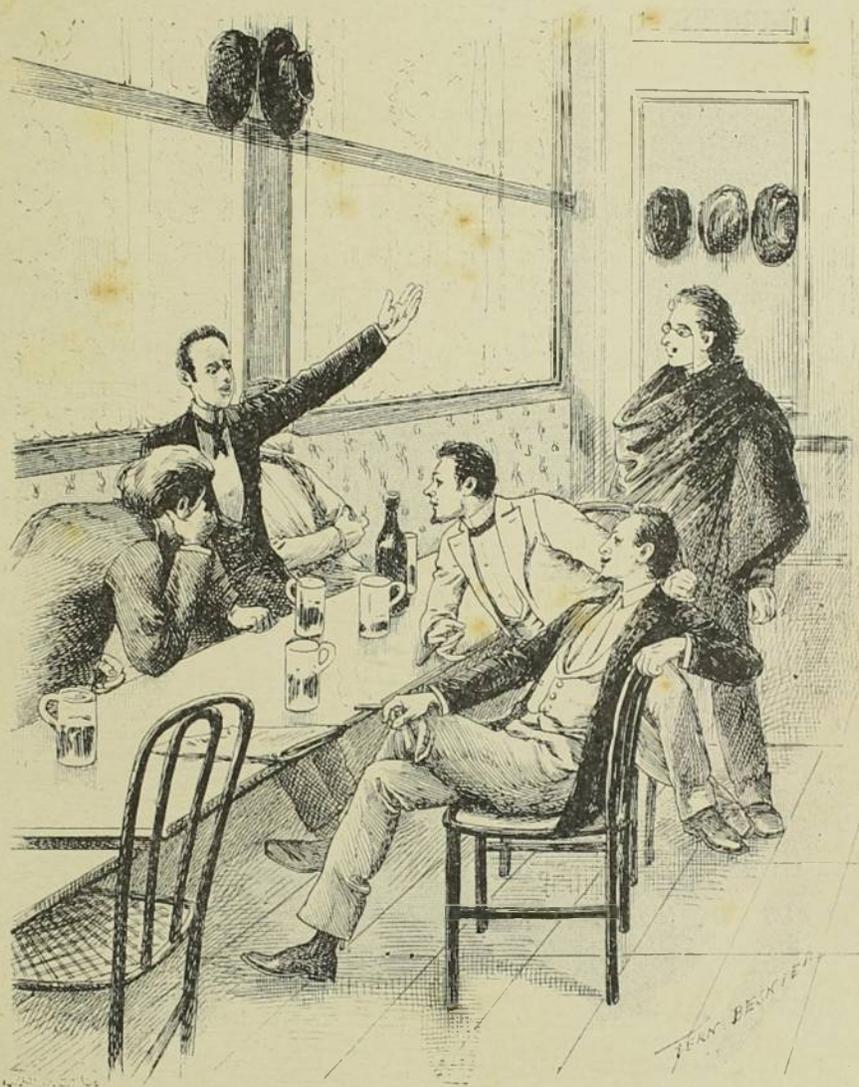
Desde aquelle dia o manequim foi para Raphael um instrumento inapreciavel de que lançava mão frequentes vezes. Ora era um cavalheiro elegante que desejava ser retratado ; ora era o pagem da Condessa que trazia uma perfumada carta de amor ; ora o Conde, furioso e cheio de ciumes ; ora um tio da America, que desembarcava em Santander carregado de ouro, etc., etc. Cada dia era necessario inventar alguma cousa nova, e assim voavam essas horas felizes, cuja recordação ainda hoje me alegra muitas vezes.

II

No outro lado da rua e não muito longe da nossa casa morava uma linda rapariga, loura como os trigos, alva de neve, esbelta e delicada como os lyrios do valle.

Sem duvida alguma sabia o que se passava na officina dos pintores ou tinha vontade de o saber, porque todas as vezes que sahia á varanda (o que era bem frequente) lançava para a nossa humilde morada um olhar investigador. Raphael foi o primeiro a notar o in-

teresse e a curiosidade com que a loura punha os olhos nas janellas da officina, e um dia nos disse solemne-mente :



— Aquella mulher é capaz de comprehender o meu coração de artista. Aquella mulher sente a arte.

— O que aquella mulher sente — observou um dos camaradas — é não ter um noivo.

— Pois ha de ter...

— Tu te apresentas?

— Se ella me quizer...

E desde então se estabeleceu entre o pintor e a linda vizinha uma corrente de olhares e sorrisos. Ao cabo de um mez trocavam cartas e se marcavam encontros nos passeios e theatros. Elle não deixava-a mais e ella não podia viver sem tel-o ao pé de si.

Elvira, que tal era o nome da rapariga, nos parecia a todos uma perola, e portanto não extranhámos que o enthusiasmo de Raphael, se elevando por graus successivos, chegasse a fazel-o esquecer tudo para pensar n'ella exclusivamente.

Corria o tempo, que nos acaricia com mão perfida e damninha. Raphael, cada vez mais namorado, abandonava os pinceis para chegar á janella, e Elvira (que pelos modos não tinha outra occupação) passava horas inteiras á varanda. D'este modo, a quinze metros de distancia, se communicavam por acenos o seu amor que fôra pouco crescendo e já tão alto andava que topetava com as nuvens.

Aquillo, porém, não podia durar. Havia dous mezes que Raphael não dava uma pincelada. As suas télas cobertas de poeira dormiam a um canto da officina uma paixão ephemera expellira do seu cerebro os pensamentos sensatos e razoaveis e o amor que antes professara pela arte tinha sido vergonhosamente substituido pelo amor leviano que lhe inspirara uma namorada vulgar. Antes que lhe fallasse alguém, Raphael comprehendeu isso muito bem, e uma manhan, quando nos levantavámos, emquanto tomavamos o chocolate, disse-me elle muito seriamente :

— Levei a pensar toda esta noite. Comprehendo que

o meu *derricho* excedeu os limites regulares. Por muito que me agrade aquella rapariga, seria uma tolice imperdoavel estar eu sacrificando o meu futuro em passar horas inteiras a lhe fazer acenos e requebros de olhos. Resolvi escrever-lhe, para lhe dizer, que sem deixar de lhe querer muito, careço de olhar menos para ella e mais para a pintura.

— Isso é o que deves fazer — respondi-lhe — e folgo immenso em encontrar tanto juizo na cabeça de um namorado.

— Pois sem perder mais tempo, lá vou preparar a pilula.

E lá mandou á namorada uma longa carta em que lhe expunha os mil motivos que o impediam de continuar por mais tempo a vida de janella.

No dia seguinte recebeu Raphael a *Correspondencia de Hespanha* que levava á margem e escriptas a lapis estas linhas : « Inolvidavel e adorado Raphael. Comprehendo que careces de trabalhar muito. Porém se o dia te faz falta para pintar, dedica a noite á tua — Elvira. »

— Pois dedica-lhe a noite — dissemos nós em côro, quando elle nos leu essa eloquente nota. — Emquanto nós estivermos bem quentinhos n'uma sala bem agasalhada do Fornos, tu passarás horas interminaveis á janella, feito um sorvete. Começa hoje mesmo, para aproveitar a lua... em breve poderás pegar-lhe com as mãos ambas.

A encantadora Elvira, envolta n'um roupão còr de carne, e o desditoso Raphael, embuçado na sua capa, trocavam olhares de amor de dentro dos respectivos envoltorios, sem se atreverem a mover sequer uma mão com medo que o frio entrasse pela abertura.

— Deliciosa cousa é o amor! — dizia desesperado o meu bom amigo, quando nos contava a sua tristissima situação. — Eu não aturo mais isto e vou dizer á senhorita que por fim de contas eu não sou bastante urso para viver assim impavido na neve.

— Nós bem te diziamos que com esses amores ao luar, depressa pegarias a lua com as mãos. Tu não serves para isso...

Mas vinha a noite e lá ia o pobre Raphael para a sua atalaia, porque o coração estava ferido por aquella mulher que lograra dominal-o.

III

Passaram muitos-dias... e outras tantas noites. Em uma d'estas, destemperada e fria, como quasi todas as d'aquelle rigoroso inverno, quando estavamos no Fornos palestrando e fumando tranquillamente, sem que eu nem os pintores pensassem em Raphael, entrou este e veio sentar-se ao nosso lado.

— Tu por aqui, rapaz? — disse-lhe eu sorpreso, — e a tua Dulcinéa?

— Não te inquietes por ella, que já encontrei um bom substituto.

— Como assim? alguém t'a soprou?

— Não, homem, não. A estas horas lá está a pobresinha me contemplando e me fazendo signaes...

Imaginámos todos que elle se zangara com Elvira e que não queria ou não ousava dizel-o com franqueza.

— E tu agora estás livre? — perguntou um dos pintores.

— Como o ar, como a entrada nos bazares, como os passaros do bosque...

— E Elvira já não tem mais noivo ?

— Está visto que tem, e um rapagão !

— E tu já não és o noivo de Elvira ?

— Pois então não hei de ser !

— Diabos te levem.

— Vocês não me acreditam ?

— Basta de historias ! pobre amante desprezado !

— Basta, basta.

Não insistimos sobre o assumpto, porque alguém apresentou um thema de maior interesse que abriu uma discussão de duas horas. Quando nos recolhemos eram tres da madrugada.

Raphael subiu ao atelier antes de se ir deitar e na manhan seguinte procedeu deante de nós á leitura de uma carta da namorada, que entre outras muitas babuseiras dizia o seguinte : « Tive hontem um susto terrivel quando te vi immovel durante tanto tempo. Pensei que tivesses gelado. É verdade que fazia um frio espantoso. »

Ao ouvir isto olhámos todos para o manequim, que lá estava agora a um canto do atelier, envolto cuidadosamente n'uma velha capa e com um largo chapéu desabado na cabeça.

— O boneco é o meu substituto — declarou Raphael.

— D'esse modo evito queixas e não apanho frio. Que lhes parece a idéa ?

— Sublime ! — gritámos, applaudindo freneticamente.

E desde então o manequim passou as noites á janella e Raphael voltou a ser o nosso inseparavel companheiro de glorias e fadigas.

E desde então foram para nós objecto de grande divertimento as cartas de Elvira, que com frequencia continham paragraphos como o seguinte :

« Disseram-me que te viram hontem no Variedades. Quanta inveja e quanta mentira ha n'este mundo! Como se eu não te tivesse visto á janella... Eu bem sei que não vives senão para mim. »

E n'outro dia :

« Quando papae sahiu eu te fiz signal para que te retirasses, porém tu não percebeste. E elle poz o bino-culo para ti e me perguntou : Quem é aquelle mamar-racho? Parece um boneco de papelão. Bonita estampa!... »

E dous mezes depois :

« Que susto me pregaram aquelles brutos! Disparar um tiro de revolver, que brincadeiras?... Fechei minha janella, porém tu não arredaste pé da tua. Se sou-besses que pouca graça acho n'essas valentias!... »

E no mez de Junho, tempo de canicula :

« Meu querido, não sei como podes aguentar essa capa de inverno durante o verão. Bem sei que o relento é mau para a saúde; mas tambem não póde ser bom embuçar-se d'esse modo. Não sei como te não desfazes em suor.. »

Essas cartas eram lidas ao manequim, ao qual todos nós davamos conselhos e faziamos considerações profundas sobre a sua paixão. O pobre boneco nos escutava de braços cahidos, cabeça inclinada e chapéu á banda. Com os seus olhos de vidro e a sua face adusta e ainda que sempre dilatasse a bocca para um sorriso, parecia querer dizer : « Olhem que a vizinha e eu não estamos para brincadeiras e as suas me parecem bastante pesadas! »

IV

O diabo, que não dorme nem descança, sempre occupado em inspirar aos desditosos mortaes idéas de perdição, metteu-se uma noite connosco e ao cabo de uma interminavel patuscada deixou-nos de manhan na Estação do Meiodia, aonde fomos tomar o trem, decididos a visitar a famosa e imperial cidade de Toledo.

Depois de uma ausencia de quarenta e oito horas, a primeira cousa que encontrámos ao voltar para casa foi uma carta para Raphael, uma carta de Elvira. Grande sensação! Vejamos! Dizia assim :

« Cavalheiro : Sois um infame! A farça de que fui objecto me faria morrer de vergonha, se não reflectisse que muito peor que viver enganada seria morrer por um homem de tão pouca valia. O que fizestes commigo não tem qualificação em linguagem humana. Sois um miseravel. Rogo-vos que me devolvaes as minhas cartas, se com ellas não tencionaes fazer alguma villania, e que façaes de conta que jamais nos conhecemos. —
Elvira.

Subimos immediatamente ao atelier e lá encontrámos o desgraçado boneco, que ainda tinha os olhos postos n'aquella varanda d'onde tantas noites o contemplara

Cheia de amor a desditosa Elvira.

N'essa mesma tarde Raphael devolveu á sua ex-noiva um pequeno maço de papeis, contendo toda a sua correspondencia, acompanhado da seguinte carta :

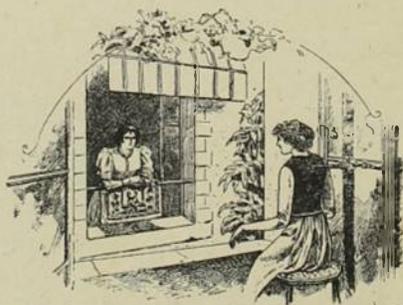
« Senhorita : Não foi uma intenção maligna como supõe, porém circumstancias fataes e que deploro, o que me obrigou a representar a ridicula farça, que lhe peço não tomar em consideração, pois que de modo algum póde ferir o seu amor proprio. Devolvo-lhe, como me ordena, as suas cartas, sem me atrever a exprimir o que sinto n'este momento, porque depois do que aconteceu, as minhas palavras lhe não mereceriam mais crédito. Deus lhe dê toda a fortuna que merece. Seu respeitossissimo amigo e servidor Q. S. P. B. — *Raphael.* »

V

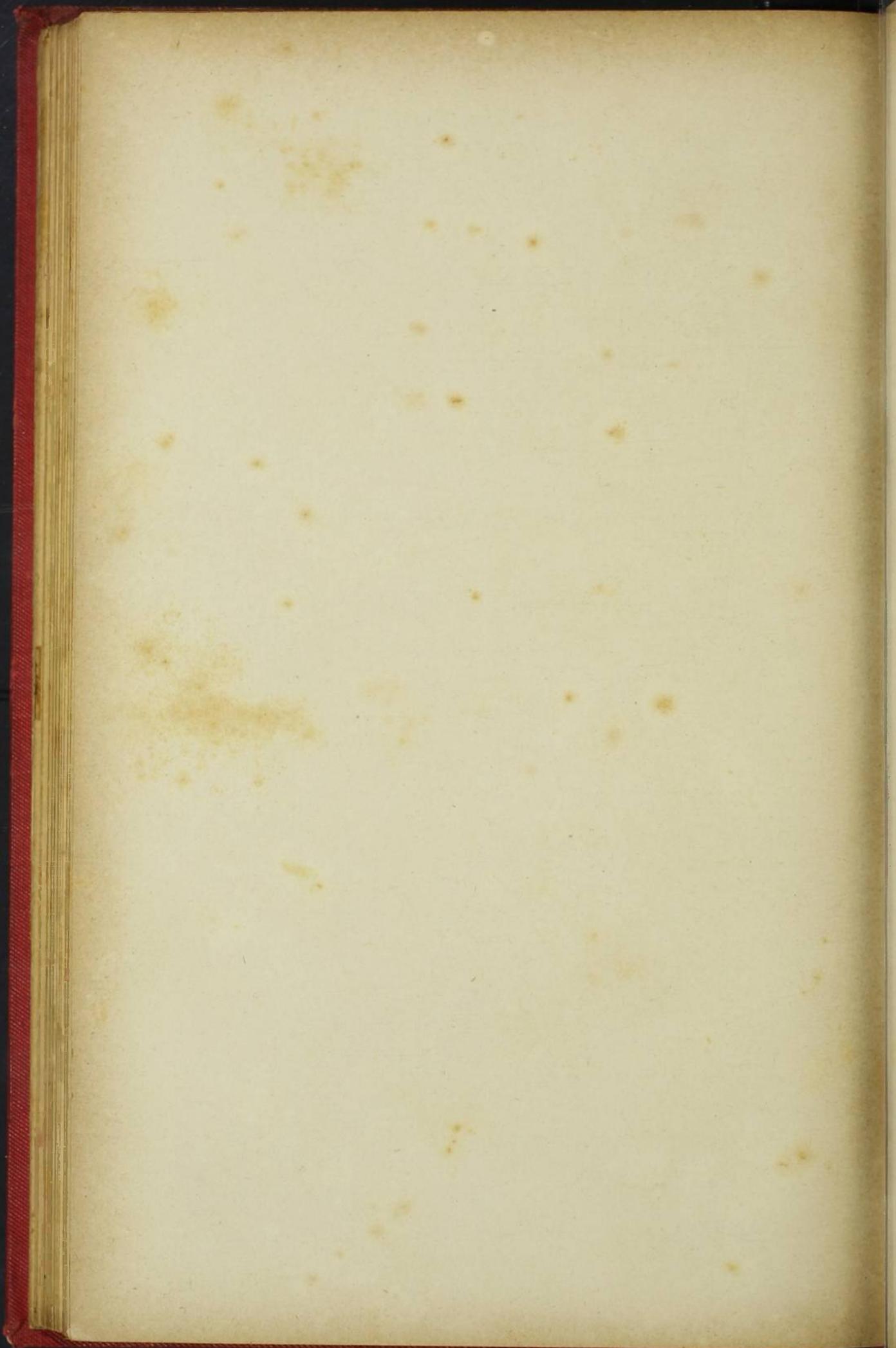
E poucos dias depois um garrido e galante pintalegrete dava mil voltas pela nossa rua e Elvira o contemplava da sua varanda.

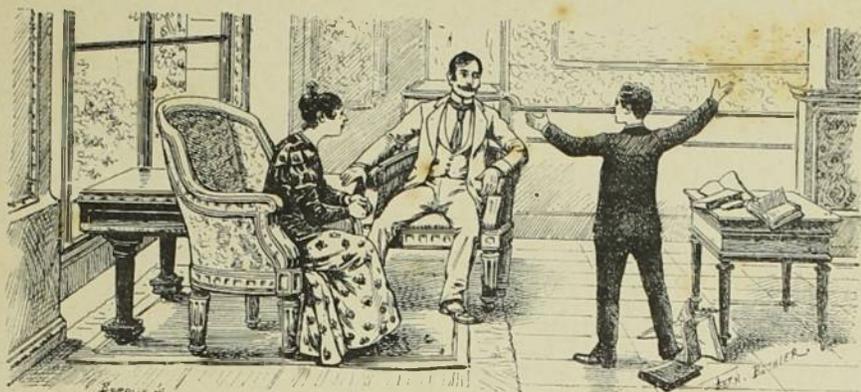
Porém mais de uma vez levantava a medo os olhos para olhar o atelier dos pintores, com um ar aprehensivo que parecia significar :

« Não será tambem *isto* uma peça que vocês me querem pregar? Agora, este se move e é um homem de verdade... Mas ha bonecos mecanicos! e desde o dia fatal em que me vi tão cruelmente lograda todos os homens me parecem bonecos. »



PUNIDOS POR DESCRENÇA





PUNIDOS POR DESCRENÇA

I

Os paes queriam dedical-o a uma carreira scientifica, porém ao vêr a sua vocação irresistivel julgaram prudente não contrarial-a, e Ricardo teve a immensa alegria de não voltar ao Instituto de ensino secundario onde seguia os cursos de Algebra e Rhetorica, e de poder logo entrar para a Escola de Bellas Artes como alumno de desenho do natural e de esthetica.

Não aproveitava mal o seu tempo, e os professores o apreciavam como trabalhador e rapaz sério. A inspiração, porém, não lhe vinha em auxilio.

A inspiração! o influxo indefinivel que anima a obra de um artista com uma vida original, mais sentida do que observada, emanação sublime de *um mais além* que não conhecemos, vestigio de *qualquer coisa* que

se revela ao nosso espirito como um canto de cherubins e um resplendor de gloria, de qualquer cousa que não cabe a todas as horas da triste existencia humana, porém que se mostra de vez em quando para nos consolar com uma inexprimivel elevação do espirito.

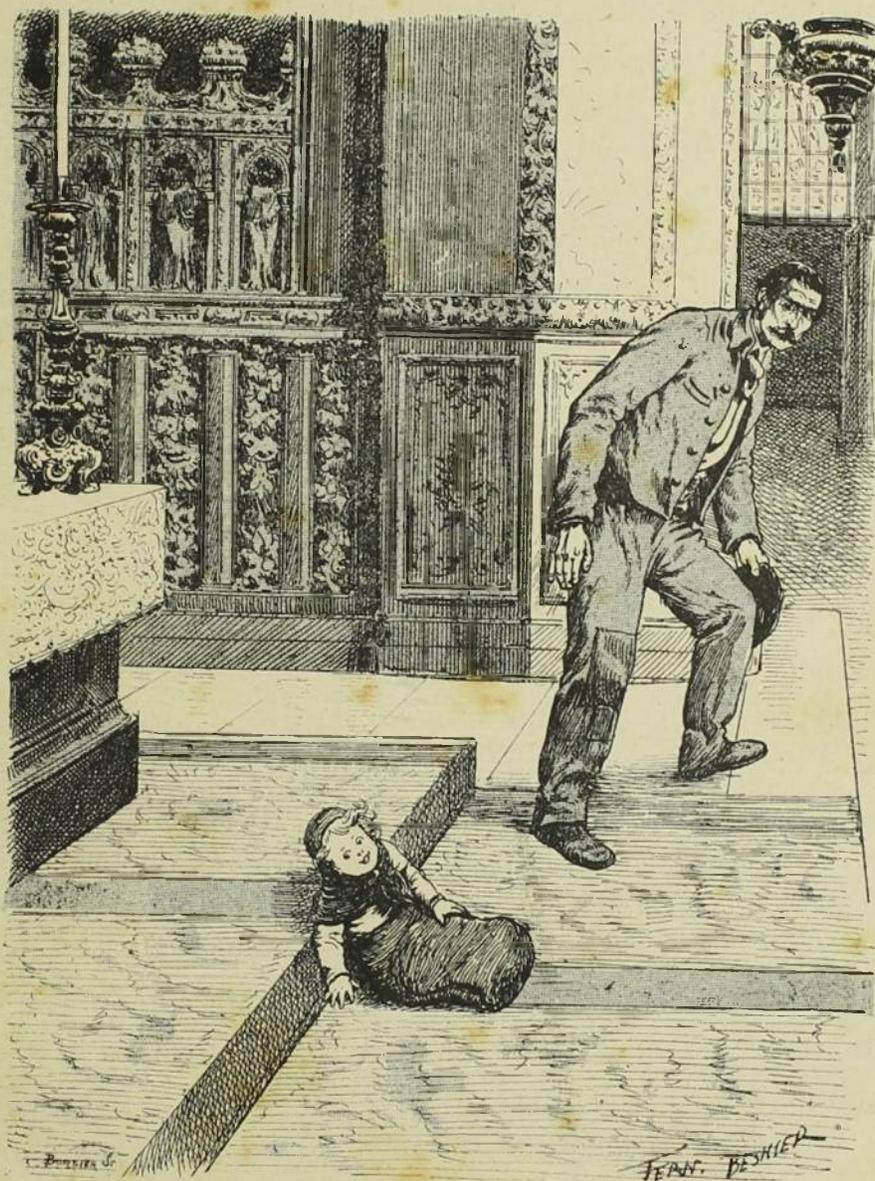
Ricardo nunca sentiu essa febre que faz milagres, porém nos seus sonhos de futuro não via senão a arte, e, consagrando-se a ella, trabalhou sem descanso.

Cinco invernos se passaram e, concluidos e approvados os seus estudos, entrou Ricardo para o atelier de um artista de grande nomeada e que tão preocupado vivia com as suas obras que mal tinha tempo para pensar em seus discipulos.

II

Na epoca incomparavel da Renascença, quando as artes plasticas se renovaram, guiadas por genios immortaes como Miguel Angelo, Benvenuto Cellini, Raphael Sanzio e Leonardo de Vinci, se produziu na esculptura e na pintura um movimento semelhante ao que no tempo de São Bernardo renovou a philosophia e a theologia. Em torno dos grandes pintores se congregavam todos os apaixonados, todos os fanaticos de professar arte, e se formavam *escolas* onde o mestre era respeitado e seguido humildemente por todos os discipulos que tomavam parte integrante nos trabalhos (começando por moer as tintas e acabando por desenhar o esboço e reproduzir o colorido) a um ponto tal que hoje em dia os amadores e os peritos confundem

muitas vezes a obra do mestre sublime com a dos seus discipulos fanatisados.



Basta isto para dar uma idéa da differença que ha entre esses enthusiasmos dos tempos gloriosos e a indiferença geral do dia de hoje, que influiu sobre

Ricardo. O mestre descuidoso dos discipulos e os discipulos se rebellando contra as idéas do mestre, entregues á propria e livre inspiração quando n'ella confiam, ou trabalhando sem ardor nem ambição quando sómente os leva um capricho : não se dá esse contacto constante de almas e de intelligencias, que incutia no inexperiente a cultura do erudito e fazia este descobrir as aptidões d'aquelle, podendo assim favorecel-as e lhes dar desenvolvimento.

Hoje a escola não existe e a individualidade reina ostensivamente mesmo entre os mediocres ; e por isto, ao sahir do atelier do pintor, Ricardo que não tinha genio que o fizesse original, tambem não adquirira esse *que* de artistico aprendido que os discipulos de um Raphael ou de um Murillo adquiriam e conservavam.

Entretanto não hesitou. Era um homem de idéas absolutas ; comprehendia que o seu cerebro atulhado de noções positivas e scientificas carecia de inspirações sublimes e traçou o seu programma de trabalho com mais modestia, o que já era de bom pensar. Os trabalhos de ornamentação sahiam primorosos das suas mãos, porque desenhava correctamente e com summo gosto, e o seu pincel, esquivo a dar vida e côr ás figuras e ambiente e luz a uma paizagem, corria primorosa e seguramente por sobre as linhas de uma grega ou de um arabesco, dava relevo ás petalas de uma flôr e brilho e realce ás pedras preciosas e aos metaes ricos, ás amethistas engastadas em cadeias de ouro, ás esmeraldas e rubins bordando labores preciosos ou aos topazios completando em gotas de ouro transparente a sumptuosidade dos tecidos antigos do Oriente.

III

Tendo assim fugido á luta gloriosa, ás desillusões do artista ambicioso, para se limitar a um trabalho modesto e regular, Ricardo se resignava a soffrer todas as penas e carestias que amarguram a existencia do operario.

Fez o conhecimento de Rosa e d'ella se ennamorou e no mundo azul da esperança os dous sonharam por uns tempos, como loucos ou como innocentes.

Mas a realidade se impõe e mais fortemente persegue e opprime a quem mais longe d'ella anda sem d'ella se arreceiar.

Ricardo e Rosa andaram por longe d'ella, sem se acautelar contra ella, e no mundo chimerico da esperança só viviam protegidos pelo seu ardente amor.

A esperança se desvanece como uma nuvem de incenso e o amor se abandona covardemente, quando só os desejos lhe dão vida e o estimulam.

E sem lutar contra a dura realidade, nem siquer se defender dos seus ataques, Ricardo e Rosa victimas do seu amoroso delirio, da imprudente imprevidencia, cahiram na miseria. Na mais funda e mais negra das miserias, onde não ha sonho que dure nem esperança que resista, na espantosa miseria sem fogo para se aquecer, nem pão para se nutrir, na miseria desoladora e solitaria cahiram elles.

Ainda assim se amavam, embora infelizes.

Ricardo exgotou todos os recursos para encontrar trabalho, porém nada conseguiu.

Todas as manhans sahia o pobre com o mesmo

ardor e todas as noites voltava para casa com o mesmo desalento sem nada ter encontrado. Nada!

E da mesma sorte que antes floresciaam as suas illusões, começaram a se entranhar nos seus corações as raizes da sombria descrença; o amor que se tributavam mutuamente não desfallecia, porém ao lado d'elle cresceu o odio a todos os seres humanos.

Descrentes de tudo e de todos era agora a descrença a sua condemnação como antes o fôra a illusão cega em que viveram.

E foi justamente n'esse tempo que lhes veio um filho, a elles que viviam sempre aterrados pelo espectro da fome!

Aquella criança vinha tambem soffrer a influencia, o peso esmagador da má fortuna... Era melhor, mil vezes melhor separal-o da sua vida malsinada; peor do que com elles nunca poderia viver o filho.

IV

E resolveram separar-se d'elle. Uma manhan muito cedo Ricardo metteu a creança n'um cabaz, entrou na igreja mais proxima e o deixou encostado a um altar.

Tinha a alma tão amargurada que ao sahir da igreja e correndo as ruas durante meia hora chegou a se esquecer do que havia feito.

De uma casa o chamaram repetidas vezes. Quem era que assim o chamava. n'um tempo em que todos o abandonavam e fugiam d'elle?

Era um amigo de infancia : o *acaso* convertido em Providencia, que se cruzava com elle na hora mais triste.

Subiu, conversaram. No dia seguinte começou a trabalhar n'uma obra de importancia... Depois lhe offereceram outros trabalhos... E com os trabalhos lucrativos veio o renome...

Porém a paz! a paz da sua alma, essa nunca mais voltou!

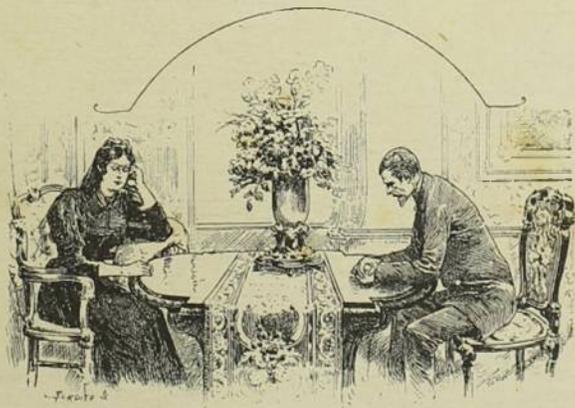
— Nunca! nunca! O filho abandonado ao pé do altar onde estaria? Era impossivel saber. E a sua fortuna que augmentava sem cessar com a torrente de ouro não lhe podia estancar a fonte das lagrimas amargas.

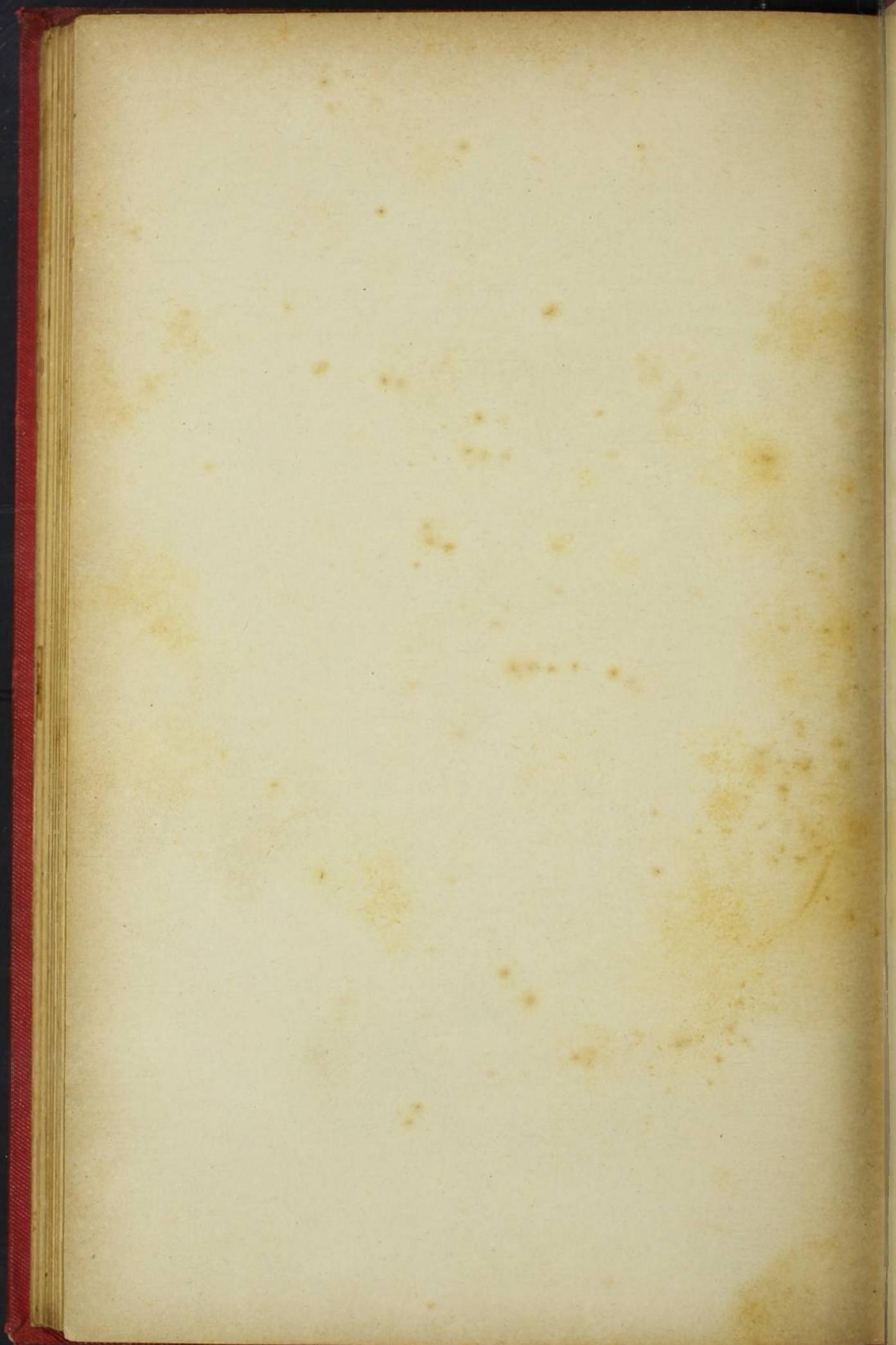
V

Ricardo e Rosa eram mais infelizes do que antes, no tempo da grande miserias, porque agora o seu mutuo amor se transformara em remorso.

Não se achegavam um para o outro, como se receiassem abraçar-se e no mais ligeiro rumor ou sussurro de vozes suppunham ouvir a vozinha da pobre criança abandonada por desalento, que lhes dizia sem cessar :

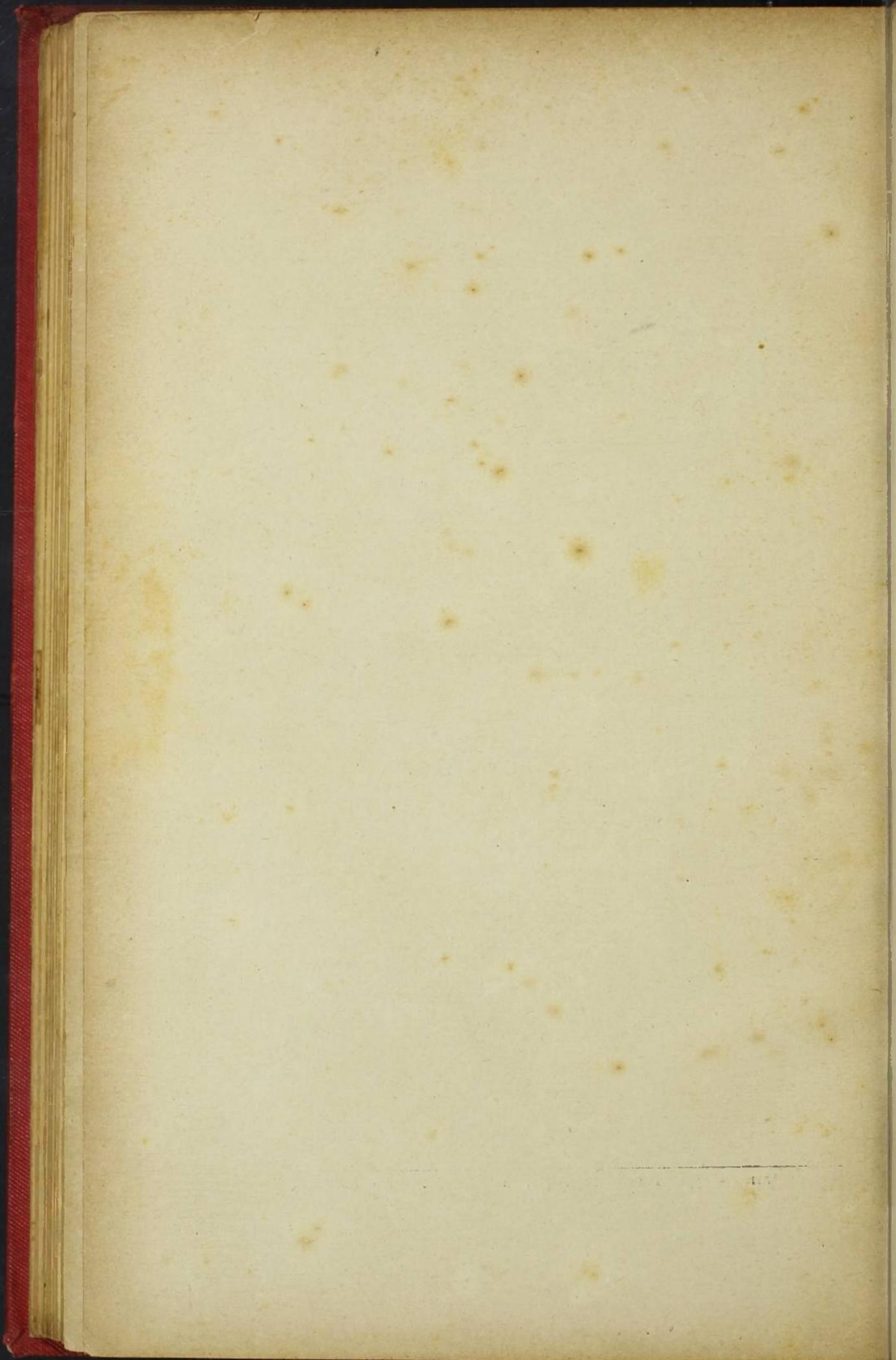
« Vós descrestes do tempo, descrestes das vossas energias, descrestes de Deus. Castigados por descrença, podeis chorar, chorae! Nunca mais tereis filhos! »





INDICE

PROLOGO	v
A Gloria chega.	1
Geitoso.	19
Paciencia... e ao trabalho.	39
Por traz do balcão.	55
O Genio inquieto.	75
Sapiencia.	89
Corôa de espinhos.	107
O Afilhado.	123
A Obrigação.	141
O Namoro do boneco.	159
Punidos por descrença.	173



36A03

